

Montras às escuras
a partir das 22 horas
e TV encerrada
às 23 horas

Seca impõe austeridade nos consumos de energia

Pág. 10



Leitos de rios completamente secos: uma paisagem que poderá dominar o próximo Verão

Fala-se
de uma base
de radares
NATO
também
no
Algarve?

Pág. 24

Em vez de aumentar a funcionalidade
criam-se espaços para exposições...

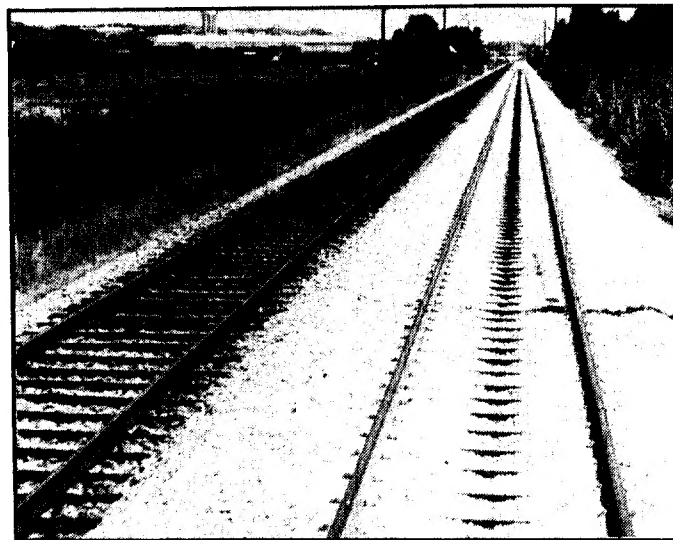


Aeroporto de Lisboa Ampliação remetida para o século XXI

Enquanto o projecto de ampliação do Aeroporto da Portela, destinado a torná-lo operacional pelo menos até ao ano 2010, permanece há meses na gaveta do Executivo de Pinto Balsemão, a ANA (Empresa Pública de Aeroportos e Navegação Aérea) prepara-se para decorar e reaproveitar o espaço existente, devendo as obras ser iniciadas a breve prazo na chamada área Norte-D, considerada inaproveitada com as suas actuais três portas de embarque.

O projecto já em fase adiantada de estudo prevê, segundo revelou esta manhã ao «DL» o porta-voz da ANA, a criação de espaços destinados à exposição de obras do artesanato português, não estando completamente posta de parte a hipótese de virem a ser dinamizadas galerias vocacionadas para outros sectores da cultura.

Quanto ao projecto de ampliação para o ano 2010, que parece ter lançado para as «calendas gregas» a construção de um novo aeroporto (Marcelo pensou-a para Rio Frio e Viana Baptista já falou na Ota), aponta para a construção, por fases, de uma nova aerogare com capacidade para dez milhões de passageiros/ano (presentemente o movimento é de cerca de quatro milhões/ano) e de um terminal de carga. Entre as vozes que se têm levantado contra a viabilização deste projecto merece particular destaque a de Krus Abecasis que já em Janeiro de 1981, numa reunião da CML, em resposta à solicitação da ANA argumentou, ao dar parecer negativo, que a ampliação do Aeroporto da Portela «trazia consigo graves problemas no dimensionamento de novas estruturas urbanas, viárias e outras».



Para viabilizar a CP

Sete linhas férreas poderão ser encerradas

O ministro Viana Baptista confirmou ontem, à saída de uma reunião com os responsáveis da CP, que sete das dez linhas ferroviárias de via estreita ao serviço da CP poderão encerrar dentro em breve.

O fecho daquelas linhas desde há muito que é encarado como uma forma de reduzir os custos daquela empresa pública de transportes. Um recente decreto relativo à viabilização económica da CP determina contudo que o encerramento de linhas ou estações «só se pode verificar desde que estejam criadas alternativas equivalentes de transporte ou se demonstre a inexistência de interesses sociais relevantes a salvaguardar».

Pág. 10

El Salvador
Eles lutam
por uma
causa justa

«Diziam-nos que quando caíssemos nas suas mãos, eles nos matavam. Agora vejo que é diferente. Quando vínhamos para aqui, um gerrilheiro até água nos deu com as duas mãos. De facto é gente com humanidade, que me espanta. Acho que eles lutam por uma causa justa» — assim falou ao jornalista português, numa zona libertada de El Salvador, um dos «governamentais» prisioneiros da FMLN, desmentindo ainda boatos que correm sobre os fornecimentos de armas aos guerrilheiros.



Pág. 15

Hoje
“Ler-
Escrever”

Meneres Pimentel de visita à PJ
Haverá menos criminalidade
com o novo Código Penal

Pág. 9

Os euromísseis, meu amor

Beja Santos

EM Mira Prospekt em Janeiro moscovita de nevão suave, nevão baloiçando nos abetos que estendem os braços para a nossa compreensão de paz e cooperação, empenho o teu coração ao meu, a tua memória no cesto da gávea, tal o vislumbre da ilha de coral, inacessível. Porque rufam os tambores com o erro de cálculo do computador e o euromísil, a ogiva, um milhão de graus em nossas vidas, a alta precisão descontrolada, a febre do falcão, os duplos e triplos cordões sanitários, e tu és, mulher única, a distância de um euromísil, o meu roxo da manhã, meu engaste de amor, meu único campo de batalha. Meu adorado amor, meu pulso messiânico vem com os ventos marítimos a Mira Prospekt, com teus lábios amorangados de nevoeiro; vem salmar com tua rosácea frágil o hediondo destes organogramas guizados pelo paranóico do n factorial. Tu ouves o que eu ouço, minha funda de campo de mineiros, tu ouves o que se sabe e teme e repele das novas armas de César? Os multi-satélites, os quatro a seis minutos para percorrer com três ou quatro ogivas no bojo seis, sete ou oito mil quilômetros, e com precisão radiológica se sossegar um Moloch sem rosto?

Em Mira Prospekt, um general confirma a imprevisibilidade do

acidente termonuclear, o botão accionado por adversidade atmosférica, por falso alarme, por alarme contra-alarma. 150 milhões de mortos, os rios estéreis, os órfãos na eterna dúvida, os velhos sem memória, os potros sem uma ponte levadiça; 150 milhões de mortos na Europa do laboratório nuclear limitado. Porque depois é a solidão enlouquecida, os canhões de partículas aceleradas, as outras ogivas nucleares em desmontagem das fauces da terra úbere, as laser, os campos electromagnéticos artificiais, o míssil anti-míssil, o turismo do físsil sem retorno. Com foguetes em submarinos sem porta-aviões, em rampa dissimulada, na expectativa das conversações de Viena, depois da Acta Final de Helsinquia, que vem um médico concluir nesta sala de Mira Prospekt? Não haverá sangue para as transfusões. 70 a 80% dos médicos estarão mortos, os equipamentos de diagnósticos ficarão pulverizados. Porque Moloch é um vencedor vencido, um epicentro do vazio.

São estes os engenhos com milhões de toneladas de potência explosiva, minha mulher única, são estes os tecidos da voz dilacerada; aqui tens o santo e a senha do extermínio de massa. O mulher amada, ao alcance de euromísil na resposta do holocausto, ó minha funda de repouso ecoando salmos transparentes nos ventos marítimos à bolina, quem posso prevenir numa carícia ao nácar do teu peito? Como nos afastar, num

abraço de milhões, deste hálito da morte armamentista, como murmurar o nosso ímpeto de relação em espírito e carne, em beijo fecundador, nessa inútil folha anti-míssil?

Em Mira Prospekt, entre o nevão suave e o mapa-tipo da previsão demantada dos céasares sobreviventes, tua espada rumorejante, é um buril em minhas témporas. Tu és menina de nevoeiro cantando o roxo da manhã. Ou a paz imorredoura. Ou enzima de sementeira na irmanação sagrada. Ou arado para rasgar os nossos campos. Ou telemática, ou saneamento básico, ou robótica, ou os Anjos da Paz, nossos milhões de filhos dessiminados por creches, jardins, bibes esvoaçantes, ou pão de centeio, ou os teus lábios nos meus, ou as nossas coxas levitando sem a ameaça de euromísseis movidos a propulsor roubado a nossas fábricas, a nossos pescadores e operários.

Em Mira Prospekt, importa-nos mais que congelar essas cargas de cinquenta mil ogivas, ou quatro toneladas de TNT por habitante, em mundo futurado de seca e raiva. Mais do que pactos de não agressão, confrontos STAR, o solidó dos confrontos aplacados, mais do que o asco e o sobressalto e toda e qualquer ogiva de alcance intermédio, mais que o murmúrio dos teus lábios frescos de nevoeiro agitando abertos em dessimulados

exijo que nos ressumas a manhã diferente, o roxo onde me resurgiste em teu trapézio de aconchego. Lá fora, imperturbável, o nevão suave empenha meu coração ao teu. Amor, como desarmar, aonde cooperar?

Com outras leis de clarão, ramificando o aço dos engenhos de usina sem venenos tóxicos, misturando velhos dialectos na filosofia da crosta terrestre, trocando alfaias, búzios, cântaros, rimances, retratos, passeios. Comungando estradas e silos, calendários e voos cósmicos, e com o mesmo pau de giz traçando óbitos sobre a doença, a peste, a casa fria ou os palcos da fome.

Em Mira Prospekt, meu amor persignado, sussurras paz uterina, a única matéria-prima sem violência. A ferros com Moloch sem rosto, Moloch que nunca viu as nossas filhas, arremesso o teu sílex no fim da terra, com o azul fresco de nevoeiro, tua ternura. Em Mira Prospekt, minha trave-mestra e minha abastança do sangue. Meu adorado amor, à distância, ainda, de um euromísil. A distância que nos une num beijo de paz, muito mais precioso que um milhão de dólares de Moloch por minuto.

Porque só uma mulher fala a todo o instante a linguagem de paz suprema, o amor.

Paz das entranhas, paz sem fim. Abetos em abraço de mulher. Em quatro a seis minutos para percorrer seis, sete ou oito mil quilômetros. Paz para fecundar.

Os tempos modernos e a música

Luísa Balette

VERIFICA-SE, ainda hoje, quando assistimos a um concerto, o desejo inconfessado de ver impresso no programa, pelo menos uma sinfonia e, referindo-nos agora aos apreciadores da denominada música clássica nos seus serões de família ou na solidão dos seus ócios, frequentemente escutam uma sinfonia, não propriamente por conhecimentos mais ou menos profundos dessa forma musical, mas sim, pelo que ela transmite de calma, tranquilidade e contemplação, ao ambiente do «habitat» familiar.

Independentemente das perguntas histórico-técnicas tais como o desenvolvimento da forma sinfónica e a diferença entre ópera, sinfonia ou concerto, a palavra sinfonia impressiona quase sempre o grande público e, na maior parte dos casos, é tida como uma significação de força e intensidade, qualquer coisa de grande e profundo que influencia a sensibilidade de cada um. Muitos compositores usaram esta forma musical para expor a sua concepção de vida, e/ou a melhor maneira de transmitir a sua mensagem, ou, muito simplesmente, a necessidade da sua inserção no programa, indispensável complementação de uma audição musical.

Mas seja qual for a mensagem e recordemos uma, a de Beethoven, onde as palavras de Schiller ganham alturas não sonhadas, uma sinfonia tem sempre uma linguagem própria, imbuída de velhas abstracções forjadas nas verdades eternas, não necessitando de nenhum significado literário ou ligação a quaisquer incidentes particulares ou pessoais, para ser ela mesma, fonte inesgotável de recreação introspectiva e íntima.

Essas mesmas abstracções que caracterizaram todas as sinfonias post-época de Joseph Haydn, excluam, naturalmente, todo o pensamento de neoclassicismo, neo romantismo ou qualquer outra definição em «ismo» no espírito do compositor ou do ouvinte.

Mas abstraindo as capacida-

des técnicas, uma sinfonia exige verdadeiramente uma determinada qualidade que é o ser afectiva, ou seja, transmissível, para atingir em pleno a sua maturidade.

Não defendemos aqui a ligação do imaginário, que quase sempre é inseparável da ideia de sinfonia, mas sim, a necessidade de exprimir ideias musicais — necessidade que vem somente com a maturidade do espírito, sem nada a ver com a idade do músico.

Temos casos flagrantes como, por exemplo, os chefes de orquestra-compositores que poderíamos considerar como protótipos; também as condições sociológicas orientaram o músico cosmopolita, o compositor cosmopolita, a falarem abstratamente a todo o mundo sem ex-

istentes, muito se explorou sobre as diferentes características surgidas durante e após a I e a II Guerras Mundiais; não é, pois, necessário, salientar aqui as suas causas e efeitos, se foi bem compreendido que a I Guerra Mundial que começou, em princípio, por ser uma guerra propriamente territorial, se transformou numa guerra ideológica, uma guerra entre o humano e o inumano, entre o direito e a força, entre o bem e o mal e até, entre o homem e o monstro.

O apelo dos líderes levou os povos a defender a todo o custo, não somente as casas, as terras, e todas as condições materiais de sobrevivência mas também os direitos já adquiridos pela humanidade contra o assalto dos bárbaros.

É mais fácil ceder a proprie-

ton, Descartes, Racine e Voltaire, Goethe e Kant, Mozart, Beethoven, Dostoiévsky e Ibsen — qualquer dos nomes citados que indicam bem a importância desta interferência cultural demonstram que «cosmopolitismo» não é um clube nem um partido político, nem mesmo um «movimento» mas, muito simplesmente, a consciência evidente de uma responsabilidade internacional.

Embora o cosmopolitismo, num belo esforço de solidariedade humana se tenha sempre manifestado, sem qualquer fundamento político, apenas com a força das suas reivindicações ou manifestos, não conseguiu sustentar duas guerras mundiais que, ora vestindo a pele de leão ou de cordeiro, ameaçaram, realmente, todos os povos da terra.



Guernica, de Picasso

cepção, a se assumirem, eles próprios, cidadãos desse mesmo mundo.

A aplicação das características cosmopolitas na música e na vida, a aplicação desse fenómeno sociológico que nos conduz à conclusão de que a Segunda Guerra Mundial que entretanto desdobrava de furor pudesse, alguma vez, ter sido tratada com distância como se não se admitisse, mesmo que vagamente, a sua influência no artista.

É por demais conhecida a força de normas extra-humanas às quais todos tiveram de reagir em tempo de guerra. Dos numerosos estudos históricos hoje

dade de toda e qualquer região do que permitir a sabotagem e a destruição dos fundamentos em que se baseia toda uma civilização, desta vez a civilização europeia.

A solicitação geral em prol da defesa das tais noções que tão importantes se tornaram no mundo em que vivemos ou sejam «Liberdade» — «Civilização» — «Cultura» é suficiente para evocar o espírito do indivíduo a imagem de «civilização europeia» cuja estrutura surgiu de uma interligação de Homero, Sófocles, Horácio, Santo Agostinho e São Francisco de Assis, Dante, Miguel Ângelo, Rembrandt e Calderon, Shakespeare, New-

Mas se outrora isso aconteceu assim, no cosmopolitismo de hoje em que se vive diariamente com o fantasma de uma nova geração, a noção de sobrevivência é muito mais aguda e daí a necessidade de mais união entre todos os que querem a paz.

Sem dúvida, os antigos perigos — morte, destruição, abolição e desrespeito pelos direitos humanos não desapareceram; mas agora, somos senhores de uma outra lucidez e compreendemos a tremenda possibilidade e até realidade que os novos métodos de guerra significam para a humanidade ou, mais objectivamente, a aniquilação completa

Continua na pág. 22



Mulheres refugiadas vivem entre a perseguição e a discriminação sexual

São as mulheres com filhos, mas não acompanhados dos seus maridos ou outros homens susceptíveis de as defender, as que constituem o grupo de refugiados numericamente mais importante, segundo constata Laetia Van Drunen, num relatório elaborado para a Comissão Internacional Católica para as Migrações (CICM). Dividindo as mulheres refugiadas em três categorias (as solteiras, as casadas e as que têm filhos, mas se encontram sós), o relatório refere que a importância deste último grupo é particularmente notória em países como a Somália e o Sudão, onde uma grande maioria da população refugiada é constituída por mulheres.

Mulheres que se encontram, segundo o relatório, a braços com terríveis dificuldades, pois além de terem de suportar a miséria ou a ausência de confronto inerente à maioria dos campos de acolhimento para refugiados, são ainda vítimas de uma discriminação social. Vivendo na insegurança específica que lhes confere a sua vulnerabilidade sexual, as mulheres refugiadas defrontam-se, tanto durante a sua fuga, como nos campos, com a ameaça permanente de perseguição e violação.

A ausência de perspectiva de futuro, para as mulheres refugiadas que se encontram nos campos de acolhimento, é também focada no relatório, que cita a propósito o facto de terem sido arrancadas a tudo aquilo que condicionava o seu papel e lhes dava a sua identidade no país onde nasceram. Por outro lado, as solteiras ou mães sós não têm, nos campos, e segundo o relatório, a possibilidade de uma relação graças à qual poderiam vir a encontrar marido ou, através da qual, a sua virgindade pudesse ser proegida.

Salientando que as mulheres devem participar nos projectos de decisão, nomeadamente na organização de projectos individuais, o relatório aponta para o facto dos programas que visam as actividades remuneradas deverem ter em conta a experiência, qualificação e a força de trabalho real das mulheres refugiadas no seio da sua própria comunidade. Referindo-se às formas de assistência directa, o relatório considera ser o ensino uma das mais construtivas e salienta que o acesso à educação representa, para numerosas mulheres, um dos raros aspectos positivos da vida nos campos de refugiados.

Mas não é só nos campos de acolhimento, onde a estadia é provisória, que as mulheres refugiadas encontram sérias dificuldades.

Também a reinstalação definitiva no estrangeiro constitui, segundo o relatório, uma experiência difícil. Não só porque a maioria das refugiadas sofre um certo desenraizamento psicológico devido ao facto de terem sido brutalmente projectadas numa cultura estrangeira, como este é exacerbado pelas diferenças, que frequentemente existem, entre o estatuto social da mulher em vigor no seu país de origem e o do país de reinstalação, que é geralmente um país industrializado.

Retomando a questão da educação, o relatório aponta-a como podendo representar um papel vital em ambos países: no de primeiro acolhimento e no de acolhimento definitivo, por permitir atenuar um pouco as repercussões do choque cultural provocado pela transplantação de um ambiente social para outro. No domínio da educação o relevo é dado, pelo relatório aos cursos de línguas e orientação cultural.



José-Augusto França é o novo director do Centro Cultural Português em Paris

O nosso colaborador doutor José Augusto França, professor catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e vice-reitor da Universidade Nova de Lisboa, acaba de ser designado pelo Conselho de Administração de Fundação Calouste Gulbenkian para ocupar o cargo de director do Centro Cultural Português de Paris (Avenue d'Iéna).

O Centro Cultural Português de Paris é um organismo da Fundação Calouste Gulbenkian. O doutor José Augusto França já desempenhava, na Fundação C. Gulbenkian, as funções de director da revista «Colóquio-Arte».

A sua ida para Paris não privará os leitores do «DL» da sua apreciada colaboração no nosso jornal: o «Folhetim Artístico».



Biblioteca de Teixeira da Mota foi entregue à Marinha

Os quinze mil volumes que integravam a biblioteca particular do vice-almirante Teixeira da Mota foram ontem à tarde entregues, em breve cerimónia, ao chefe do Estado-Maior da Armada, Sousa Leitão, pela viúva do historiador, falecido em Abril do ano passado.

A cerimónia decorreu na Biblioteca Central da Marinha, em Belém, onde passará a ficar o valioso espólio de Teixeira da Mota, constituído por obras que abrangem temas como a História, Etnologia, Antropologia, Cartografia e Marinha.

Depois de catalogada, a biblioteca ficará à disposição de todos os interessados, ostentando cada um dos volumes um ex-libris especialmente criado para diferenciar os volumes doados.

Teixeira da Mota serviu largos anos na Missão Geo-Hidrográfica da Guiné, depois do que foi professor na Escola Naval e prestou serviço no Estado-Maior da Armada, bem como no comando da Defesa Marítima da Guiné e no Comando Naval de Angola.

Estudioso de história marítima, aquele oficial da Armada dedicou-se em especial ao período das Descobertas portuguesas e ao sector da cartografia.

Dirigiu o Centro de Estudos de Cartografia Antiga de Lisboa e presidiu à Academia da Marinha.

A dez dias do Congresso...

CDS: entre a guerra e o consenso

«Ou se chega a um consenso ou vamos a votos». Esta frase, ouvida esta manhã pelo «DL» da boca de um alto dirigente centrista, parece reflectir com exactidão a situação vivida neste momento dentro do CDS. Ou se chega a um consenso quanto a uma candidatura única à liderança do partido, ou então, haverá que afiar e contar armas com vista ao próximo Congresso do CDS. Na liça, dois candidatos: Lucas Pires e Luís Barbosa. Com «consenso» ou com «guerra», quem ganhará?

NO Largo Adelino Amaro da Costa, sede do CDS, multiplicam-se os esforços para que não haja guerra no que respeita à corrida à sucessão do lugar deixado vago por Diogo Freitas do Amaral. Na Comissão de Gestão do CDS, reunida ontem pela primeira vez desde a sua nomeação no Conselho Nacional do partido, desenvolvem-se esforços para se chegar ao Congresso (18, 19 e 20 deste mês) com uma lista única.

Luís Barbosa conta à partida com o apoio dos mais altos dirigentes do partido. Oliveira Dias, Sá Machado, Rui Oliveira, Morais Leitão, Rui Pena, Luís Beirão, Anacoreta Correia, Ribeiro e Castro e outros, já assinaram um documento apoiando a candidatura do actual ministro dos Assuntos Sociais.

O «DL» soube, porém, que o documento ficou «congelado» até ao sucesso ou insucesso de tentativas para se chegar ao consenso.

Consenso que, à partida, parece difícil de obter. Por um lado, porque os apoiantes de Lucas Pires não terão apreciado a situação de «facto consumado» em que foram colocados, quando souberam da existência do documento Luís Barbosa e das assinaturas por ele recolhidas. Por outro, porque no seio dos próprios

apoiantes de Luís Barbosa também existem «sérias divergências» no que respeita a um largo leque de questões.

«Bluff» flagrante?...

Meios próximos de Lucas Pires — que se mostra pouco interessado em pronunciar-se sobre a questão da liderança do partido —, consideram que a «linha» Luís Barbosa tenta, fora e dentro do CDS, oferecer a «imagem de uma solidez que não tem» e, por essa via, gerar uma corrente de apoio à candidatura do actual ministro dos Assuntos Sociais. Para esses meios, o «bluff» dos apoiantes de Luís Barbosa «é mais do que flagrante».

Dai, revelam as nossas fontes, os esforços que desenvolvem para se chegar a um consenso. Temendo o apoio de que beneficia Lucas Pires em várias distritais, a classe dirigente do CDS tenta evitá-lo, fazendo com que Lucas Pires adira a um documento único cuja figura de proa é Luís Barbosa.

Segundo o «DL» apurou esta manhã, «Lucas Pires, ciente da jogada e embora interessado em conseguir a unidade dentro do partido, já manifestou a sua intenção de não se sujeitar ao facto consumado». Para o ministro da Cultura a visão da linha Luís Barbosa no que concerne aos caminhos que, no futuro, o CDS deverá trilhar, não é

coincidente com a sua. Forte dos apoios com que conta a nível de distritais e de quadros médios do partido, Lucas Pires poderá optar pela alternativa «vamos a votos».

JC nega apoio

No preciso momento em que se inventaria dentro do CDS a relação das forças em presença, a Juventude Centrista veio ontem negar notícias vindas a lume e segundo as quais a sua preferência iria para Lucas Pires.

Para a JC, o apoio a dar «só acontecerá após deliberação dos seus órgãos competentes».

No entanto, o apoio da JC a Lucas Pires é encarado como certo.

Tanto mais que num comunicado publicado segunda-feira, a JC defendia teses caras ao ministro da Cultura: «reforço e renovação do projecto democrata-cristão em Portugal».

A escassos dez dias do seu Congresso, o CDS continua à procura de um líder. Depois de várias «recusas» (Sá Machado), «derrotas» (Basilio Horta) e «balões de ensaio» (Rui Oliveira), apenas dois nomes surgem com «possibilidades»: Luís Barbosa e Lucas Pires. Qual ganhará e porque via — «guerra» ou «consenso»? —, só o futuro próximo o dirá. Um futuro cujo nome poderá ser **Congresso**.

Manuel Anta

«Quem é quem» na Comissão de Gestão

Três juristas, um economista e um engenheiro civil, todos com experiência governativa, dirigem os destinos do CDS até ao seu próximo Congresso, nos dias 18 e 19 do corrente.



Adriano Moreira, o mais velho, 60 anos, dos cinco elementos da Comissão de Gestão dos democratas-cristãos, licenciou-se em história-jurídica pela Faculdade de Direito de Lisboa e foi ministro do Ultramar do Governo de Salazar (1960 a 1962) e depois director do Instituto Superior de Ciências Políticas e Ultramarinas.

Partiu para o Brasil após Março de 1975, regressou a Portugal em Abril de 1978 e ingressou no CDS em Março de 1979, tendo sido eleito deputado à Assembleia da República nessa qualidade.



Luís Barbosa, 50 anos, é licenciado pelo Instituto de Ciências Económicas e Financeiras de Lisboa, tendo trabalhado como gestor em várias empresas privadas e participado na fundação da Sociedade Portuguesa de Marketing.

Foi ministro da Habitação e Obras Públicas do sétimo Gabinete governativo e segundo da AD, ministro dos Assuntos Sociais do oitavo e chegou a ser indicado como ministro de Estado para o abortado nono Governo.

Ex-baixo cantante, ex-locutor da antiga Emissora Nacional de Radiodifusão (1957), este militante do CDS, que exerceu o cargo de vice-presidente do seu grupo parlamentar, foi um dos autores do programa da Aliança Democrática.



Morais Leitão, de 43 anos, é licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, exerceu a advocacia até 1968, foi administrador delegado da Companhia de Seguros Mundial e durante a década de 70 animou algumas actividades no âmbito da SE-

DES.

Foi um dos fundadores do CDS, de cujo conselho económico fez parte, e desempenhou as funções de ministro dos Assuntos Sociais do sexto Governo e das Finanças e Plano do executivo seguinte.

Nas suas actividades contam-se as desenvolvidas nos conselhos fiscal do «Diário de Lisboa» e editorial do «Expresso», bem como a presidência da Federação Portuguesa de Futebol (1979), cargo que abandonou para ingressar no primeiro daqueles elencos governativos.



Anacoreta Correia, 39 anos, é natural de Moçambique, onde trabalhou.

Passou também por Angola e, em Janeiro de 1980, assumiu as funções de secretário de Estado dos Transportes, integrado no VI Governo, em Lisboa.

Fazendo parte dos quadros dirigentes do CDS, teve a seu cargo no primeiro Gabinete de Balsemão, a pasta da Defesa, como secretário de Estado.



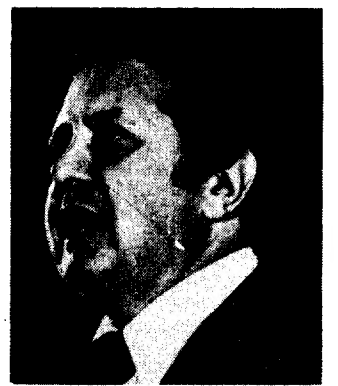
Lucas Pires, o mais novo dos cinco dirigentes actuais do CDS, 38 anos, é licenciado em direito pela Faculdade de Coimbra, tendo natural apetência pelos problemas constitucionais, sobre os quais tem vários livros publicados.

Foi director de estudos do Instituto de Investimento e Formação Política, deputado pelo círculo do Porto, vice-presidente do grupo democrata-cristão no hemiciclo de S. Bento e também do próprio partido.

Conhecido pelos aforismos do seu discurso, Lucas Pires foi ministro da Cultura e Coordenação Científica do segundo Gabinete chefiado por Balsemão.



Jaime Gama e Mário Soares



Jaime Gama assegura à «Nova Gente»

Não corro atrás de quimeras políticas

O socialista Jaime Gama declarou que a sua conduta dentro do PS português «não se situa na óptica da sucessão do actual secretário-geral Mário Soares, mas antes de uma intervenção pessoal e consciente».

Gama, em entrevista ao semanário «Nova Gente», adiantou que o seu relacionamento político com Mário Soares «tem a ver com a militância comum dentro do PS e, fundamentalmente, com o facto de reconhecer ao actual secretário-geral do partido um empenhamento total na defesa do regime democrático».

«Para mim — assegurou Jaime Gama — Mário Soares, antes de ser o dirigente e fundador do PS moderno, é fundamentalmente um dos mais importantes obreiros da democracia portuguesa».

Sobre o seu futuro dentro do Partido Socialista, Gama declarou: «Como os cargos que ocupei até agora resultaram sempre de eleições, essa questão não deve ser posta a mim, prendendo-se sim a uma escolha livre dentro do partido».

O deputado socialista disse pensar considerar-se «com capacidade de autonomia para entender, na política, as motivações dos homens e a dinâmica dos interesses que agitam a vida política», acrescentando que tal lhe concede «a serenidade suficiente para não correr atrás de qualquer quimera mediocre».

«Sempre entendi que ocupar cargos políticos ou administrativos significava um acréscimo de responsabilidades e não um aumento de honras» — afirmou.

Jaime Gama, juntamente com Rui Mateus, desloca-se dia 10 a Madrid para ali participar em duas reuniões da Internacional Socialista (IS).

Enquanto Rui Mateus representará o PS na Comissão Preparatória das resoluções finais do próximo Congresso da IS, Jaime Gama vai participar na reunião da Comissão de Redacção presidida pelo dirigente es-

panhol Felipe Gonzalez e incumbida de preparar a nova declaração de princípios daquela organização.

Estes dois membros da Comissão Permanente do Partido Socialista manterão contactos na capital espanhola com a Comissão Executiva do PSEO sobre a cimeira entre os dois partidos a realizar dia 18 em Madrid.

Linha da frente

Entretanto, a Comissão Permanente do Partido Socialista divulgou um comunicado em que condena energeticamente a realização da Conferência de Solidariedade com os países da Linha da Frente.

Os elementos socialistas que participam nesta iniciativa, nomeadamente José Manuel Galvão Teles e João Cravinho, «fazem-no a título meramente pessoal e não em representação do partido», assegura o comunicado.

Mais adiante afirma-se que «os objectivos de tal conferência que conta com o apoio do Conselho Português para a Paz e a Cooperação, se inserem no rol de acções de sensibilização levadas a cabo pela diplomacia soviética em relação à África Austral e não podem ser entendidas como acto isento ou independente».

Depois de acusar o CPPC de ser «destituído de qualquer representatividade popular e ser uma sucursal da estratégia soviética à escala planetária, o PS «considera negativo que os organizadores e promotores de tal iniciativa tenham preferido destacar o CPPC e o bloco que apoia tal organização em detrimento de uma autêntica actuação anti-«apartheid» susceptível de alargar e não seletarizar o leque de solidariedade aos países da Linha da Frente e a todas as vítimas da discriminação racial e da agressão racista na África Austral».

Visita do ministro australiano da Defesa ao território de Timor-Leste FRETILIN considera «provocação»

A Fretilin declarou hoje à ANOP considerar «uma provocação» a atitude do ministro australiano da defesa, Ian Sinclair, que no fim de Janeiro esteve em Timor-Leste e na Nova Guiné Ocidental.

Um membro do Comité Central da Fretilin, Abílio Araújo, considerou particularmente significativo que aqueles dois territórios, onde se verifica actividade contra o regime de Jacarta, tenham sido incluídos no roteiro da viagem que Sinclair efectuou à Indonésia.

A Austrália não autoriza ninguém conotado com a Fretilin a entrar no seu território, mas espera-se que a situação mude se depois das eleições gerais australianas deste ano o Partido Liberal for substituído no governo pelo Trabalhista — disse Araújo.

Em 1978 foi expulso da Aus-

trália o cidadão maubere Estanislau da Silva, que durante três anos vivera isolado no interior do país, munido de um rádio, pelo qual contactava com os guerrilheiros da Fretilin activos em Timor Leste — recordou Abílio Araújo.

A luta de guerrilha está actualmente a atingir em Timor-Leste um ponto alto, e por isso se verificam muitas detenções, conduzindo as autoridades indonésias uma autêntica campanha de terror — afirmou o delegado da Fretilin em Lisboa, que acrescentou que muitos compatriotas seus são torturados e forçados a fazerem denúncias, muitas vezes sem qualquer fundamento.

Nos últimos meses, a Indonésia instalou na zona agrícola rica de Maliana, junto à fronteira norte de Timor-Leste com o Timor Indonésio, 200 famílias oriundas de Bali.



SABEMOS CONJUGAR TRÊS VERBOS MUITO IMPORTANTES:

projectar construir exportar



sonarte

A nossa comprovada, e cada vez maior, capacidade industrial,
permite-nos que continuemos a ser

o primeiro fabricante nacional de autocarros

Salvador Cuatuno



Foram convocados pelo presidente do Congresso, a pedido do presidente do Partido, Pinto Balsemão. Reúnem-se amanhã para debater o futuro do PSD e preparar o Congresso. Entre os «notáveis» estão, Balsemão, Mota Amaral, Mota Pinto, Eurico de Melo, Cavaco Silva e Luís Fontoura

“Conclave” dos “Notáveis do PSD” amanhã em Lisboa

Sairá “fumo branco” a anunciar a nova direcção do partido?

Dezoito dirigentes do PSD foram convocados pelo presidente do congresso, a pedido de Pinto Balsemão, para um encontro de reflexão. A reunião, que terá lugar amanhã, na sede do PSD, terá a presença de personalidades como Eurico de Melo, Cavaco Silva, Mota Amaral, Alberto João Jardim, Leonardo Ribeiro de Almeida e Meneres Pimentel. Helena Roseta, que também estava entre as figuras a contactar, partirá dentro de algumas horas para Paris, para um período de férias com a família.

MOTA Amaral, entretanto, reúne-se já hoje, com o presidente do PSD, Pinto Balsemão, de quem foi, aliás, sempre um “incondicional”. No entanto, e apesar de ser sempre “hipótese” de solução, Mota Amaral já anunciou a sua indisponibilidade até 1984.

Os dirigentes sociais-democratas buscam uma liderança para o partido. Um entendimento para o congresso. Mota Pinto, que recebeu o apoio do PSD de Viana do Castelo e de Coimbra, já contactou — em reuniões e deslocações a vários pontos do País — nomes como Eurico de Melo e Cavaco Silva. Os resultados levam-no a recusar a “chefia” do partido e optar por uma “ direcção colegial”. Pinto Balsemão que já anunciou não se recandidatar, sublinhando, no entanto, que “por sua iniciativa” — poderá integrar essa “equipa”.

Resta saber como actuará o Grupo dos 44 que, na sua moção de estratégia, mantêm a direcção clássica do partido: presidente, comissão política, etc.

AD: estes não a querem

Entretanto, também começa a delinear-se a orientação estratégica dos principais dirigentes do PSD para o próximo congresso. Na moção do Grupo dos 44 (Meneres Pimentel, Luís Fontoura), a AD terminou. O PSD deve ir sozinho às eleições. Também a arqu. Helena Roseta já o afirmou e repete na moção de estratégia, hoje divulgada: fim à AD.

Eurico de Melo, numa entrevista também não hesita: “a AD morreu”. Enquanto o Grupo dos 44 aponta a hipótese de “coligações ou acordos pós-eleitorais”, Eurico de Melo e Helena Roseta são claros: se o PSD perder, deve passar à oposição.

Estes dois destacados dirigentes sociais-democratas pronunciaram-se, mais uma vez, sobre o futuro do PSD.

Helena Roseta, quer no colóquio, quer na moção de estratégia, reafirmou as suas últimas posições políticas.

“Refazer a esperança” é um dos lemas da moção de Helena Roseta, que sublinha a certa altura: “Queremos um partido novo, moderno, arejado, capaz de estar sempre em movimento e em sintonia com as aspirações de justiça, de largas camadas da população portuguesa. O contrário não nos interessa”. Helena Roseta, é a primeira subscritora do documento, que está a recolher assinaturas nas bases do partido. Simultaneamente Helena Roseta apresentou alterações aos estatutos. Já no colóquio, ontem realizado no Hotel Roma, Helena Roseta insurgiu-se contra os “gestores públicos”: “o poder político não controla o poder económico. Herdamos uma classe tecnocrática que trabalhava antes do 25 de Abril para os grandes grupos económicos e hoje está à frente do sector público. É uma classe com estatuto privilegiado, que ganha mais que toda a gente e não presta contas a ninguém. É isto que tem de ser mudado”.

Estes querem a AD...

Também outros dirigentes se manifestam a favor da continuação da AD. Dois nomes: Pedro Santana Lopes e Alberto João Jardim. Numa entrevista a um semanário, e de acordo com o documento que o PS-Madeira apresentará ao congresso (e por nós já divulgado), defende a manutenção da AD. O presidente do Governo Regional da Madeira — numa viragem de 180 graus (já que sempre foi adepto do “bloco central”), afirma: “Há dois planos na política — o dos princípios e o da acção”. E João Jardim faz contas aos resultados eleitorais e opta pela acção. “Se o PSD vai só às eleições, corre o risco de perder a liderança do Governo da República”.

Para João Jardim, se “a única possibilidade do PSD liderar o Governo da República,

então que se ressuscite a AD”.

Também Santana Lopes é favorável à manutenção da AD. A Comissão Política Distrital de Lisboa, de que é presidente, propôs à assembleia a apresentação de listas conjuntas. E adiantou mesmo a realização de um encontro com o CDS e o PPM. No entanto, se o Congresso decidir que o “PSD vai sozinho às eleições”, os sociais-democratas de Lisboa estão em condições de avançar com listas próprias.

As distritais — eleições

Duas distritais PSD elegem as suas comissões políticas, amanhã: Porto e Lisboa.

A única lista concorrente às eleições para a Comissão Política Distrital do PSD, de Coimbra, apoiou, hoje, Mota Pinto como primeira figura do partido e candidato a primeiro-ministro.

Em comunicado, consideram que “a actual equipa dirigente do partido, aos mais altos níveis, necessita de ser repensada, criteriosamente, de forma a apresentar-se ao eleitorado prestigiada e capaz de pôr em prática o programa do Governo”.

A lista para o acto eleitoral que se realiza sexta-feira integra, entre outros, Alexandre Gouveia, presidente da assembleia municipal cessante, Dias Lourenço, governador-civil demissionário, e Jaime Ramos.

Quanto ao Porto, nas eleições do próximo sábado, concorrerão duas listas: uma, de continuidade, liderada por António Vilar, que se recandidata; a outra, que se reclama de “proposta de unidade”, encabeçada por Bernardo Brochado Coelho, advogado, como, de resto, o é também o actual presidente da Comissão Política Distrital.

“Não estar contra ninguém, nem a favor de ninguém, mas pugnar pela autenticidade do PSD como partido social-democrata” é o lema de Brochado Coelho, segundo o próprio afirmou ao “DL”. Esta

candidatura conta com o apoio do actual presidente da assembleia distrital, Ilídio Peixoto que, aliás, se recandidata ao mesmo lugar. Tem, também, a adesão de todos os presidentes das secções sociais-democratas da cidade do Porto, alguns dos quais integram mesmo a lista.

De acordo com um dos elementos da lista, esta candidatura está em sintonia com os dirigentes de Coimbra, que têm procurado uma posição de equidistância entre Balsemão e “críticos”.

A lista de António Vilar conta, fundamentalmente, com o apoio da maioria dos deputados eleitos pelo círculo do Porto, designadamente, Amândio de Azevedo, Montalvão Machado e Rui Amaral.

Durante uma conferência de imprensa que serviu para anunciar, publicamente, a sua lista, António Vilar considerou, uma vez mais, que Pinto Balsemão não tinha perfil para ser presidente do PSD. Quanto a Mota Pinto: “Não pode ser apoiado como uma bengala do dr. Balsemão e é, precisamente, isso que nos parece estar a ser feito por alguns sectores” — frisou.

Relativamente às próximas eleições, António Vilar foi claro na defesa do “PSD sozinho”, atitude que justificou com os resultados das últimas autárquicas no distrito do Porto.

Aparentemente, a lista de Brochado Coelho dispõe de maior número de apoios que a de António Vilar, o que faz prever que, pelo menos, bastante disputada será a eleição de sábado.

Os deputados

Simultaneamente, no PSD, começam a preparar-se as listas de candidatos a deputados. Cavaco Silva foi convidado para encabeçar a lista de Setúbal (sucendo a Helena Roseta) e também terá sido contactado por Leiria. Mota Pinto vai ser convidado para liderar a lista de Coimbra. António Capucho e Nuno Rodrigues dos Santos já aceitaram integrar a lista de Lisboa.

ao telefone com

FERNANDO AMARAL

“Políticos não sérios são muitos”

“**D**ESILUDADO mas não desesperado”, Fernando Amaral, ex-ministro para os Assuntos Parlamentares num dos governos de Balsemão regressou às origens, isto é, a Lamego, e de lá tem vindo a escrever, sem pressas, no órgão do PSD “Povo Livre”. E a sua prosa tem-se notado.

Um exemplo, já com uma semana de idade: “O inconcebível teve lugar. O insólito assentou arraiais na classe política da nossa praça. Ninguém se entende, ninguém compreende, ninguém esclarece... As lutas intestinas provocam uma diarreia de disparates, de absurdos, de extravagâncias que tornam fedorento o ar que respiramos.”

Ao telefone com o político que veio de Lamego e para lá voltou quisemos saber a que lutas intestinas se referia, que diarreia de disparates empastavam os ares. E perguntámos, directamente:

Ao que suponho refere-se a tudo o que se passou no seio da AD. Pode esclarecer, doutor?

“A AD foi uma maioria desajeitada. Isso é uma evidência. Os parceiros da coligação toleravam-se, mas nunca viveram frente a frente, de olhos nos olhos, no sentido de procurar as soluções que mais conviria. Houve sempre uma certa reserva, nunca uma doação total entre os parceiros. As mais pequeninas questões foram levadas ao extremo e ridicularizadas, depois, através de discursos estereotipados — em vez de imperar o bom senso.”

Isso liga-se ao que o senhor escreveu, também, no citado artigo e que passo a citar: “Basta de questões arrapazadas, de publicidade canhestra, de infantilidades grosseiras. É necessário que os políticos sérios assumam as suas responsabilidades como portugueses, como cidadãos.” Quem são, para si, os políticos sérios? E já agora, os não sérios?

“Olhe, políticos não sérios são muitos. Muitos mesmo.”

Certo. Mas quem são? Era conveniente que quem sabe não se calasse...

“Por exemplo, aqueles que têm responsabilidades governativas, que deveriam possuir o sentido da solidariedade nos órgãos de soberania, mas vêm cá para fora fazer conspiração nos corredores, fazer declarações que não correspondem à verdade nem às situações vividas nas reuniões dos Conselhos de Ministros. Conheço-os bastante bem. Senti na carne os efeitos dessas práticas.”

O senhor escreveu, também, que há “demissões que são fraquezas, exonerações que são vinganças, saídas que são cobardias, diálogos que são punhaladas, discussões que são feiras, dissoluções que são enganos”. É evidente que se refere, mais uma vez, ao espectáculo dado pelos parceiros da AD e que o senhor conhece bem. No concreto, a que situações e a que pessoas se refere?

“No concreto... Meu amigo, quer coisas mais concretas que essas que acabo de referir? Claro que não posso esquecer certos oportunismos nos pedidos de demissão em alturas em que se enfrentam situações graves e delicadas. Isto é: em situações que são sempre de tensão surgem as demissões

que, para mim, revelam, apenas, a intenção de fugir aos problemas e às responsabilidades com a finalidade de promoção pessoal. Como se fosse possível esquecer as responsabilidades que os próprios demissionários têm em toda a situação...”

Isso que está a dizer assenta que nem uma luva a...

“Perdoe e deixe que acabe. Quando os políticos esquecem a sua verdadeira missão e em vez de sacrifício e da doação se limitam a jogar com as suas preocupações pessoais, algo está mal. Muito mal. Se um ministro ou um governante quer sair, pois bem, que o faça, mas de um modo discreto, discutindo os problemas dentro do partido a que pertencem. Fazê-lo, publicitando-o...”

Vai-me desculpar mas insisto em nomes. Se não descer um pouco ao concreto muita gente vai sentir-se abrangida pelas suas declarações... E o que acaba de dizer assenta que nem uma luva a nomes como os de Pinto Balsemão, Freitas do Amaral, Marcelo Rebelo de Sousa...

“Não é preciso dizer nomes. O senhor pense como entender. Tire as ilações que quiser, julgue por si — mas assumas as responsabilidades dos seus juízos.”

Assim farei...

“Eu limito-me a fazer juízos concretos em relação a factos concretos que envolvem certas pessoas. Mas não quero apontar nomes publicamente. As acusações faço-as aos próprios, directamente. Como já fiz, de resto. Gosto de estar na política, como em tudo o resto, com toda a transparência.”

No seu artigo o senhor diz que o PSD deve ser um partido revolucionário sem fazer a revolução. Não se importa de explicar isso um pouco melhor?

“Isso tem a ver com o meu conceito de revolução. O PSD deixará de o ser se não for revolucionário. Isto é, constantemente vigilante, em busca de melhorias permanentes para o povo português. Revolução, pois, mas no sentido de revolução social que resulta da necessidade de romper com determinadas estruturas anquilosadas. Sem violência.”

Mas o PSD esteve três anos no governo e em condições óptimas para levar para a frente esse, digamos, programa. Porque não o levou à prática? “Com o CDS parece não ser possível, dado o conceito que tem do desenvolvimento económico. Parece-me evidente que o PSD ficou entalado entre as exigências dos parceiros e as exigências das nossas bases.”

Ao que suponho isso quer dizer que a sua posição agora, é a de que “AD nunca mais”. Certo? Que posição advoga para o PSD nas próximas eleições?

“Bom, entendo que o partido deve concorrer sozinho, embora deixando ficar em aberto a possibilidade de depois fazer alianças quer com o CDS, quer com o PS. Lamento, de resto, que esta dissolução da Assembleia tenha sido feita tão à pressa, sem dar tempo aos partidos para que reflitam e decidam questões tão importantes como a das eventuais futuras alianças.”

O diálogo chegara ao fim. Do outro lado do fio ficava um homem que nos dizia que tinha sido convidado para encabeçar a lista de deputados do seu partido pelo círculo de Viseu, mas que não aceitara.

• Ribeiro Cardoso

Mário Mesquita no Conselho de Imprensa

O director do «Diário de Notícias», Mário Mesquita, foi eleito representante dos directores dos jornais diários no Conselho de Imprensa.

A escolha de Mário Mesquita resultou de uma reunião na Associação da Imprensa Diária em que estiveram representadas as direcções de onze jornais.

Mário Mesquita ocupará no Conselho de Imprensa o lugar

que Vítor Cunha Rego, director de «A Tarde», declinou por preterido deixar a curto prazo aquele vespertino.

Mário Mesquita, de 32 anos, açoriano, iniciou-se no jornalismo em 1971, no extinto «República». Esteve ainda no «Jornal Novo» antes de assumir a direcção do «Diário de Notícias», há cerca de seis anos.

EFE: novo presidente

O Conselho de Administração da agência nacional de imprensa EFE designou Ricardo Utrilla, de 48 anos, para o cargo de presidente e director-geral, em substituição de Luis Maria Anson, que se tornou director do jornal monárquico «ABC».

A eleição de Ricardo Utrilla, que teve a unanimidade dos membros do Conselho, nomeados recentemente

pelo novo Governo socialista, tinha sido atrasada uma semana na sequência de pressões oriundas de sectores políticos hostis à sua designação.

Ricardo Utrilla, que era director do grupo de publicações «Cambio 16», não milita em qualquer partido. Trabalhando para a France-Presse, Utrilla permaneceu em Washington 14 anos.

TV panafricana

As Televisões de oito países africanos vão iniciar em Março, ainda experimentalmente, troca de noticiário televisivo via satélite.

Trata-se da Argélia (que coordena os trabalhos), do Egipto, da Etiópia, do Quênia, da Zâmbia, do Zaire, da Nigéria e do Senegal.

Na conferência de imprensa da União das Radiotelevisões dos países africanos, efectuada em Argel, os responsáveis salientaram que a iniciativa constitui parte da «luta do Terceiro Mundo pelo estabelecimento de uma Nova Ordem Internacional de Informação».

“Notícias de Vila Viçosa”

O «Compêndio de Notícias de Vila Viçosa», da autoria do padre Joaquim Rocha Espanca, vai ser publicado em Abril — segundo apurou a ANOP junto do Centro Cultural Popular Bento de Jesus Caraça.

O volume, igualmente conhecido pelo «Livo do Padre Es-

panca», é o extracto de quatro manuscritos guardados no Município de Vila Viçosa, contendo notícias gerais sobre o concelho, nomeadamente a Arqueologia, Humanidades e temas de interesse nacional, como os que se referem ao pintor Henrique Pousão, o único impressionista português.

A iniciativa da publicação partiu do jornal «Há tanta ideia perdida...», cujo director, Hugo Santos, viu igualmente editado pelo mesmo Centro Cultural o seu livro de poemas «Às vezes outras vezes», apresentado recentemente em Coimbra durante a Semana da Cultura Alentejana.

“NT” elege CR

A redacção do vespertino «Notícias da Tarde», do Porto, acaba de eleger o seu Conselho de Redacção.

Os jornalistas Paulo Ramalheira, Manuel Neto, Jorge Lorga e Fernando Marques (efectivos) e Simão Lopes (suplente) foram os mais votados.

Participaram na eleição vinte e seis profissionais da Redacção do Porto e da delegação de Lisboa.

Berlim: agências noticiosas

Responsáveis das agências noticiosas em Berlim de 15 países da Ásia, África e América Latina estão a participar, naquela capital, num seminário de aperfeiçoamento organizado pela agência ADN e pela União dos Jornalistas da RDA.

O seminário prolonga-se por dois meses.

Os principais temas são o aperfeiçoamento da Informação e as técnicas jornalísticas.

Transmissões da CIA para Cuba

O Governo norte-americano incluiu no projecto de orçamento federal para 1984, agora divulgado, uma verba de 40 milhões de dólares para a instalação de uma potente estação de rádio destinada a transmissões para Cuba.

A projectada instalação da «Rádio Marti» tem como objec-

tivo expresso pela administração de Reagan «oferecer ao povo cubano informações sobre a realidade cubana, a actualidade e a situação internacional».

Trata-se de um projecto defendido por cubanos exilados e apoiado pela CIA.

O plano apresentado PELA Administração Reagan para a In-

formação e actividades norte-americanas no estrangeiro, a cargo da agência de Informações dos Estados Unidos, está a modernização de «A Voz da América», para a qual se pede a aprovação de um orçamento de 48 milhões de dólares. O reforço das actividades da «Rádio Europa Livre» e da «Rádio Liberdade» também é mencionado.

“AMÉRICA FANTÁSTICA”

com a
TOYOTA HI-ACE



ninguém segura a **TOYOTA**

E não só a TOYOTA HI-ACE poderá permitir-lhe a realização dum sonho de há muito! Porque a compra de qualquer Unidade Comercial TOYOTA até 31 de Março próximo, vai dar-lhe direito a participar na nossa grande Festa dos 100 mil. Além de duas viagens à América Fantástica, que constitui o 1.º prémio, temos outras viagens de sonho — Roma e Atenas, às belas praias Romenas do Mar Negro, Londres e Marrocos. E vinte televisores a cores (sorteio em 15 de Abril de 1983 nas instalações de V. N. Gaia). Todos os compradores de comerciais TOYOTA no período referido terão mais 10.000 quilómetros de garantia, além da normalmente concedida.



IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S.A.R.L. - CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS



4 1983
CONGRESSO
CGTP-IN

NA UNIDADE A
FORÇA DOS TRABALHADORES

COLÓQUIO SOBRE CONDIÇÕES DE VIDA

PARTICIPAÇÃO DE:

JOÃO CRAVINHO — Economista/Deputado do PS
MANUELA SILVA — Economista
EUGÉNIO ROSA — Economista da CGTP
MIRANDA FERREIRA — Economista
CARLOS CARVALHO — Dirigente da CGTP

**QUINTA-FEIRA, DIA 10
ÀS 21.15 HORAS**

No Centro Social
de Trabalhadores do Comércio
ROSSIO, 113 — LISBOA

INICIATIVA NO ÂMBITO DA DINAMIZAÇÃO
DO 4.º CONGRESSO DA CGTP-IN
(aberto a todos os Sindicatos)



de ontem para hoje

Dois projectos de Abecasis suspensos por proposta da APU

A suspensão das construções de uma central de camionagem no Areeiro e de um viaduto na Avenida das Forças Armadas foi ontem decidida na reunião extraordinária da Câmara Municipal de Lisboa por proposta dos vereadores da APU, que contou com os votos favoráveis dos autarcas do PS. A AD votou contra. A suspensão dos dois polémicos empreendimentos já fora requerida pela APU no mandato anterior, em processos a correr na Auditoria Administrativa, invocando ilegalidade por adjudicação sem concurso público. A suspensão agora decretada visa o reexame de ambas as operações, cuja interrupção determina com efeitos imediatos.

Guy Ferreira: reviver Madina

Guy Ferreira, militante de Abril, um dos grandes impulsores da Codilivro (Cooperativa de Divulgação e Promoção do Livro), em Benfca, expõe neste momento e até ao próximo dia 16, dez quadros na galeria que ele dinamizou. Como tema a «Colina de Madina de Boé», numa retrospectiva pictórica da Guiné por onde passou durante a guerra colonial. No catálogo escreve Miguel Barbosa: «Comecei por ver o Guy Ferreira a pendurar os quadros dos outros de pregos na boca e quase agarrado às paredes, em riscos de cair, mas dando-se de corpo e alma aos seus colegas. Sugerindo, animando, sempre com uma palavra amiga, irónico, inteligente e crítico. Até que um dia o cheiro a tintas se apossou do Guy e passei a vê-lo agarrado à tela e ao pincel. Como se quisesse aproximar-se ainda mais dos pintores que expõem



na Codilivro e a quem ele ajuda fraternalmente na montagem dos trabalhos». Guy Ferreira nasceu há 45 anos em Vendas Novas, no Alentejo.

Ovelhas carbonizadas num curral

Catorze ovelhas ficaram carbonizadas num incêndio, ao que se suspeita de origem criminoso, que destruiu o curral onde se encontravam recolhidos, numa casa de lavoura localizada na povoação do Rego do Vide. No sinistro, que foi combatido pelos Bombeiros Voluntários de Mirandela, arderam ainda palhas e alfaías agrícolas.

Menos camiões TIR no Porto

A Câmara Municipal do Porto em colaboração com a PSP, começou a impedir desde ontem o trânsito e estacionamento dos camiões TIR entre o fundo da Rua dos Restauradores e o armazém frigorífico de bacalhau. A medida destina-se a pôr termo ao «verdadeiro pandemónio» que o estacionamento destes au-

tênticos monstros da estrada provocavam em Massarelos, nas imediações do edifício da alfândega, onde estacionavam em grande número. Brigadas da Secção de Trânsito da PSP e da Câmara Municipal estiveram no local a colocar grades amarelas nas pontas de estacionamento agora proibidas.

Violação em S. Brás de Alportel

A GNR de S. Brás de Alportel, no Algarve, procura identificar um jovem acusado de antontem à noite ter violado uma mulher de 36 anos, empregada no hospital local. A vítima, que apresenta um ferimento profundo no pescoço e equimoses na cara, afirma ter sido violentada junto ao colégio existente naquela vila do concelho de Loulé. Antes de se retirar o violador ainda teve tempo para despojar a sua vítima da aliança e do porta-moedas, contendo cerca de mil escudos em dinheiro.

Protesto da Embaixada no Maputo

A Embaixada de Portugal em Maputo protestou contra a exibição pública na cidade da Beira de quatro portugueses — Benjamin Júnior, António Fonseca, João Fernandes e Alcino Pinto — acusados de actividades subversivas contra o Estado moçambicano. Com os quatro portugueses, que fazem parte de um grupo de onze detidos pelo mesmo motivo, foi ainda apresentado o britânico Finlay Hamilton, réu em idêntico processo. O «Diário de Moçambique», com

sede na Beira, publicava na sua edição de ontem as fotografias dos cinco homens, tal como apareceram no comício, juntamente com um texto em que todos são acusados de ligações com o chamado Movimento Nacional de Resistência, apoiado pelo regime racista de Pretória. Benjamin Júnior é acusado de ser instrutor dos rebeldes, a cujas bases se deslocaria com frequência «levando armas, alimentos e ordens para serem cumpridas».

Morte de dois motociclistas

Dois motociclistas encontraram a morte sensivelmente à mesma hora no distrito de Viseu, na Estrada Nacional 226, quando os veículos que conduziam se despiu no primeiro caso e no segundo colidiu com um automóvel. As duas vítimas são respectivamente Manuel Augusto Caxias, de 22 anos, solteiro, natural de Sernancelhe e Agostinho da Silva Ferreira, de 17, nascido em Granja de Paiva. O condutor do automóvel, João Luís Félix da Mariana, de 26 anos, solteiro, natural de Moimenta da Beira, apesar de ter saído ferido do embate não necessitou de internamento hospitalar.



Oculto por matagal e rodeado de lixo, o Palácio do Freixo, «peça primacial da arquitectura civil portuense», é um exemplo vivo da irresponsabilidade camarária e da incúria dos seus proprietários

«E falam eles de Património Cultural»

O Palácio do Freixo (obra de Nasoni) está quase destruído

«E falam eles de património cultural...», dizia com revolta um dos visitantes. «É preciso obrigar a estúpida da Câmara a deixar de destruir a cidade», exclamava um professor de História da Arte. «Isto devia ser expropriado», defendia um arquitecto portuense que já foi vereador. Nas frases e nos olhares das outras dezenas de visitantes, o mesmo sentimento: indignação. Em causa, o belo (ainda o será?) palácio do Freixo, obra de Nicolau Nasoni, na estrada marginal, à saída do Porto para Entre-os-Rios. Está quase irrecuperável, embora os livros digam que é «um edifício único na cidade». Ainda será salvo?

HÁ uns oito ou nove anos atrás, dizia aos visitantes o arq.^o Rosado Correia, «só uma sala é que tinha infiltrações, mas hoje a água entra por todo o lado e o estuque desloca-se da estrutura do edifício, o que quer dizer que as pinturas vão perder-se».

De facto é assim. Está diante dos olhos. As pessoas têm vontade de olhar duas vezes, simulando um engano, mas não — o Palácio do Freixo está mesmo na ruína e se não houver uma intervenção rápida e profunda vai perder-se, sem remédio, uma jóia da nossa arquitectura barroca e uma das obras mais notáveis de N. Nasoni.

A visita ao palácio, que já se sabia em estado de degradação, fez acorrer ao Freixo umas largas dezenas de pessoas. Não é fácil visitá-lo, sobretudo com um grupo de especialistas como estes que a ARPPA — Associação Regional de Protecção do Património, convidou para acompanharem os visitantes. O alerta para este estado de coisas foi a primeira grande vantagem da iniciativa.

Não é que as autoridades não saibam. O palácio é monumento nacional e não há desculpa para tanto desleixo. E o facto de pertencer a uma entidade privada, a «Companhia de Moagens Harmonia», não desculpa tudo. Quando muito, como nos dizia na altura um estudioso, «só reparte as responsabilidades, pois todos têm culpa, embora a Câmara

tenha mais».

O que acontece (e entramos, mais uma vez, num terreno comum a todas estas destruições: a incúria e a corrupção dos serviços) é que todas as tentativas para salvar o Palácio dos Freixos têm esbarrado com o si-

lêncio e o esquecimento. Se as autoridades (leia-se Câmara Municipal do Porto, em primeiro lugar) fazem isso, então as esperanças que restam não são muitas. Durante a visita, organizada pela ARPPA, deram-se exemplos concretos. Contou o arq.^o Manuel Aguiar que o Conselho Científico da Faculdade de Letras apresentou, em Fevereiro de 1981, uma proposta no sentido de serem eliminadas as indústrias na zona envolvente ao palácio, criando assim uma área de protecção que restituísse ao monumento o seu espaço e a sua beleza iniciais. «Apesar dos esforços feitos, não se conseguiu obter uma resposta da Câmara ou dos seus órgãos técnicos», acrescentou o arq.^o M. Aguiar. «Eles nunca respondem a nada», desabafava, a meu lado, o ex-presidente da A.M. portuense. Em Julho do ano passado conseguiu-se finalmente (a SEC também apoiou), declarar sob protecção a zona envolvente do palácio. A Câmara, mais uma vez, esteve a leste do processo...

O que se pretendia com essa zona de protecção era travar as consequências de um atentado perpetrado vinte anos atrás pelo (adivinhem...) Plano Director da Cidade do Porto que, lembrou ainda o arq.^o M. Aguiar, previa nada menos que a instalação de indústrias na área do palácio. Para não ficar atrás, a Câmara Municipal do Porto veio depois com a mesma ideia e fez também planos industriais para a zona.

Com tudo isto não custa perceber como é que uma jóia da nossa arte barroca chegou a tal estado. Hoje o Palácio do Freixo está «esmagado» pelas instalações fabris e pelos enormes silos que se erguem a seu lado. O lixo amontoa-se em redor e as silvas

cobrem escadas e jardins. A marginal para Entre-os-Rios, rasgada mesmo junto das duas paredes, nem permite que as pessoas dêem conta do monumento.

Durante esta visita da ARPPA, o arq.^o Carlos Loureiro recordou muitos desses factos, a propósito da necessidade urgente de recuperar o palácio e contou mais este: quando os silos foram feitos, há uns vinte anos, a administração até estava mais interessada em erguê-los junto do mar ou do caminho-de-ferro. Mas havia outros planos camarários... Carlos Loureiro, que ainda disse ser hoje o palácio «um peso para os próprios donos da fábrica», concluiu deste modo: «tudo isto é uma soma de pequenas tragédias».

Rosado Correia citaria mais outra: «mesmo agora está a ser feita uma obra na zona definida como de protecção do palácio. É inconcebível, as autoridades passam por cima da lei. É preciso responsabilizá-las». No ar ficou uma palavra: corrupção.

Um palácio fluvial

Os guias da visita, a propósito da recuperação (urgente) do palácio, vincaram que ela deve ser feita a pensar numa finalidade útil, nomeadamente a transformação numa «sala de visitas da cidade». Falaram de actividades culturais, e também, sobretudo, de iniciativas comerciais para que o palácio podia ser cedido em condições vantajosas.

O Palácio do Freixo é uma casa de características verdadeiramente singulares, com um traçado e uma implantação fascinantes. «Incomparável moradia», lhe chama Robert Smith, o grande estudioso de Nasoni. A visita deu sobretudo atenção

àquele segundo aspecto e seria o dr. Xavier Coutinho a vincar a relação da casa com o rio, elemento determinante da sua estrutura global. «É um palácio fluvial, a entrada era feita fluvialmente, a fachada principal é voltada para o rio», referiu aquele estudioso.

Nasoni, que era um artista completo (trabalhou a pedra, a madeira e até o ferro), além de (belíssimo) pintor era, também, um extraordinário organizador do espaço, cujos elementos articulava com notável originalidade. Veja-se a forma como «conduz» o visitante na aproximação com a casa do chantage, em Leça do Balio (de que aqui se falou, em visita da Cooperativa «Erva Daninha»). E veja-se, no

Freixo (di-lo Smith) a soberba relação com a água, até no remate ondulado dos muros, e no aproveitamento da curva do rio. O Douro e o palácio que Nasoni concebeu para o seu mecenas (o deão Jerónimo de Távora e Noronha) são, ali no Freixo, uma lição viva de imaginação, de equilíbrio e de arrumação do espaço. É esta herança que as autoridades têm ajudado a desfilar, amputando todo este conjunto e votando o edifício ao mais completo abandono. Na manhã da visita havia névoa sobre o rio. O granito escurecido é o negro da feia lousa com que há cem anos apagam o contraste refulgente da cal, tornaram ainda mais cinzenta aquela mancha enorme e triste despontando da bruma.

«As autarquias estão muito mais abertas para a prevaricação» e o interesse especulativo continua a impor-se. Por isso, aos poucos, o Porto vai sendo demolido.

José Gomes Bandeira

Meneres Pimentel visitou a PJ

“Haverá menos criminalidade com o Código Penal”

● Fortes críticas ao comandante da PSP de Coimbra

O ministro da Justiça criticou ontem em Lisboa o comandante da PSPdistrital de Coimbra pelo facto de este ter afirmado que o novo Código Penal se amolda mais a uma sociedade evoluída que a Portugal. Meneres Pimentel sustentou na visita que fez às instalações remodeladas da Polícia Judiciária — onde almoçou — que Portugal não é um país do Terceiro Mundo.

«Somos do Ocidente e achamos lamentáveis as afirmações do comandante da PSP e outras do mesmo género», acrescentou Meneres Pimentel, que falou na «vitória da democracia» como um factor de progresso. Note-se, a propósito, que o comandante da PSP de Coimbra (como a PSP em geral) depende do MAI (Ángelo Correia) e não do MJ (Meneres Pimentel). O ministro da Justiça referiu ainda que se o novo Código Penal tivesse entrado em vigor há mais tempo existiria, neste momento, menos criminalidade em Portugal.

Adiantando iniciativas legislativas do Ministério da Justiça, o seu titular referiu estar prepa-

rada uma nova lei para punição do tráfico de droga, acrescentando que o consumidor, em última análise, incorrerá em penas de prisão. Mas «haverá compressão humana nestas primeiras etapas, pois não temos estru-

e Fernando Ruivo, da Universidade de Coimbra, António Vitorino, deputado da UEDS, e Mário Torres, procurador-geral-adjunto, representam o Sindicato dos Magistrados do Ministério Público no colóquio sobre «Magis-

Estado: que legitimidade para os magistrados?». «As garantias de independência dos magistrados: que liberdade para os magistrados?» e «As relações entre magistrados e cidadãos: que garantias para os cidadãos?».

O colóquio tem o patrocínio do ministro da Justiça francês, Robert Badinter, e nele participam oito países: Bélgica, Espanha, França, Grécia, Holanda, Portugal e RFA.

Entretanto, prossegue a série de debate sobre o novo Código Penal, no Tribunal da Boa-Hora, por iniciativa, também, do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público. Na última sessão entrevistaram a dra. Teresa Pizarro Beleza, que dissertou sobre «O mito da recuperação do delinquente no discurso punitivo do Código Penal de 1982», e Luso Soares, que incidiu sobre «O crime de usurpação de imóveis», tendo em conta a sistemática perpetração desse tipo de crime na zona da Reforma Agrária.

“Mexidas” na Judiciária

Meneres Pimentel afirmou ontem nas instalações da Judiciária, à Rua Gomes Freire, ter já proposto ao Primeiro-Ministro a nomeação do novo director-geral da PJ. Segundo o ministro da Justiça, caberá a Pinto Balsemão divulgar o seu nome.

O titular da Justiça adiantou também que Ferreira Antunes, embora indigitado para dirigir a Escola da PJ, ainda não foi nomeado, continuando assim como director-adjunto do director-geral da corporação.

Foi ainda Meneres Pimentel que avançou que para director-adjunto militar da PJ foi indicado ao chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas o tenente-coronel Gamante de Carvalho.

turas a funcionar para a sua recuperação.»

Magistratura e democracia na Europa

Boaventura de Sousa Santos

tratura e Democracia na Europa», que decorre em Lille até ao próximo sábado. Os trabalhos abriram hoje e processam-se em três comissões subordinadas aos temas «A magistratura e o

CP matou 160 em 1981

Os comboios da CP mataram 160 pessoas em 1981, segundo números referidos num relatório de segurança rodoviária divulgado pelo Ministério dos Transportes e Comunicações.

O maior número de acidentes mortais, há dois anos, com comboios, verificou-se com pessoas colhidas em plena via, fora das passagens de nível, ainda segundo o mesmo documento. Esse tipo de acidente ferroviário matou 78 pessoas e feriu mais de

meia centena. Todas essas pessoas, como se afirma no documento em questão, violavam o disposto numa lei de quase trinta anos — que proíbe a todos os estranhos ao serviço da CP que transitem pelas linhas, estacionem sobre elas ou as atravessem fora dos locais próprios.

Além dessas vítimas, a CP provocou mais 82 mortes: 55 em passagens de nível (pessoas que as atravessavam a pé ou em automóvel) e 27 por causa de des-

carrilamentos ou colisões.

O número total de acidentes envolvendo os comboios da CP há dois anos foi de 256 e inclui oito descarrilamentos e cinquenta colisões, cabendo a maior percentagem de acidentes (77,4%) a outras causas. As 50 colisões referidas, incluindo embates em passagens de nível (sem guarda), representam o valor mais baixo desde 1965 e só foi igualado em 1977 — afirma-se no mesmo relatório do Ministério dos

Transportes e Comunicações.

A utilização das passagens de nível, sobretudo sem guarda, não é isenta de ameaças. A provável está o facto de há dois anos terem sido «apanhados» 41 veículos, de que resultaram 55 mortos e 35 feridos.

São os passageiros dos comboios que, curiosamente, apresentam o menor índice de mortalidade, pois os descarrilamentos e colisões apenas causaram 27 mortos e 65 feridos.

No âmbito de um protocolo

interministerial

Defesa judicial de menores vai ser reforçada

A estreita colaboração entre assistentes sociais e os tribunais de menores foi ontem tema de uma reunião de trabalho no âmbito do protocolo assinado em Dezembro entre os Ministérios da Justiça e dos Assuntos Sociais.

Os menores vítimas de situações que envolvam intervenção judicial vão passar desse modo a beneficiar de melhores defesas, com base nas informações prestadas por assistentes sociais aos tribunais, permitindo a estes ter em conta a realidade subjacente a cada caso.

A reunião de ontem teve por objectivo esclarecer e sensibilizar os responsáveis e os agentes das acções a desenvolver neste campo.

Casos de adopções, maus tratos, abandono ou desamparo, inadaptação à disciplina familiar ou laboral, pedidos de protecção contra a autoridade abusiva ou de perigo para a saúde, formação moral ou educação de menores, são considerados graves, permitindo aos tribunais recorrer aos assistentes sociais para obtenção de informações técnicas mais concretas que permitam ao juiz uma mais acertada decisão.

Até à assinatura do protocolo, as investigações de carácter social, moral e económico, que serviam de base às decisões dos juizes sobre problemas de menores, eram realizadas na sua maioria por entidades policiais, não especificamente vocacionadas para o efeito.

Apenas em Lisboa, Porto e Coimbra tais acções eram de-

sempovidas já por assistentes sociais dependentes da segurança social.

O protocolo assinado em Dezembro considera que os serviços sociais de apoio são as estruturas mais adequadas à elaboração de tais informações, às quais, aliás, se recorreu intensamente no último ano, e permite a utilização daqueles serviços nos casos de manifesta gravidade.

É igualmente objectivo do protocolo tentar a ressocialização do menor no seu meio, evitando o seu desenraizamento e acompanhando-o em casos de reeducação.

Os tribunais deverão seleccionar os casos graves específicos em que necessitam de apoio de assistentes sociais, devendo os outros casos continuar a ser investigados pelas entidades policiais.

O acordo considerou serem os assistentes sociais integrados nos centros regionais de segurança social os mais vocacionados para a tarefa de apoio aos tribunais, promovendo reuniões de trabalho a nível regional e de comarca.

Nas duas reuniões de trabalho já efectuadas, após a assinatura do protocolo, foi também manifestado o interesse de desburocratizar o relacionamento entre os tribunais de menores e os centros regionais de segurança social, de modo a dar uma resposta mais rápida e eficaz para o tratamento do assunto e prevenção de mais graves consequências.

Projecto Cultural Integrado de Trás-os-Montes debatido em Vimioso

Sessenta e cinco por cento das pessoas idosas dos meios rurais nordestinos são analfabetas, enquanto a percentagem de jovens que hoje abandonam o sistema escolar apenas com a quarta classe atinge os 20 por cento, afirmou ontem Teresa Galhorda, membro da coordenadora distrital da Associação de Educação de Adultos do distrito de Bragança, no decorrer de uma reunião com elementos da Associação de Municípios do Planalto Mirandês destinada a discutir o Projecto Cultural Integrado.

Observou ainda que o «analfabetismo — mesmo na acepção mais restrita do termo — é um facto marcante no Nordeste de Portugal» e que esta situação se «tem traduzido, ao longo dos tempos, em grande injustiça e entrave ao desenvolvimento pessoal, social e cultural».

O presidente da Câmara Municipal de Vimioso, Luís Mina, disse que a Associação de Municípios do Planalto Mirandês, de que Vimioso faz parte, «tem já elaborado planos a cumprir no campo cultural e agrícola».

«Para além destes — sublinhou Luís Mina — a Associação tem ainda outros planos a cumprir.

nomeadamente saneamento básico, planeamento territorial, transportes públicos, tráfego viário, obras e melhoramentos intermunicipais, entre outros».

Precisou que dos vários planos elaborados, o que receberá especial tratamento, na área da agricultura será o projecto da extensão rural, que «visa o arranque da componente agrícola, a Procalfer-projecto de calagem, fertilizantes e forragens, bem como a campanha sanitária e o melhoramento genérico da raça mirandesa».

O responsável pelo município de Vimioso disse também que existe ainda um projecto destinado à construção de mais 20 salas de ordenha no planalto mirandês e um outro que prevê a construção de um parque e de um posto para gado e leite, em Mogadouro.

Vimioso é um dos concelhos mais pobres do distrito de Bragança, situando-se entre o rio Maça e a ribeira de Angeira.

A sua economia assenta essencialmente na agricultura e as suas tradicionais indústrias artesanais são ainda a tecelagem em Carção, Campo de Vóboras e Cacarelhos.

TRESPASSA-SE

LOJA E ARRECAÇÃO. ÁREAS 140/290 M². ENTRADA DIRECTA À AVENIDA. RENDA ACTUAL 8.775 ESCUDOS ZONA AV. REPÚBLICA/CAMPO PEQUENO.

RESPOSTA A ESTE JORNAL N.º 10201

NOTARIADO PORTUGUÊS

ALFREDO & JORGE SILVA, LIMITADA

Fu abaixo assinado, ajudante do 2.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, 202, res-do-cho, certifico para efeitos de publicação que por escritura de 1/2/83 lavrada nas notas deste Cartório no livro 117-G de folhas 59 verso a folhas 61 foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se rege nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade girará sob a firma ALFREDO & JORGE SILVA, LIMITADA, val ter a sua sede e estabelecimento na Rua do Chafariz, lote centro e oitenta, Casal da Silveira, freguesia de Odivelas, concelho de Loures, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

SEGUNDO — O objectivo social é o exercício do comércio de bebidas, nacionais e estrangeiras, e produtos alimentares, ou o de qualquer outro ramo de comércio deliberado em assembleia geral.

TERCEIRO — O capital social é de três milhões e cem mil escudos, está integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das quotas dos sócios: uma quota de um milhão quinhentos e cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio Alfredo José Rodrigues da Silva; uma quota de um milhão e quatrocentos mil escudos, pertencente ao sócio Teófilo da Conceição Silva; e uma quota de cento e cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio Paulo Jorge Rodrigues da Silva.

QUARTO — Dependem do consentimento da sociedade as cessões de quotas a estranhos.

QUINTO — A gerência e administração dos negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertencem aos sócios Alfredo José Rodrigues da Silva e Teófilo da Conceição Silva, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Para que a sociedade fique obrigada nos respectivos actos e contratos são necessárias as assinaturas dos dois referidos gerentes.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A sociedade poderá constituir mandatários e os gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração.

PARÁGRAFO TERCEIRO — A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

SEXTO — No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes nomearão, de entre si, um que a todos represente na sociedade, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

SETIMO — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões de assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com, pelos menos, oito dias de antecedência.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial, que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, 3 de Fevereiro de 1983.

A ajudante.

Ass. Maria da Ressurreição Pereira Felício Patrício

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE ÀS 21.30H.

A cdra
de Bernarda
Alba
de F. Garcia Lorca

encenação

MÁRIO FELICIANO

com

LUCIA MARIA
FERNANDA ALVES
LUZ FRANCO
MARIA AMÉLIA MATTÁ
PAULA MORA

GUIDA MARIA
CATARINA AVELAR
HENRIQUETA MAYA
EUNICE MUÑOZ E
JOSEFINA SILVA

ATENÇÃO

NÃO É PERMITIDA A ENTRADA
APÓS O INÍCIO DO ESPECTÁCULO

MATINÉE
AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FÉRIADOS ÀS 16 HORAS
ESPECTÁCULO NÃO ACONC. A M. 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª-FEIRA

NA SALA EXPERIMENTAL

POR EXIGÊNCIA DO PÚBLICO,
PROLONGA-SE ATÉ DIA 20
PELO TEATRO DO MUNDO

«ANNO IV D. C.» sobre textos de Camus
De 3.ª a sábado às 21.45 — Domingos às 16.30 horas

Segundo Viana Baptista e no âmbito da viabilização da CP

Fecho de algumas linhas de via estreita está para breve

O provável encerramento de diversas linhas de caminho-de-ferro de via estreita foi ontem nomenclado referido pelo ministro das Jorkbras Públicas e Jtransportes, Viana Baptista.

O fecho das linhas de via estreita foi condicionado no passado dia 3, num decreto sobre a viabilização da CP publicado no «Diário da República», à existência de alternativas equivalentes de transporte ou à inexistência de interesses sociais a salvaguardar.

Viana Baptista, no final de uma reunião com os responsáveis da CP, afirmou ontem que estavam excluídas dessas hipóteses de encerramento a muito curto prazo as linhas da Póvoa (Porto/Póvoa do Varzim), de Guimarães (Porto/Guimarães) e o ramal de Sernades do Vouga/ Aveiro (Espinho/Sernades/ Aveiro). As restantes linhas de via estreita, cujo fecho está a ser estudado pela CP e pela Secretaria de Estado dos Transportes, são as do Tâmega, Corgo, Tua, Sabor, Vouga, Dão e o ramal Aveiro/ Mar. O comprimento total da rede de via estreita ronda os 758 quilómetros e o decreto acima referido prevê que a CP negocie a concessão da exploração de algumas das linhas, ou troços de linhas, a entidades públicas, nomeadamente municípios.

Transportes alternativos

Nas suas declarações de ontem o ministro dos Transportes declarou que nos casos em que não seja possível pôr em funcio-

namento esquemas de transportes alternativos ou realizar acordos de concessão da exploração, o Estado terá que assumir as suas responsabilidades na manutenção do serviço prestado pela CP.

A viabilização do «negócio ferroviário», sublinhou Viana Baptista, por outro lado, passa pelo estabelecimento de preços reais o que, nos termos do decreto de 3 de Fevereiro, implica contrapartidas financeiras para a CP, no caso da concessão de transportes gratuitos ou bonificados. As indemnizações compensatórias correspondentes a essas situações serão acordadas entre a CP e as entidades patrocinadoras do transporte, tais como o Ministério do Trabalho, no que respeita aos passes da terceira idade, o Ministério da Justiça, no que se refere às regalias dos agentes da PJ e dos juizes etc.

Segundo o ministro da tutela da CP, o sistema abrangerá também o transporte de mercadorias, designadamente de adubos que será subsidiado pelo MACP etc.

CP não sabe o que tem

A viabilização da CP passará, igualmente, pela alienação de bens da empresa, não indispensáveis ao transporte ferroviário. O problema é que «a CP não sabe,

de momento, exactamente aquilo que possui» em termos de edifícios, terrenos e outras propriedades.

Um exaustivo inquérito deverá ser efectuado no prazo de 90 dias para inventariação dos bens alienáveis imediatamente. Todavia, disse Viana Baptista, conhecem-se já alguns «casos escandalosos», como terrenos na Avenida da Boavista, no Porto, e na Avenida da República em Lisboa, transformados em lixeiras municipais.

A CP possui em Sacavém, 98 hectares de terreno que «terão de ser viabilizados» e uma área em Beirólas, onde se projecta a construção de um terminal ferroviário internacional.

A exemplo do que já acontece com a Estação do Rossio, outras estações bem localizadas poderão ser transformadas em centros comerciais, cinemas, hotéis e outras formas de ajuda à rentabilização da empresa.

Para Viana Baptista, de qualquer maneira, a vocação principal da CP é a dos transportes suburbanos, que deverá ser implementada e melhorada.

A resolução dos problemas económicos da CP passa, também, pela questão do número dos seus trabalhadores, de momento cerca de 23 mil. A extinção de passagens de nível e das respectivas guardas e das numerosas linhas de via estreita não vão por em perigo esses postos de trabalho, acrescentou.

Viana Baptista afirmou «não ter ideia de que a CP tenha pessoal a mais, mas sim de que a

sua rentabilidade seja reduzida».

O défice da CP relativamente a 1982 está calculado em 8,5 milhões de contos, queixando-se a empresa de que grande parte das suas despesas se referem a encargos com pessoal.

Paralelamente à visita do ministro, a Administração da CP distribuiu um comunicado aos trabalhadores apelando para que todos «metam ombros à nova era que, positivamente, terá de caracterizar o futuro do caminho-de-ferro em Portugal».

Esse «meter ombros» significa, para a Gerência da CP, a criação de «um certo clima de estabilidade» e o «empenhamento dos trabalhadores».

Sindicatos contra

Logo depois da divulgação do decreto orientador das acções relativas à viabilização económica da CP, o Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários afirmou que as medidas governamentais tinham sido decididas à revelia dos trabalhadores pelo que contavam à partida com a discordância dos sindicatos e da comissão de trabalhadores.

O decreto em causa previa, além dos aspectos já referidos, a consolidação das dívidas da CP aos credores do sector público (sendo garantido um prazo de amortização superior a dez anos) e, sobretudo, a apresentação pela CP no prazo de 90 dias, de uma proposta de acordo de saneamento económico e financeiro.

Essa proposta deverá basear-se em princípios definidos no diploma e que se referem ao estabelecimento de margens positivas e crescentes de autofinanciamento, à fixação de preços reflectindo os custos reais (salvo casos específicos), à reformulação progressiva da rede por forma a alcançarem-se a cobertura dos custos directos, etc.

O decreto prevê igualmente a redução dos encargos com o pessoal apontando entre outras coisas para a antecipação da idade da reforma.

Finalmente, é concedido um prazo de 90 dias à CP para que reformule os seus estatutos, «por forma a adaptar a orgânica da empresa aos objectivos económicos e funcionais servidos por uma gestão assente fundamentalmente em critérios empresariais».

RTP fechará às 23 h 00

Governo aprova hoje pacote de restrições ao consumo de electricidade

O Conselho de Ministros para os assuntos económicos aprovou na terça-feira uma série de medidas restritivas ao consumo público de electricidade - informou ontem o gabinete do ministro da Indústria e Energia.

Essas restrições prevêm a proibição de iluminação a partir das 22 horas de montras ou interiores de estabelecimentos, excepto durante o seu período de funcionamento, incluindo nestes os prolongamentos de horários e serviços complementares (limpeza e similares).

Nesta medida não se inclui a iluminação de segurança ou vigia, e competirá à EDP controlar o seu cumprimento.

Também os anúncios luminosos deverão ser fechados a partir das 22 horas, não estando abrangidos os de sinalização de estabelecimentos de interesse público quando em funcionamento, como é o caso de farmácias, postos de enfermagem, bombeiros, postos de gasolina e sinalização de unidades hoteleiras.

Os serviços do Estado e corpos administrativos, bem como as empresas públicas, deverão tomar medidas para que os seus consumos em aquecimentos, arrefecimentos e outros usos não-industriais tenham uma redução de 20 por cento relativamente a igual mês do ano anterior.

A Direcção-Geral de Energia fica autorizada a fiscalizar, ou mandar fiscalizar, o cumprimento destas medidas e mandará suspender o fornecimento de electricidade nos casos de reincidência na falta do cumprimento.

A EDP (Electricidade De Portugal) deverá, com o objectivo de conseguir uma redução de cerca de 25 por cento de energia eléctrica nas horas de maior consumo (das 9 às 12 e das 19 às 22 horas), promover intensa campanha de esclarecimento junto dos consumidores em geral sobre a forma de utilização eléctrica ao longo do dia e acordar com as actividades económicas consumidoras as disposições e condicionamentos conducentes ao cumprimento daquele objectivo.

Deverá também proceder para que sejam tomadas as disposições necessárias a uma redução dos consumos de cerca de 30 por cento nas indústrias electro-químicas e electro-metalúrgicas (abrangendo a

electro-siderurgia) e usos análogos no período das 7 às 23 horas.

EDP controlará RTP

Compete ainda à electricidade de Portugal controlar o cumprimento do fecho da emissão da RTP até às 23 horas, excepto aos sábados, dias em que poderá prolongar-se a emissão até às 23,30 horas, e a proibição da iluminação exterior de edifícios públicos, monumentos, fontes luminosas e semelhantes, excepto durante a realização da décima-sétima exposição europeia de arte, ciência e cultura.

As disposições ministeriais apontam para a redução de 40 por cento no consumo nas iluminações decorativas de festividades que ficam sujeitas ao horário de funcionamento no período de Inverno das 18 horas às 21 horas, e impõe a limitação da iluminação pública à utilização exclusiva no período entre meia hora depois do pôr do sol e meia hora antes do nascer do sol, bem como a redução do número de focos a partir das 22 horas sempre que a estrutura da rede o permita.

Estas medidas, que são ainda susceptíveis de algumas alterações na reunião plenária do Conselho de Ministros de hoje, são tomadas tendo em consideração a grave seca que assola o País, a pior desde há três anos e cuja situação se prevê possa agravar-se num futuro próximo.

Em 1980-82 as afluências ao sistema hidroeléctrico situaram-se em apenas 64 por cento do valor médio, o que constitui o triénio mais desfavorável dos registos iniciados em 1922, tendo provocado o actual défice de 40 milhões de contos do Fundo de Apoio Térmico.

Embora entre Novembro e Dezembro do ano passado tenha chovido razoavelmente, os registos de Janeiro deste ano foram muito baixos (inferiores a 10 por cento do valor médio), provocando níveis particularmente baixos nos armazenamentos de água das albufeiras, o que implica uma necessidade de grande poupança como última garantia do abastecimento de energia e disponibilidade de água.

Acresce referir que também em Espanha a situação das albufeiras é idêntica.

L. I. BREJNEV páginas de uma vida

L. I. BREJNEV
páginas de uma vida

A infância, os anos de estudo, o combatente da guerra patriótica, o dirigente do partido, e o amante da Paz que durante 18 anos se manteria à frente do grande Estado Socialista

edições
Alameda

MOEDAS

Paga-se altos preços, todo o tipo de Moedas

MOEDAS PRATA - P.A. CABRAL - B. PORTUGAL E CARMONA
V. GAMA - LUSÍADAS DESDE 300\$00; - C. HENRIQUINAS 2000\$00



	MBC	BELA
2 centavos 1918 (ferro)	1500\$00	3500\$00
5 centavos 1920	600\$00	1200\$00
5 centavos 1922	1500\$00	3500\$00
10 centavos 1930	800\$00	2000\$00
20 centavos 1922	6000\$00	12000\$00
50 centavos 1924	1200\$00	2500\$00
1 escudo 1926	1200\$00	2500\$00
1 escudo 1935	1200\$00	2000\$00
2\$50 1937	2000\$00	10000\$00
5 escudos 1932	-	2000\$00
5 escudos 1937	1500\$00	3500\$00
10 escudos 1933	-	3500\$00
10 escudos 1937	2500\$00	5000\$00
10 escudos 1942	7000\$00	10000\$00
10 escudos 1948	1500\$00	2500\$00

NUMIFILARTE, LDA.

Calçada do Carmo, 25, sobreloja Esq.º (1.º Piso)
As Escadinhas do Duque - Frente Parque da C.P., junto ao Rossio
Telefs. 365207-323513 - 1200 LISBOA

Listas unitárias vencem na Siderurgia Nacional

Nas eleições para a comissão de trabalhadores e duas das três subcomissões de trabalhadores da Siderurgia Nacional (SN) venceram as listas unitárias, com maioria esmagadora.

Para a comissão de trabalhadores (COTRA), a Lista «A» unitária, obteve 3239 votos, o que lhe dá nove dos doze lugares em disputa. A Lista «C», afecta ao PS, somou 814 votos, elegendo dois candidatos, e a «B», afecta à UDP, 255 votos (nenhum mandato).

Para as subcomissões das fábricas do Seixal e da Maia as listas unitárias obtiveram, respectivamente, 2975 e 403 votos, elegendo, tanto num caso como noutro, todos os seus candidatos. Para a subcomissão de trabalhadores da sede, em Lisboa, a lista unitária recolheu 113 votos e dois mandatos, contra três mandatos numa outra lista de aliança das tendências afectas à UDP, MRPP, PSD e CDS, que somou 138 votos.

Hoje Trabalhadores dos STCP em plenário

PORTO, 10 — Os trabalhadores dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto, STCP — efectuem um plenário, esta tarde, convocado pela respectiva organização sindical, pelo que grande parte das viaturas não deverão circular durante esse período. O plenário vai debruçar-se sobre o que o sindicato chama de «não cumprimento, por parte da empresa, de cláusulas importantes de um acordo já firmado», acusação que o conselho de gerência, aliás, não aceita.

CGTP recebeu delegação guatemalteca

O Secretariado Nacional da CGTP-IN recebeu ontem uma delegação do Comité pró-Justiça e Paz da Guatemala com quem manteve conversações.

Segundo um comunicado da central sindical, a delegação guatemalteca, composta por Jose Ibraim Rosalez, Maria Rodriguez e Mateo Peters, deu a conhecer a evolução da situação do seu país «caracterizada pelo incremento da acção repressiva e de autêntico genocídio das populações indígenas desenvolvidas pelo actual Governo de Rios Montt, com o apoio militar e financeiro da administração Reagan».

Na ocasião, a delegação daquele país da América Latina sublinhou a importância da sentença da última sessão do Tribunal dos Povos sobre a Guatemala, realizada em Madrid e na qual, aliás, a CGTP também participou, que «não só declarou o actual Governo como genocida, condenando paralelamente o apoio e a ingerência do imperialismo norte-americano naquele país, como reconheceu igualmente o direito à luta armada do povo da Guatemala contra o regime ditatorial que o subjuga».

Na ocasião a CGTP teve oportunidade de reafirmar a sua «total solidariedade à justa luta do povo guatemalteco».

EPAC

Impasse nas negociações poderá conduzir à greve

As negociações entre o conselho de gerência e representantes dos trabalhadores da EPAC atingiram ontem o impasse, com a negativa daquele órgão em elevar a sua contraproposta de aumentos salariais de 17 por cento.

Os administradores da Empresa Pública de Abastecimento de Cereais reiteraram a sua intenção de cumprir o decreto-lei que fixa

um tecto salarial naquela percentagem, enquanto que os trabalhadores insistem na reivindicação de um aumento de 24 por cento no mínimo.

Em consequência deste impasse, as estruturas de trabalhadores da EPAC decidiram promover alguns plenários hoje e amanhã, nas instalações da empresa, na área de Lisboa.

Nessas reuniões poderá ser

sugerida aos trabalhadores a efectivação de uma greve como a que chegou a estar marcada para os primeiros dias de Fevereiro.

O pessoal da EPAC está enquadrado em diversas organizações sindicais, nomeadamente Federação dos Sindicatos do Comércio e dos Escritórios e Quadros e Sindicatos dos Agentes Técnicos Agrícolas e dos Engenheiros Técnicos Agrários, entre outros.

Trabalhadores da Marconi lutarão para impedir a aplicação do tecto salarial na empresa

Os trabalhadores da Companhia Portuguesa Rádio Marconi decidiram em plenário repudiar qualquer tentativa da empresa para limitar os próximos aumentos salariais aos 17 por cento do tecto fixado pelo Governo AD.

Numa proposta aprovada por unanimidade, os trabalhadores da Marconi afirmam «que serão utilizadas todas as formas de luta incluindo a greve» para impedir a aplicação na empresa do decreto-lei que fixa o tecto salarial em 17 por cento.

Repudiando a proposta de clausulado geral da administração, os trabalhadores manifestaram o seu apoio à Federação dos Correios e Telecomunicações/Sindicato dos Trabalhadores de Telecomunicações (FCT/STT) e a sua recusa de quaisquer acordos obtidos por negociações em que aquela organização sindical não tenha participado.

O plenário mandou a FCT/STT para dar início imediato

às negociações, com a administração, dando prioridade à matéria salarial.

Têxteis do Norte

A direcção do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis do Porto emitiu um comunicado sobre os atrasos no pagamento de salários em empresas do «Grupo Wandschneider» (ex-facção de Crestuma, Têxtil da Maia e Têxtil de S. Caetano) onde não estariam a ser pagas também horas extraordinárias e retroactivos, além de subsídios de férias do ano passado e o 13.º mês. Estão em causa os salários de meio milhar de trabalhadores e o sindicato acusa a administração de ter, apesar disso, recebido «largas dezenas de milhar de contos da Secretaria de Estado do Emprego para pagar pontualmente os salários». Os trabalhadores das referidas empresas iniciaram

formas de luta, tendo entregue um pré-aviso de greve, a iniciar amanhã com duas horas de paralisação por turno se, entretanto, não tiverem resposta das empresas para a situação em que vivem.

Lisnave

Os trabalhadores da Lisnave receberam ontem 15 mil escudos por conta dos seus salários de Janeiro, segundo informou um elemento dos órgãos representativos dos trabalhadores.

A empresa também pagara apenas idêntica quantia, relativamente a Dezembro, pelo que os trabalhadores se consideram «defraudados em um mês de salários».

Os órgãos representativos dos trabalhadores vão hoje e amanhã estudar e propor novas formas de luta a apresentar a plenários da empresa, numa tentativa para desbloquear a situação.

Vidreira da Fontela

Trabalhadores cortaram estrada e linha férrea

● Em causa a viabilização da empresa

Os trabalhadores da Vidreira da Fontela, que lutam pelo pagamento de nove meses de salários em atraso e pela viabilização da empresa, desencadearam ontem, a nível nacional, uma acção de sensibilização da opinião pública para a greve situação em que se encontram. Para além de uma manifestação junto às instalações provisórias do Banco Português do Atlântico, na Marinha Grande, os cerca de 650 trabalhadores cortaram a linha férrea do Oeste, no ramal da Figueira da Foz-Alfarelos, junto às instalações da fábrica, inutilizando 800 metros de via. Com o recurso às viaturas pesadas da empresa, também bloquearam os acessos por estrada à povoação de Vila

Verde, onde está instalada a empresa.

Durante a manifestação procederam à distribuição de um comunicado em que apelam para que o BPA mantenha o seu apoio à empresa da Fontela, que se encontra praticamente parada.

O apoio do bando, segundo o documento, será indispensável à viabilização da empresa, representando a única hipótese de salvaguarda dos seus 650 postos de trabalho e dos investimentos nela já feitos pela banca nacionalizada.

Ao fim da tarde, e na sequência de uma informação indicando que a CP se preparava para desimpedir aquela via, os trabalhadores bloquearam dois outros pontos

da linha férrea Coimbra-Figueira da Foz.

Cerca das 16 horas compareceu no local uma força de intervenção da PSP, equipada com capacetes, viseiras e bastões, a fim de desimpedir aquela estrada, mas os trabalhadores tocaram o sino a rebate, tendo a população da freguesia acorrido ao local.

A força da PSP retirou sem desobstruir a estrada e sem que se registassem quaisquer incidentes, segundo afirmou um porta-voz dos trabalhadores da empresa.

A mesma fonte adiantou que os trabalhadores da Vidreira da Fontela manter-se-ão nesta luta até que lhes sejam dadas garantias de que os seus postos de trabalho serão mantidos.

adianta que «depois de reunir com os sindicatos filiados e não filiados», deliberou «apoiar todas as organizações sindicais, que pela negociação ou pelas formas de luta mais ajustadas, não aceitem» como tecto salarial «os 17

por cento aconselhados pelo Governo».

O documento refere a existência de um decreto-lei que não impõe o tecto salarial, pelo que, afirma, «nada impede», numa negociação salarial, que as par-

tes interessadas acordem em valores superiores.

A UGT diz que os «sacrifícios devem ser distribuídos por todos os portugueses e não como até hoje», «só com o prejuízo dos trabalhadores».

O comunicado termina com uma saudação aos trabalhadores pelo «elevado sentido de responsabilidade» demonstrado na «grave crise económico-financeira e social que o País atravessa».

Em plenário realizado nas instalações da Venda Nova, Amadora, os trabalhadores da Livraria Bertrand reafirmaram a disposição de reactivar a empresa e de defenderem os seus postos de trabalho.

Esta decisão surge na sequência da reacção do sector gráfico, onde já estão em funcionamento as linhas de **offset** e de acabamento do parque gráfico instalado na Venda Nova.

Os trabalhadores decidiram não deixar sair da empresa matérias-primas, repor os **stocks** e nomear as chefias, que não existiam.

Na resolução aprovada no plenário, que foi bastante participada, apesar de ter sido convocado de emergência, é exigido que parte da dívida externa seja incorpo-

Bertrand

Trabalhadores decidem reactivar a empresa

rada no capital social da empresa. A reintegração dos trabalhadores na situação de excedentários é também um dos objectivos da luta.

Os trabalhadores aprovaram igualmente a alteração aos estatutos da comissão de trabalhadores (CT), que permitiu a eleição de uma subcomissão nas instalações da Venda Nova.

A Câmara Municipal da Amadora aprovou uma moção em que se solidariza com a «luta dos trabalhadores contra o desmantelamento» da empresa. Na moção, que foi aprovada por maioria, os vereadores protestam contra as ilegalidades cometidas e contra a passividade do Governo, exigindo-se a tomada de medidas que ponham fim às arbitrariedades do capitalista Manuel Bulhosa.

Hoje

“As condições de vida” vão ser debatidas em colóquio da CGTP

A CGTP promove hoje, pelas 21 e 15 horas, no Centro Social dos Trabalhadores do Comércio, no Rossio, um colóquio subordinado ao tema «As condições de vida».

A iniciativa, que contará com a presença dos economistas João Cravinho, Manuela Silva, Eugénio Rosa e Miranda Ferreira e ainda do dirigente da Intersindical Carlos Carvalho, insere-se no âmbito dos trabalhos preparatórios do IV Congresso da central sindical que se realiza, em Lisboa a 11, 12 e 13 de Março.

Um comunicado do Departamento de Informação da CGTP chama a atenção para o Projecto de Programa de Acção a apresentar ao Congresso no qual, sobre este tema, se propõe «uma política justa de salários, rendimentos e preços que faça pagar mais a quem mais tem».

Nesse sentido, são apresentadas um conjunto de medidas «que obstem o agravamento da situação social do País», e de entre as quais se destacam: «restrições drásticas dos consumos das camadas mais ricas da população», «combate eficaz à corrupção, à fuga de impostos e de capitais», «prioridades aos consumos colectivos», «agravamento progressivo dos impostos sobre rendimentos de capital», «atualização semestral dos salários rigorosamente ao fim de doze meses» e «fixação de um cabaz de compras que salve os consumos dos mais necessitados».

Quanto à Segurança Social, é preconizada a redistribuição dos seus actuais subsídios em função dos sectores mais desprotegidos da população.

Sindicato contra proibição de um plenário nos CTT

O Sindicato Nacional dos Correios e Telecomunicações insurge-se contra a tentativa do conselho de administração da empresa de proibir a realização de um plenário de trabalhadores, marcado para hoje, na central dos Correios do Porto.

«Não contentes com a violação à dignidade e aos direitos mais elementares da pessoa humana, ao recusar promover trabalhadores com 20, 30 e 40 anos de serviço, vem agora contrariando a lei e o acordo colectivo de trabalho na empresa proibir a referida reunião», afirma aquele sindicato, em comunicado, que, mais adiante, garante a realização do plenário «queiram ou não os homens do conselho de administração».

Mas já ontem teve lugar, na central de Correios de Cabo Ruivo, em Lisboa, um plenário de trabalhadores que exigiu a extensão a todo o pessoal da empresa de uma regalia recentemente concedida aos seus quadros.

O benefício reivindicado consiste na redução para metade do tempo previsto no acordo colectivo de trabalho para as promoções por antiguidade, isso com efeitos a partir do início de 1982.

Segundo o dirigente sindical, participaram na reunião cerca de 800 trabalhadores, da qual resultou ainda a eleição de um deles, José Joaquim da Silva, para delegado ao próximo Congresso da CGTP.

Várias intervenções do plenário contiveram referências à justiça da aplicação das promoções antecipadas aos quadros da empresa, incidindo as críticas na não extensão aos restantes sectores do pessoal.

Como foi insistentemente observado, em alguns dos outros sectores existem trabalhadores com dezenas de anos de casa, enquanto que entre os quadros a antiguidade não ultrapassa os poucos anos.

UGT condena o Governo pela imposição do tecto salarial

A UGT condenou o Governo pela «penalização salarial para além dos 17 por cento» e responsabilizou o Presidente da República pela sua «promulgação imediata».

Em comunicado, a UGT

"Rádio Paz" na Europa

Encontro de Viena condena "opção zero" de Reagan

A rejeição da «Opção Zero» do Presidente norte-americano, Ronald Reagan, assinalou ontem o final, em Viena, da Conferência Pacifista Leste-Oeste, destinada a elaborar propostas para afastar da Europa o perigo de uma guerra nuclear, refere a ANOP.

Os 250 participantes de toda a Europa (menos a Albânia) dos Estados Unidos e do Canadá aprovaram a ideia da criação de uma emissora de grande alcance — «Rádio Paz» — a ser instalada em Bruxelas.

Após cinco dias de debates, a Conferência considerou que a proposta Reagan — renúncia à instalação dos novos euromísseis da NATO, em troca da inutilização dos SS-20 soviéticos — não constitui uma base séria de negociação.

Os delegados congratularam-se com o compromisso dos países do Pacto de Varsóvia de não desencadear um ataque nuclear e pediram à NATO uma tomada de posição semelhante.

O documento final, divulgado ontem, apela a todos o Estados para que congelem os orçamentos militares, como primeiro passo para a sua redução progressiva, e apóia a criação de um grande Centro Europeu de Investigação dos Problemas da Paz, bem como a de um Secretariado incumbido de levar à prática as cláusulas da Acta Final de Helsínquia.

A comissão organizadora da Conferência, constituída por delegados de países da NATO, do

Pacto de Varsóvia, neutrais e não-alinhados, comunicará as propostas aprovadas à Conferência de Segurança e Cooperação Europeia, a decorrer em Madrid.

O documento condena todas as formas de «guerra económica» e considera importante para assegurar a paz que se evite o exagerado optimismo dos anos 70 e o exagerado pessimismo dos «anos 80» no domínio da economia.

A conferência aprovou a inclusão de questões relativas à manutenção da paz nos programas escolares e concluiu que «o desarmamento nuclear ajuda a dotar a liberdade e justiça de todos os países do mundo».

Ainda com o objectivo de mobilizar a opinião pública europeia contra os riscos de uma confrontação nuclear, os participantes aprovaram também a organização, em Viena, de um festival juvenil pela Paz e a Segurança.

Aviões-espiões dos EUA na Europa

Os Estados Unidos vão reforçar o seu dispositivo de vigilância do bloco soviético instalando esta semana novos aviões-espiões na Europa, soube-se hoje de fonte militar norte-americana citada pela AFP.

O primeiro TR-1, novo avião de reconhecimento táctico de grande altitude, deve chegar hoje à Grã-Bretanha, confidenciou à AFP um porta-voz da Força Aérea Norte-Americana que pediu a anonimato.

Será a primeira vez que este avião-espião, saído das fábricas «Lockheed» na Califórnia em Julho de 1981, ficará baseado no estrangeiro.

Este TR-1, o primeiro de uma

esquadrilha de 18 aparelhos, efectuará as suas missões de reconhecimento a partir da base de Alconbury, no Cambridgeshire, que os EUA partilham com a Royal Air Force.

A chegada à Grã-Bretanha dos TR-1 proporcionará os meios necessários aos Estados Unidos e aos seus Aliados da NATO para exercer uma vigilância acrescida da zona de operação normal das forças do Pacto de Varsóvia sem ter de sobrevoar os territórios destes países.

Equipados com uma aparelhagem electrónica muito sofisticada, os TR-1 podem com efeito «ver para além das linhas inimigas», informou um perito do Pentágono.

Segundo o "Washington Post"

EUA pretendem negociação entre Governo e guerrilha de El Salvador

O secretário de Estado adjunto para os assuntos interamericanos, Thomas Enders, tencionaria encorajar o Governo salvadorense a negociar com a guerrilha, continuando ao mesmo tempo a política de assistência militar americana a El Salvador, segundo indica a edição de hoje o «Washington Post».

Este novo elemento introduzido na guerra civil no Salvador seria proposto num documento de trabalho que deve ser submetido ao Conselho Nacional de Segurança, precisa o jornal, que cita fontes governamentais anónimas.

As negociações com a oposição armada salvadorense seriam levadas a cabo por intermédio de um terceiro país, segundo o «Post».

Esse intermediário poderia ser o México, a Venezuela, países que já propuseram os seus bons ofícios — ou a Espanha. Segundo uma fonte diplomática sul-americana citada pelo «Washington Post» Thomas Enders teria abordado a questão com o primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, durante a visita que efectuou recentemente a Madrid.

Recorda-se que, durante uma deposição no Congresso, na semana passada, Thomas Enders se declarara oposto, mais uma vez, à participação dos cinco grupos de guerrilheiros salvadorense em negociações de paz, defendendo que eles não estão interessados no processo democrático, mas sim na tomada do Poder.

A sua mudança de ponto de vista dever-se-ia à crescente oposição do Congresso ao prosseguimento da ajuda militar americana a El Salvador.

O secretário de Estado adjunto recusou-se a fazer qualquer comentário sobre a informação do «Washington Post».

No entanto, um responsável do departamento de Estado, que pediu o anonimato, indicou que os Estados Unidos não encaram

a hipótese de modificarem a sua política relativamente a El Salvador.

Ofensiva da guerrilha

O exército salvadorense combate actualmente «dia e noite» na província de São Vicente (centro do País) contra os guerrilheiros da frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) indicou ontem uma fonte militar de São Salvador.

A 5.ª brigada de Infantaria, baseada em São Vicente, a 65 km a Leste da capital, lançou na passada segunda-feira uma ofensiva contra os guerrilheiros do FMLN, instalados nos arredores do vulcão Chinchontapac e que operam, segundo o exército, sobre cerca de 60 por cento do território da província.

A ofensiva das forças governamentais permitiu a recuperação da localidade de El Carmen, nas encostas do vulcão de que a guerrilha se tinha apossado no princípio da semana, indicou em São Salvador, um porta-voz militar.

As calúnias contra a Bulgária

O jornal norte-americano, «Daily World», escreve em editorial que a Bulgária está a ser há meses objecto de uma campanha de calúnias reaccesca pela CIA e pelos meios de Comunicação Social do Ocidente.

Segundo o «Daily World», essa campanha é motivada pelo facto de a Bulgária ter conhecido

grandes êxitos económico-sociais e ser hoje um país estável, de grande preponderância nos Balcãs.

«É este o grande pecado da Bulgária» — escreve ainda o jornal, acrescentando: «como os êxitos económico-sociais da Bulgária não podem ser reconhecidos publicamente no Ocidente,

submete-se aquele Estado socialista a uma campanha caluniosa».

Enquanto isto, o cidadão búlgaro, Sergei Antonov, detido em Itália por acusações que até agora não foram minimamente fundamentadas, escreveu à Embaixada do seu país em Roma, uma carta onde escreve: «Depois de ter sido sujeito a uma acareação,

acusam-me agora de ter tido um encontro na minha residência, e ligam isto às inconcebíveis e inacreditáveis acusações que me têm vindo a fazer».

O facto de Ali Agca não conseguir indicar nenhum pormenor concreto da minha residência confirma que este ponto é mais uma falsidade a

Walesa no Tribunal Militar de Varsóvia

Lech Walesa chegou esta manhã às 09h00 locais (0800 tmG) à sede do tribunal militar de Varsóvia, para ser ouvido como testemunha na instrução do processo em curso contra os responsáveis do comité de Autodefesa Social (KOR).

O líder operário, que chegou de viatura, acompanhado pelo seu motorista Mietek e pela senhora Sila-Nowicki, antigo conselheiro jurídico do «Solidariedade», recusou-se a fazer qualquer declaração à imprensa à sua entrada no tribunal.

Entretanto, a agência noticiosa polaca, PAP, confirmou ontem a fuga para a Suécia, na terça-feira, de dois pilotos polacos adiantando ter o governo de Varsóvia já solicitado ao seu homólogo sueco a sua extradição.

Os dois pilotos, Zbigniew Wojasa e Henryk Ksmazek, estão entretanto a ser interrogados pela Polícia sueca, indicam informações captadas pela rádio de Varsóvia.

somar a todas as outras. Estou inocente, e, mais uma vez, declaro que não tive qualquer envolvimento no atentado contra o Papa.

Estou certo de que a justiça sairá vencedora e peço que seja solicitada, uma vez mais, a minha libertação.»

Desafiando todas as regras democ

Begin resiste à Comiss

Hoje pelas 13 horas tmG, começou em Israel uma nova reunião extraordinária do Conselho de Ministros, destinada a tomar a decisão, já demasiado protelada, de aplicar as recomendações da Comissão Kahane, que analisou os massacres de Sabra e Chatila, campos de refugiados palestinos, perto de Beirute, onde em Setembro passado foram friamente assassinadas centenas de vítimas.

Enquanto em todo o Mundo se reclama a demissão do governo Begin (uma excepção: a Administração Reagan, para quem os palestinos não são decerto «humanos»), enquanto os trabalhistas israelitas exigem a demissão e a realização de eleições antecipadas, Begin protela o mais que pode a própria demissão do seu ministro de Defesa, Ariel Sharon, apesar de a Comissão apontar essa exigência.

Na última sessão extraordinária do gabinete israelita, a maioria dos ministros foi de opinião de que as recomendações Kahane devem ser seguidas (mas apenas no sentido estrito da demissão de Sharon). Face a isto, os observadores israelitas vêem três saídas possíveis para o caso: demissão colectiva do governo, arrastada pela própria demissão de Begin; Sharon demitido da Defesa e continuando no governo como ministro «sem pasta»; passagem da questão pelo Knesset, onde Begin pode manter a maioria, o que levará o presidente israelita a convidá-lo a formar novo governo, dentro de 42 dias.

Estas serão algumas das hipóteses de mero jogo político-parlamentar que se abrem para o governo Begin, o qual, para se salvar, arranja agora um pretexto: o de que um «vazio do Poder» criaria novas dificuldades ao processo de negociações com o Líbano, tendente a conseguir a retirada das tropas estrangeiras daquele país ocupado e espezinhado pelos sionistas.

É evidente que se trata de um expediente para uso interno, pois todas as indicações são eloquentes: Israel não está nada interessado em retirar do Líbano, e procura, pelo contrário, uma saída para ali permanecer e obrigar as outras tropas a abandonarem o seu novo «território ocupado».

Reações

Mais ter em conta apenas este «jogo» é encerrar a situação com vistas demasiado curtas. No mundo árabe e em certos meios de comunicação do Oeste, bem como nos jornais dos países socialistas entende-se que os resultados da Comissão Kahane são insuficientes. Nos territórios ocupados pensa-se que o relatório é um passo importante, mas lamenta-se que não tenha quaisquer efeitos executórios. Por outro lado, entende-se que o relatório errou, circunscrevendo-se apenas aos massacres e não levando em linha de conta todos os aspectos da guerra do Líbano.

A imprensa israelita, que na sua quase totalidade, transcreve as 108 páginas do rela-

tório, é quase unânime em entender que o governo Begin só tem uma saída: abandonar o Poder.

A Imprensa libanesa toma posições diferentes, segundo as suas opções políticas. Duas notas dominantes: Sharon é igual ao criminoso de guerra, Klaus Barbie, agora detido em França, e o governo israelita pode aproveitar esta ocasião para se lançar no seu esperado ataque aos sírios em Bekaa, a fim de distrair as atenções internas e internacionais.

De um modo geral, as organizações palestinas insistem na demissão do governo Begin, enquanto o dirigente, Yasser Arafat, recomenda a criação de um tribunal internacional como o de Nuremberga.

Sharon

Ariel Sharon deixou ontem estupefactos os membros do Estado-Maior Israelita que, reunidos em plenário, o viram aparecer sem esperarem por tal. Perante os oficiais reunidos Sharon declarou que não tencionava pedir a demissão e afirmou que as conclusões da Comissão Kahane, no tocante à exigência de que o CEM, Rafael Eytan e os generais Saguy e Yaron, sejam demitidos, devem ser adiadas, pois teriam «graves consequências para o Exército».

Os oficiais do EM acolheram com total silêncio as declarações de Sharon.

Saliente-se que estas declarações, para além da sua baixa moral, denotam os intuitos aventureiristas do gabi-

Iranianos nov

As forças iranianas atacaram, na noite de hoje, a sul da frente aberta, no domingo transacto, pela operação «Aurora», na região de Fakkeh, segundo anunciou, esta manhã, Rádio Teerão,

Ponte aérea Trip

Uma ponte aérea foi estabelecida, para abastecer as forças iranianas bressalentes libios e sírios para a qual anunciou ontem um porta-voz do

citando informações provenientes dos postos de comando.

Trata-se «de uma outra parte dessa operação, que tem como objectivo a destruição das forças e do armamento baasistas (iranianos) e a criação de facilidades para prosseguir as operações», precisou a Rádio.

«A 12.ª brigada da terceira divisão iraquiana foi dizimada e a organização militar do inimigo nesse sector sofreu golpes consideráveis», afirmou Rádio Teerão.

Desde o ataque da noite de domingo, a 60 km a este de Al Amarah, as forças iranianas tomaram o controlo de 300 quilómetros quadrados no Irão e no Iraque, e conseguiram manter-se nessas posições, segundo os comunicados de Teerão. Ontem, a frente foi bombardeada «sem resultados» pela aviação iraquiana, que perdeu quatro aparelhos, durante a tarde, anunciou um comunicado militar. No entanto, um porta-voz mili-

democráticas

Comissão Kahane

nete Begin, e parecem provar que Telavive está mesmo pronta a atacar os sírios.

Escrevemos nesta página que, com todas as suas limitações, o relatório Kahane provava a vitalidade, apesar de tudo, existente na democracia israelita. Porque ainda acreditamos nessa vitalidade, estamos certos de que as forças democráticas e os cidadãos minimamente decentes exigirão a única saída para este caso: demissão de Begin e de todo o seu gabinete com realização de eleições antecipadas.

Se estes resultados não surgirem, então, a Comissão Kahane terá sido uma farsa total, e o veneno que corrói, de há muito, Israel atingirá efeitos letais. No plano interno, Israel será aquilo que, externamente, já é de há muito: um Estado fascista, que copiou dos nazis muitas das suas práticas, e que chegou mesmo a refiná-las, com a cumplicidade dos EUA.

A tiro

Tropas israelitas reprimiram a tiro uma insurreição de presos libaneses e palestinos ocorrida no início desta semana no campo de concentração israelita de Ansar, no sul do Líbano — noticiou a Anop, citada pela ANOP.

A agência, que cita o testemunho de habitantes de povoações localizadas nos arredores do campo, refere que, na noite de domingo para segunda-feira, os reclusos se manifestaram, maciçamente, contra «a repressão, torturas,

terror e insultos» de que são vítimas.

As mesmas fontes adiantaram que «os soldados israelitas abriram fogo sobre os detidos desarmados e até alta madrugada dirigiram-se para o campo ambulâncias e helicópteros para transportar as vítimas».

Liga Árabe

O secretário-geral da Liga Árabe esclareceu, hoje, em Luanda, que a sua visita a Angola lhe permitiu analisar certos aspectos da política internacional e aperceber-se da situação no país.

«Nós constatámos, igualmente, que a cooperação entre Angola e a comunidade árabe pode ser reforçada por ambas as partes — disse o dirigente árabe à partida de Luanda, no termo de uma visita de 24 horas.

Chadli Klibi referiu que no encontro com o presidente José Eduardo dos Santos teve a oportunidade de constatar a importância que a República Popular de Angola concede aos Estados membros da Liga Árabe.

Assassinio

Dois peritos soviéticos foram assassinados na Síria há alguns dias, afirmou, hoje, a rádio falangista «A Voz do Líbano».

A emissora não dá qualquer pormenor sobre as circunstâncias do assassinio que teria ocorrido próximo da barragem do Eufrates, no centro da Síria, segundo indicou.

Guerra Irão-Iraque

Iraques lançaram hoje nova ofensiva

tar iraquiano desmentiu que quatro aviões de combate iraquianos tenham sido abatidos pela DCA iraniana como Teerão afirmou.

Segundo o porta-voz, citado

Tripoli-Teerão

abelecida entre Tripoli e Teerão iranianas de armas e sob para a guerra contra o Iraque. voz do exército iraquiano.

pela agência iraquiana INA, recebida em Manama, os caças e helicópteros iraquianos «voltaram todos às suas bases incólumes» depois de efectuarem 218 saídas «bem sucedidas» contra concentrações de tropas iranianas na região de Missane (sul da frente).

Por outro lado, segundo a agência iraquiana INA, foram, ontem, destruídas três unidades navais iranianas, à entrada de Khor Mussa, a nordeste do golfo.

Segundo um porta-voz militar iraquiano, citado pela INA, «unidades da Marinha e da aviação iraquianas participaram na destruição desses objectivos iranianos».

Última hora: ataque repellido

A parte principal das forças iranianas que lançaram, esta noite, nova ofensiva contra o Iraque no sector de Missan «encontra-se, actualmente, cercada e isolada», anunciou, hoje de

manhã, o comando militar iraquiano.

O comunicado militar número 944, citado pela agência iraquiana INA, recebido em Manama, precisa que as forças iraquianas «apertam o cerco às forças atacantes, depois de terem posto fora da acção uma nova ofensiva e morto um grande número dos seus participantes».

«Uma parte da força iraquiana actualmente isolada, composta por soldados de infantaria apoiados por veículos blindados, começou a render-se e centenas de prisioneiros foram evacuados para a retaguarda», acrescentou o comunicado.

O mesmo texto precisa que as forças iraquianas «continuam a isolar os atacantes iranianos cortando-lhes as suas linhas de abastecimento e impedindo-lhes todas as possibilidades de fuga».

«O novo ataque iraniano produziu-se quarta-feira, às 21 horas locais (18 horas tmG), no mesmo sector que os ataques anteriores, ou seja, em Shib e na mesma posição», indica, finalmente, o comunicado.

Por outro lado, segundo o correspondente da agência do golfo (GNA), cujo despacho foi transmitido pela agência oficial iraquiana INA, a força iraquiana «rendeu-se na sua totalidade».

O correspondente, citando «uma fonte iraquiana responsável», afirma que foram feitos prisioneiros mais de mil soldados iranianos e capturaram-se «dezenas de blindados em bom estado».

Questões de pudor...

Parlamento Europeu rejeita embargo contra África do Sul

O Parlamento Europeu rejeitou em Estrasburgo a proposta da Comissão do Desenvolvimento e da Cooperação sobre um embargo às exportações de tecnologia susceptíveis de uso militar para a África do Sul. A luta contra o «apartheid» e pela independência da Namíbia não passa pela imposição de sanções económicas à África do Sul — considerou o Parlamento Europeu.

Ao rejeitar a proposta, o Parlamento seguiu a opinião da Comissão Política, sobre um embargo das exportações de armas. Esta proposta foi votada por 130 votos a favor e 90 contra.

Sobre a utilidade da aplicação de sanções económicas à África do Sul, o comissário Pisani considerou que elas só terão o efeito desejado se forem adoptadas em conjunto com os Estados Unidos e o Japão.

O Parlamento Europeu não seguiu a posição de Scott-Hopkins, propondo a dissolução da SWAPO, mas «reclamou um controlo internacional da fronteira entre Angola e a Namíbia para impedir novas incursões da SWAPO na Namíbia e a intimidação da população oando por esta organização».

A Assembleia Europeia recusou a proposta do conservador inglês pedindo a «rejeição das pretensões da representação exclusiva da SWAPO na Namíbia».

O Parlamento seguiu também a resolução das Nações Unidas, considerando que o enclave de Walvis Bay é parte integrante da Namíbia.

Em relação ao desporto, o Parlamento considera que os laços com a África do Sul devem ser mantidos, com a condição de que «as organizações desportivas sejam autenticamente multirraciais».

O projecto de resolução não foi votado pelos comunistas nem socialistas.

O trabalhista britânico Alfred Lomas afirmou que se a Assembleia quer lutar contra o «apartheid» deve votar a imposição de sanções económicas e financeiras e condenou nomeadamente o empréstimo concedido recentemente pelo Fundo Monetário Internacional à África do Sul, sem condições.

Todos os deputados foram unânimes em reconhecer que os «códigos de conduta» impostos às empresas que têm filiais na África do Sul não são respeitadas e foi pedido um «maior respeito» por esses códigos e a elaboração de um relatório anual

drid, a estabilidade de Marrocos é essencial para a estabilidade da Espanha, por causa da questão de Ceuta e Melilla e da pesca, pelo que Madrid vai procurar manter boas relações e cooperar com a monarquia de Rabat.

evolução das exportações e das cotações do petróleo.

Também serão submetidos à aprovação da Assembleia do Povo o projecto de lei da nacionalidade e resoluções sobre direito da família e prorrogação dos mandatos dos deputados.

Moçambique

Um enviado do presidente Samora Machel deixou ontem Maputo com uma mensagem para o seu homólogo de Cabo Verde, Aristides Pereira.

Na semana passada, um mensageiro do presidente cabo-verdiano, o embaixador Lisboa Ramos, deslocara-se à capital moçambicana e supõe-se que exista relação entre as duas missões.

O enviado dmpresidente Samora Machel a Cabo Verde é o seu secretário pessoal, Muradali Mamadusen.

Entretanto, o jornal «The International Herald Tribune», de Paris, publicou um artigo sobre as muitas pressões, políticas e naturais, a que Moçambique está submetido.

Assinado por Anthony Lewis, de The New York Times, o trabalho sublinha que a razão básica para o subdesenvolvimento de Moçambique é a forma pela qual Portugal tratou essa antiga colónia: «com negligência cruel».

A data da proclamação da Independência, em 1975, apenas três por cento dos moçambicanos sabiam ler e escrever — destaca Lewis, que seguidamente fala dos problemas de segurança levantados pelo antigo regime rodésiano e, a partir da independência do Zimbábue, pela República da África do Sul.

«O P.A.S. SOFRE UMA SECA TERR'VEL» — prossegue o jornalista, que relata o facto de partes do Sul de Moçambique estarem há um ano sem chuva, pelo que existe fome.

As pressões económicas e políticas levaram o presidente Samora Machel e o seu governo a aceitarem a ideia de coexistência com a África do Sul — acrescenta o relato, segundo o qual existe a possibilidade de entendimento para que a fronteira mútua se torne segura e que por ela não passem guerrilheiros; em nenhum dos sentidos.

Recorde mundial

A África do Sul detém o recorde mundial de condenações à morte, revela um relatório da Comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas a que a Anop teve acesso.

O relatório indica que, em 1981, os tribunais sul-africanos condenaram à morte, por enforcamento, 96 réus, enquanto em cada um dos três anos anteriores foram executadas 130 pessoas.

Mais de 50 presos morreram nas prisões, nos últimos anos, em circunstâncias suspeitas, diz, também, o relatório, para acrescentar que os serviços de segurança sul-africanos utilizam todos os meios para obter confissões.

O relatório refere, ainda, que o número de presos na África do Sul aumentou, substancialmente, nos últimos dois anos, devido ao aumento da criminalidade e ao reforço da resistência contra o regime de «apartheid».

sobre o assunto pela Comissão respectiva e pelos Estados membros.

Mas a proposta sobre a não concessão de empréstimos às empresas que não respeitam os códigos foi rejeitada.

Ceuta e Melilla

As autoridades espanholas recusam-se hoje a comentar a pretensão de arcos de conseguir o apoio da União dos Parlamentares Árabes sobre reivindicação de Ceuta e Melilla.

No entanto, fontes oficiais referiram-se à atenção que merece ao Governo espanhol a situação de Marrocos, sobretudo depois da morte do general Dlimi.

Ao mesmo tempo, dizem que não constituem surpresa as novas reivindicações do rei Hassan sobre as duas cidades.

Tanto a imprensa como as autoridades procuram tirar-lhe importância, alegando que cada vez que a situação interna do país é tensa, o rei Hassan recorre a «alguma manobra de distração».

Entretanto, fontes diplomáticas espanholas disseram à ANOP que apesar de o rei Hassan não ter simpatias entre os governantes socialistas de Ma-

Alguns jornais disseram terça-feira que agentes secretos espanhóis tinham informado o rei Hassan de que oficiais do Exército de Marrocos preparavam um golpe de Estado para derrubá-lo.

Afirmam os jornais que veicularam esta informação que a descoberta do golpe de Estado em Marrocos coincidiu com a data da morte do general Dlimi, atribuída pela maior parte da imprensa espanhola a um atentado.

O ministro dos Negócios Estrangeiros desmentiu que tivesse transmitido qualquer informação deste género, mas não negou que o pudessem ter feito outros serviços, embora ele não tivesse conhecimento do facto.

Angola

O presidente angolano José Eduardo dos Santos convocou ontem a sexta reunião ordinária da Assembleia do Povo, que decorrerá em Luanda de 22 a 24 de Fevereiro.

Nos termos da convocatória, a Assembleia do Povo deverá pronunciar-se sobre o projecto do plano global de emergência, que substituirá o plano para 1983, devido à incerteza quanto à futura

Processo de Klaus Barbie demorará um ano

— Organizações e famílias judias apresentaram as primeiras queixas

De acordo com meios judiciais de Lyon, calcula-se que a instrução do processo movido ao criminoso nazi Klaus Barbie demore pelo menos um ano.

As mesmas fontes ouvidas pela agência AFP revelaram que as primeiras queixas recebidas pelo juiz-instrutor, Christian Riss, que se libertou de todos os casos que tinha entre mãos para se dedicar exclusivamente ao processo Barbie, foram apresentadas por organizações ou famílias judias. Trata-se, refere a agência, de parentes de algumas das crianças enviadas de Isieu para o campo de concentração de Auschwitz, de onde nenhuma delas regressou.

Entretanto, os meios judiciais franceses debatem agora o quadro jurídico em que o «carniceiro de Lyon» poderá ser julgado. No meio de muitas incertezas, existem para já algumas certezas e todo um passivo de posições jurídicas a considerar.

Assim, no campo das certezas, a primeira, muito firmemente lembrada por Paris, precisa que não será retomado o debate sobre a pena de morte, pois o princípio da não retroactividade da lei

penal impediria a execução pela guilhotina. Por outro lado, e este é o segundo facto dado como certo, é que Barbie só poderá ser julgado por um tribunal comum, com o procedimento habitual, e, em caso algum, por um tribunal composto apenas por magistrados, pois desde a suspensão dos tribunais militares, essa disposição só se aplica a casos de espionagem ou que envolvam segredos da Defesa Nacional.

Por fim, Klaus Barbie só será pronunciado por «crimes contra a Humanidade», pois, de acordo com os círculos judiciais, só esses crimes não prescrevem, qualquer que seja a data dos factos, contrariamente aos crimes de guerra, que prescrevem ao fim de vinte anos, pelos quais o antigo chefe da Gestapo em Lyon já foi julgado e condenado à morte por contumácia, em 1952 e 54.

Com efeito, a noção de «crime contra a Humanidade» foi definida pela carta do tribunal de Nuremberga, em Agosto de 1945,

em Londres, e foi retomada, um ano mais tarde, por uma resolução da ONU, o que lhe confere um valor legal internacional. Entre os «crimes contra a Humanidade», definidos no texto, figuram «o assassinio, escravagismo, extermínio, deportação ou outros tratamentos desumanos cometidos contra populações civis antes ou durante a guerra, ou perseguições cometidas por razões políticas, de raça ou religião».

De tudo isto decorre que as duas sentenças que condenaram à morte Klaus Barbie, respectivamente em 1952 e 1954, por contumácia, não são aplicáveis devido à prescrição, mas os factos então julgados adquiriram teoridade a «autoridade de coisa julgada».

Entretanto, fonte próxima do juiz de instrução de Lyon informou que o mandato de prisão contra Barbie incluirá sete notas de culpa distintas, desde o assassinato ao sequestro arbitrário, da deportação aos actos de barbarismo, mas todas elas relativas a crime contra a Humanidade.

Por seu lado, Alain de La Serrette, nomeado defensor oficial

de Barbie, em declarações publicadas ontem pelo jornal francês «Le Soire», salientou ter ficado com a impressão de que Klaus Barbie é «um homem psicologicamente normal, nem louco, nem diminuído», e que está disposto a defender-se das acusações.

EUA protegeram criminosos de guerra

O encobrimento e protecção pelos Estados Unidos de criminosos de guerra japoneses que utilizaram prisioneiros para efectuar horribes experiências bacteriológicas foi denunciado pelo jornal «Pravda».

Segundo o articulista, trata-se da utilização pelo Pentágono das antigas experiências japonesas no domínio das armas bacteriológicas.

O jornal recorda que, durante a Segunda Guerra Mundial, os veredictos japoneses estudavam, num complexo bacteriológico supersecreto, comandado pelo general japonês Shiro Ishii, a influência dos agentes bacteriológicos sobre o organismo humano, a fim de definir um tipo «mais eficaz» de bactérias.

exclusivo

El Salvador, o "pulgarcito" rebelde (4)

Carlos Gil

Prisioneiros de guerra

ALGUMA imprensa internacional, actuando como câmara de eco, não se tem cansado de repetir aquilo que os centros de propaganda ocidentais tanto desejam que se propague; a guerrilha de El Salvador recebe armamento soviético através dos seus «piões» latino-americanos. Cuba e Nicarágua... e assessores vietnamitas ou cubanos existem aos montes pelas zonas libertadas!

Não será necessário ser eu a dizer o contrário, apesar de se poder arriscar a afirmação, mas o facto é que ninguém até hoje encontrou esses «terríveis» assessores de olho rasgado, ou viu uma arma que não seja de fabrico americano nas mãos dos guerrilheiros salvadorenhos. O armamento comprado pela FMLN é todo ele fabricado e adquirido em países capitalistas...

Afinal de contas são os exércitos de El Salvador e Honduras que estão repletos de assessores norte-americanos e, mais recentemente, segundo uma informação do insuspeito New York Times, é Israel que vende armas aos regimes pró americanos da América Central e prepara-se para ampliar o número de assessores nesta área.

Ainda segundo o jornal norte-americano, Israel vendeu a Honduras e El Salvador as armas capturadas aos palestinos da OLP durante a guerra do Líbano.

Mas a grande fonte de abastecimento de armas aos guerrilheiros é o próprio exército salvadorenho. Como no Vietname e depois de grandes lutas travadas nas ruas das grandes cidades, a guerra revolucionária prolongada passou pelas clássicas fases; **etapa defensiva, equilíbrio de forças e enfim a contra-ofensiva**. Hoje, em El Salvador, os guerrilheiros têm a iniciativa dos combates golpeiam o inimigo como querem e onde mais lhe interessa, fazem prisioneiros e entregam-nos à Cruz Vermelha mas, sobretudo, o que é mais importante são as armas e munições capturadas durante os ataques aos quartéis do exército...

Um a um os combatentes vão chegando. Era o começo da manhã e com eles sete prisioneiros de guerra quase todos muito jovens rosto estampado pelo

medo da morte. Só mais tarde iriam entender que a morte dissipara-se exactamente no momento em que eram feitos prisioneiros — «queres morrer, combate ao lado do exército, queres viver junta-te a nós...»

A operação estava concluída e os guerrilheiros mais uma vez vitoriosos em Oratório, pequena aldeia a 12 quilómetros de San Salvador.

Militarmente tinham conseguido resultados excelentes, 47 baixas ao «inimigo» e muito material de guerra capturado. Os prisioneiros tinham-me confirmado isso quando os entrevistei um a um, sem qualquer controlo dos guerrilheiros, após a operação ter sido concluída.

O soldado Rosal Fernandes, de 18 anos, diz-me que foi levado à força da sua aldeia para o quartel;

— A gente não gosta de ir para o quartel mas chegavam os guardas e diziam que tinhamos que ir lutar contra os subversivos que são inimigos do povo. Depois vim parar a Oratório e o nosso chefe dizia-nos que era um lugar perigoso e que os «muchachos» eram muito maus, eu não sabia a verdade e acreditei. Agora estou dando conta que não são como os pintam, essa coisa de que nos matavam... não sei, acho que não!

O sargento Jesus Gonzalez, ainda nervoso e cheio de medo, diz-me: «nós temos direito a que nos respeitem a vida».

— Claro que sim, digo-lhe eu os guerrilheiros já me afirmaram que depois serão entregues à Cruz Vermelha Internacional, mas o que parece é que os seus chefes militares não procedem do mesmo modo, eles nem sequer fazem prisioneiros...

— Abertamente não lhe posso dizer a verdade, entre os militares há gente que não respeita isso.

Mas o prisioneiro mais importante do grupo é um dos paramilitares do governo, responsável pelos **esquadrões da morte** da aldeia atacada. Miguel Angel Canales tem 43 anos, cinco filhos menores e é viúvo. Defende-se bem do meu «ataque», é inteligente e muito «sabido». — «temos que prestar serviço obrigatório senão prendem-nos e somos castigados, além disso, nem para a comida ganhamos!...»



«... queres morrer, combate ao lado do exército, queres viver junta-te a nós...»

Canales, «vigia o povo» com uma G3 de verdade. Trabalhava na agricultura como assalariado e ganhava 3 colons por hora com comida, ou seja, 70 escudos e duas tijelas de feijões e uma tortilha de milho.

— Os seus chefes falavam-lhe dos guerrilheiros? Que lhe diziam? Diga a verdade porque eu não sou guerrilheiro, apenas sou jornalista.

— Sim, eu não tenho medo. Diziam-nos que quando caíssemos nas suas mãos, eles nos matavam. Agora vejo que é diferente. Quando vinhamos para aqui, um guerrilheiro até água nos deu com as duas mãos. De facto é gente com humanidade que me espanta. Acho que eles lutam por uma causa justa.

— Acho que mudou de opinião de um dia para o outro... é possível?

— Quem não vê, não crê! Estou vendo a realidade porque estamos frente a frente. Somos prisioneiros de guerra e posso afirmar que estamos a ser bem tratados. Se me libertarem vou contar aos amigos de confiança a realidade que aqui se vive, é uma grande experiência. Então, a gente de Oratório vem logo perguntar-nos como nos trataram.

— Não tem receio que depois os seus chefes não fiquem satisfeitos com essa «propaganda» a favor dos guerrilheiros?

— Nós somos independentes não ganhamos nem um cinco...

— Na aldeia escutavam a rádio dos guerrilheiros?

— Sim, a Rádio Venceremos muitas vezes, mas não acreditávamos no que diziam. Também as rádios comerciais de San Salvador nos informavam que aqui já quase não existiam guerrilheiros e que havia muitos estrangeiros, não eram nativos, eram cubanos... mas agora estou vendo que são todos nativos, são camponeses que lutam.

— Bem, eu sou estrangeiro, mas olhe que estou aqui de passagem e os que vi por aí são salvadorenhos!...

— Eu sei que são, a gente dos outros países conhece-se bem. Mas a propósito de estrangeiros, há uma história curiosa para contar. Ela foi-me relatada por

um dos comandantes da FMLN, é uma história exemplar e verdadeira.

— Mário era, um cidadão de nacionalidade espanhola, que durante 6 anos foi soldado da Legião Estrangeira francesa e combatente durante 3 anos contra o povo do Vietname (1949-52) onde foi premiado com a alta condecoração «pelas vidas vietnamitas que tirou».

Segundo o seu mundo de aventuras, em 1954 viajou para a Venezuela onde foi recrutado pela CIA, servindo como mensageiro e vigia dirigentes e personalidades democráticas. Em 30 de Agosto de 1982, entrou em El Salvador mais uma vez em busca de aventuras e em 7 de Setembro apresentou-se às Forças Armadas de Libertação, em Jucuarán, para se incorporar na guerrilha. Foi aceite enquanto os serviços de inteligência da FMLN investigavam a seu respeito.

Durante a sua estada entre os guerrilheiros manteve uma atitude provocatória contra o Partido Comunista de El Salvador, denegria os comandos das FAL, qualificava os guerrilheiros de «vulgares combatentes» e incitava à indisciplina e à desordem, com o pretexto de que não queria ser membro das FAL mas de outra organização irmã. Aceleraram-se então as investigações e entretanto, como não obtivera transferência começou a tramar fugir e «apresentar-se ao inimigo e armar um escândalo internacional contra-revolucionário», razão pela qual foi feito prisioneiro.

As investigações do Comando Geral das FAL concluíram que «Mário era um aventureiro instável, vinculado à CIA e a sua actitude entre nós converteu-se em elemento perigoso, capaz de causar dano à nossa Revolução». Por isso o Comando das FAL ordenaram um «ajustamento imediato». Mário foi fuzilado poucos dias antes da minha chegada a Guazapa. A ordem escrita terminava: «Unidos para combater até à vitória final!!! Revolução ou morte, Venceremos!!!»

O meu bloco-notas

• Na frente de Guazapa as incursões do exército são cada vez mais desejadas... os guerrilheiros desejam ardentemente a «invasão». Essa convicção resulta do facto de sempre terem vencido essas incursões, causando-lhes centenas de baixas nas dez vezes que já aqui vieram atacá-los. Mas há dois anos a guerrilha estava pior preparada, tinham menos combatentes e menos armas. Alguns guerrilheiros combatiam com pistola e armas antigas. Hoje até possuem artilharia conquistada às tropas governamentais e Guazapa é um bastião inexpugnável às portas da capital do país.

• Os combatentes descrevem-me cenas de combates com a alegria da vitória e chegam a apontar os mais pequenos pormenores como a forma de matarem individualmente os «inimigos». Dizem muitas vezes: «que bonito que era ver os 'chuchos' ir caindo e outros jugirem de medo»...

Relatam-me também como actuam alguns aviões de reconhecimento em áreas povoadas de guerrilheiros. Esses aviões estão providos de potentes altifalantes exteriores que constantemente difundem chamamentos à rendição e música, «e que bonita que era a música que tinham os cabrões!...»

• O comandante Roberto diz que se está desenvolvendo em El Salvador um novo tipo de guerra popular de guerrilha, distante das teorias do Che sobre o foco. Para Guevara os combates nunca se deviam desenvolver a menos de cem metros do exército. Os guerrilheiros de Guazapa combatem o «inimigo» a oito e dez metros.

As bases da guerrilha tradicional quando eram detectadas eram logo transferidas do local. Aqui, também existem grupos móveis de guerrilha, mas na sua maioria os acampamentos estão fixos e o exército sabe exactamente onde eles se encontram.

• Estou perante uma guerrilha relativamente bem apetrechada, moderna e até bem alimentada porque existe feijão três vezes ao dia! Tem meios sofisticadíssimos de comunicações rádio e a partir desta montanha de Guazapa emite em FM os seus programas da Rádio Venceremos, diariamente para San Salvador. É um espectáculo!

A cada passo encontro guerrilheiros e guerrilheiras a tomar banho, a lavar a cabeça com shampo americano comprado nos supermercados de San Salvador, a fazer a barba, tudo isto, com água tirada da fonte com um capacete de ferro furado por uma bala, deixado por algum soldado «inimigo» morto...

• Um dos factos que me impressionou é ver os guerrilheiros escutar abertamente as estações de rádio governamentais mesmo ao lado dos seus superiores sem que haja qualquer repressão.

Demonstra afinal o seu alto grau de politização que os leva a serem críticos daquilo que ouvem ao «inimigo».

• O Cerro de Guazapa tem um bom café. São os próprios guerrilheiros que o apanham, secam e preparam. Ele nasce por todo o lado. Dizem-me que quando neste país triunfar a Revolução vão comercializar o célebre café e que irá chamar-se, «Guazapa Heróico».



Uma arma, um guerrilheiro, o futuro

Visa GT

Um Citroen de raça apurada

Ao lançar recentemente o Visa GT, o modelo mais recente de uma geração de carros que provocou inegável sucesso nos mercados internacionais, a Citroën explicou que este modelo vinha fazer mais do que substituir o Visa Super X: vinha colocar-se no «andar superior na escala das performances e do prazer de condução». Na verdade, se o Super X era já um carro caracterizado pela sua tendência desportiva, o GT ultrapassou-o nos aspectos mais importantes que o automobilista exige actualmente.

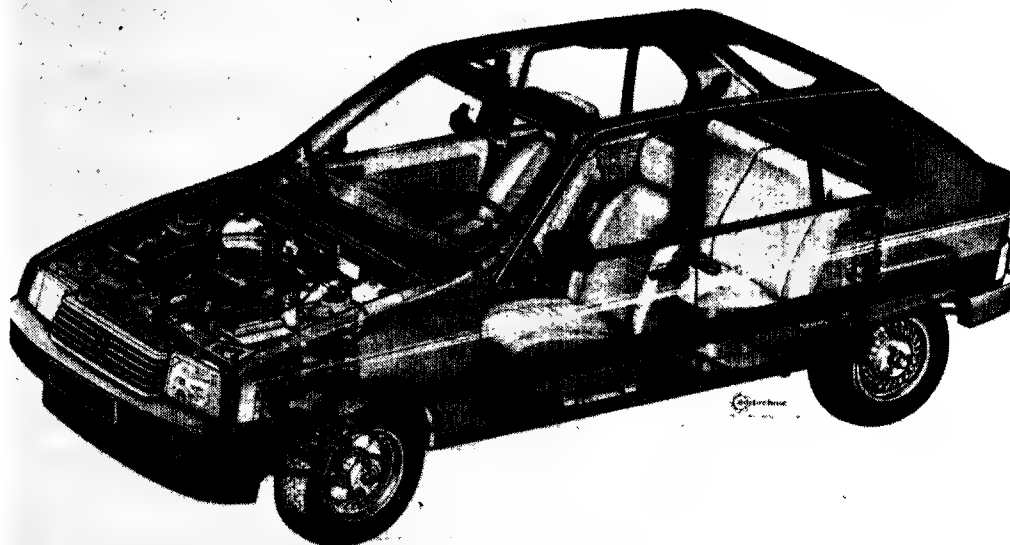
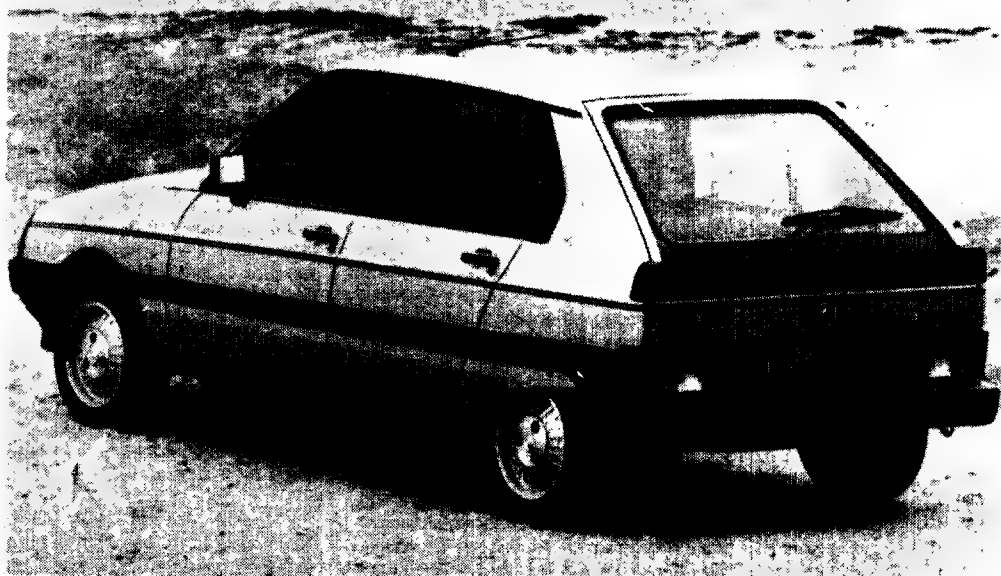
Não é difícil conseguir fazer evoluir um modelo, alterá-lo esteticamente, fornecer-lhe mais potência. O que é difícil é conseguir isto, melhorando o seu equilíbrio geral e sobretudo os consumos.

O Visa GT é um dos modelos mais bem conseguidos de todos quantos existem no sector das pequenas cilindradas. Com uma potência de 80 CV a 5800 rpm (mais 25 por cento que o Super X, extraída de um motor de 1360 cc, o Visa GT oferece performances brilhantes que o colocam claramente em vantagem relativamente a todos os seus concorrentes da classe.

É verdadeiramente o prazer da condução, com uma resposta total a qualquer tipo de solicitação, quer em estrada quer na condução urbana.

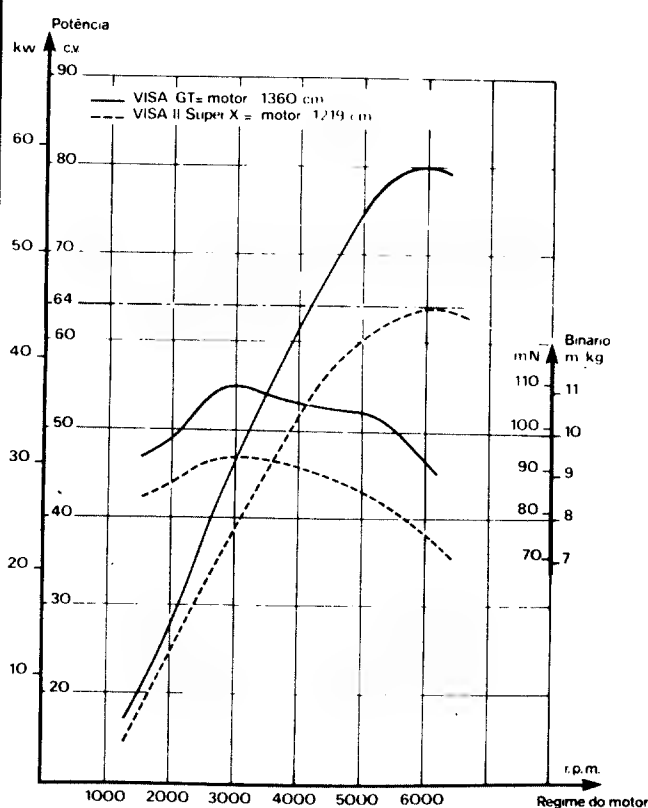
Em estrada o GT fornece performances verdadeiramente notáveis. Ágil, nervoso, rápido, é um carro surpreendente pelas suas metamorfoses. Na verdade, tanto se apresenta com a sua tendência desportiva, permitindo uma condução muito rápida, como do mesmo modo admite uma condução calma, a velocidade reduzida, com uma suavidade em baixos regimes que pareceria incompatível com as altas performances de que é capaz.

A elasticidade do seu motor é uma das características mais agradáveis do Visa GT. Ele tem resposta rápida, mas suave, em qualquer regime de condução, ajudado por uma caixa de cinco velocidades excelentemente escalonada. O condutor sente a nervosidade do carro qualquer que seja o tipo de condução que esteja a praticar, e, mesmo a velocidade mais elevadas, há sempre a sensação de uma re-



CITROËN ^ VISA GT e VISA II Super X

Curvas de potência e binário (comparação)



serva de potência no motor que é um factor tranquilizante da condução. Aliás uma das características mais agradáveis deste carro é a sua quinta velocidade que tem mesmo força, não servindo apenas para rodar mais depressa.

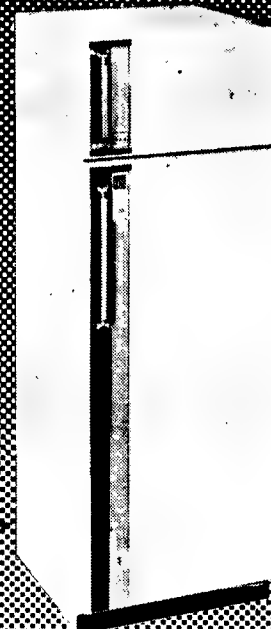
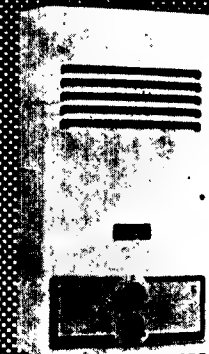
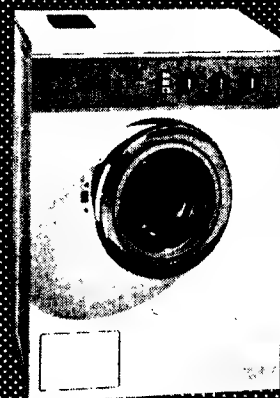
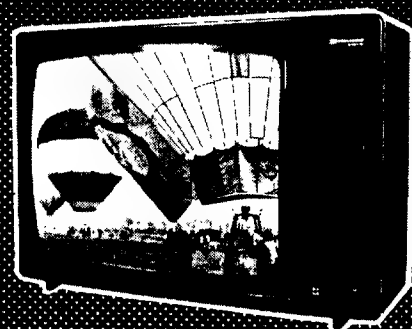
Outra metamorfose do GT é quando regressa à cidade. Da condução desportiva, ágil, rápida, ele entra na confusão do tráfego urbano e comporta-se suavemente, na lentidão do trânsito, sem que o condutor seja absovido por aquela sensação tão desagradável de estar a violentar o motor em regimes baixos, naqueles intermináveis arranques e paragens das horas de ponta.

Quanto às suas características de estrada, de segurança e estabilidade, o Visa GT corresponde igualmente ao que dele seria de esperar. É estável, seguro, curva bem, tão depressa quanto o condutor o possa fazer. É daqueles carros que, por eles, não falham. O condutor é que às vezes falha. Mas até neste caso o Visa GT faz algumas concessões e perdoa alguns erros de condução. Alguns, mas não todos, evidentemente.

A.V.

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

grandes facilidades
SEM AUMENTO DE PREÇO



M.L.FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA

DESPORTO

ponta esquerda

Dinamo de Zagreb criticado por jogar em El Salvador

O Dinamo de Zagreb, campeão da Jugoslávia, foi vivamente criticado pela imprensa especializada do seu país por ter jogado recentemente em El Salvador, país que, segundo a imprensa, «tem posições políticas das mais reaccionárias».

«Sports» informa que o Dinamo poderá ser suspenso por um ano em encontros internacionais, se a Comissão Disciplinar da Federação de Futebol Jugoslava (FFY) aplicar o regulamento. O programa da digressão ao estrangeiro de um clube deve ser, com efeito, aprovado pela FFY. Porém, segundo fontes próximas da Federação, o Dinamo não teria mencionado, antes da sua partida (a 26 de Janeiro) de Zagreb, El Salvador como uma das etapas da sua digressão aos oito países da América Central e do Sul. Um responsável dos desportos da República Croata, da qual depende o clube, afirmou ao jornal que todas as autorizações tinham sido dadas, nomeadamente essa, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros (a 4 de Fevereiro último data do jogo Independente - Dinamo, cujo resultado foi de 0-4).

Ferrovário do Maputo perde em Santiago do Cacém

O União de Santiago do Cacém, da Terceira Divisão portuguesa, derrotou ontem o Ferrovário do Maputo por 3-2 em encontro particular de futebol.

Ao intervalo, os portugueses venciam por 2-1, com golos de Fernando Figueira (2) e do moçambicano Bellende.

Na segunda parte marcaram Orlando pelo União e Vicente pelo Ferrovário.

A equipa moçambicana ofereceu boa réplica e falhou o empate perto do final, quando Bellende desperdiçou uma ocasião soberana, com o guarda-redes português fora da baliza.

O Ferrovário vai realizar mais três jogos particulares em Portugal: dia 12 em Albufeira contra o Imortal (Primeira Divisão Distrital de Faro), dia 15 contra o líder da Zona Sul da Segunda Divisão, o Farense, na capital alvargia, e dia 19, em Sines, contra o Vasco da Gama, também da Segunda Divisão.



«Desporto soviético»: focagem dos grandes acontecimentos mundiais

URSS: Imprensa desportiva

«Desporto Soviético» é o maior jornal desportivo do mundo e tem uma tiragem diária de quatro milhões de exemplares. No entanto, é de 32 o número de jornais desportivos que se publicam na URSS, cuja tiragem soma mais de oito milhões de exemplares. A editora «Cultura Física e Desporto» publica (por ano) cerca de oito milhões de livros, onde são abordados os mais diversos temas sobre o fenómeno desportivo. Há ainda um mensário (igualmente designado «Cultura Física e Desporto») cuja tiragem ronda os 400 mil exemplares por edição.

Registe-se que o quotidiano «Desporto Soviético» inclui (re-

gularmente) TRÊS SUPLEMENTOS: «Desporto Estrangeiro» (quinzenal) e «Futebol-Hóquei» e «64» (sobre xadrez), ambos semanais. O jornal é assinado, no estrangeiro, por mais de 50 mil pessoas.

«Teoria e Prática da Cultura Física» é a designação de uma outra revista mensal essencialmente voltada para a reflexão científica sobre o fenómeno desportivo. Muito populares são também revistas especializadas: «Atletismo», «Jogos Desportivos» e «Xadrez da URSS». Outra revista mensal «Desporto na URSS», com uma tiragem de 300 mil exemplares, é editada em cinco idiomas e assinada, no es-

trangeiro, por 70 mil pessoas. No total é de 17 o número de revistas que, sobre o fenómeno desportivo, se publicam, com regularidade, na URSS.

A imprensa diária soviética não é espectadora passiva dos acontecimentos desportivos mas, ao invés, é participante activa e muitas vezes a sua própria força motriz.

O jornal «Pravda» (por exemplo) organiza todos os anos uma grande prova de corta-mato, na qual participam muitos milhares de desportistas das mais variadas idades e com as mais diversificadas profissões.

MICROSEPIO

DAMAIA: ATLETISMO

Integrado nas comemorações do 3.º aniversário das actividades autárquicas na Damaia, vai realizar-se o «3.º Grande Prémio de Fevereiro da Damaia», prova organizada com a colaboração das colectividades desportivas locais, a disputar no dia 20 (a partir das 10 horas). Terá um percurso de 7.000 metros através das ruas principais da Damaia. Entre as colectividades convidadas, figuram as do Conselho da Amadora e limitrofes, esperando-se a participação de algumas centenas de concorrentes. A prova será disputada nas categorias de iniciados, juvenis, juniores, seniores e veteranos (masculinos e femininos) e as inscrições (apenas para amadores não federados) serão por equipas ou individuais. Haverá taças para as equipas melhor classificadas, medalhões para os três primeiros classificados e para os cotados entre o 4.º e 10.º lugar de cada categoria. As inscrições podem ser feitas na Junta de Freguesia da Damaia, onde se distribuem os regulamentos e se fornecem informações.

Paços de Ferreira

A Federação de Futebol informa que o Futebol Clube Paços de Ferreira, a partir desta data, utilizará o Estádio da Mata Real, em Paços de Ferreira, nos jogos que realizar como visitado no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão.

Jorge Araújo explica por que aceitou ser treinador da selecção de basquetebol

O novo treinador da selecção portuguesa de basquetebol, Jorge Araújo, afirmou à ANOP que se considera um dos cinco melhores técnicos portugueses. «No decurso destes 17 anos da minha actividade consegui todo o tipo de títulos e cargos a que um técnico pode aspirar» - disse.

Jorge Araújo justificou esta afirmação, adiantando que a sua autotransformação é o corolário lógico e justo do facto de ter sido formador, durante alguns anos, de todos aqueles que, ainda em actividade, podem vir a ser considerados como fazendo parte do grupo a que pertence.

Jorge Araújo jogou basquetebol, até aos 35 anos, no Clube Nacional de Natação e no Belesenses, tendo já treinado o Alges, a Associação Académica e o Clube Académico de Coimbra. Nesta altura, acumula o cargo de responsável dos principais

conjuntos do F. C. do Porto e da selecção nacional.

Aquele técnico, que recusou um convite para dirigir o basquetebol angolano, apontou três factos, considerados na sua óptica fundamentais, para ter aceitado as funções de seleccionador português.

O primeiro resultado do acto de lhe terem demonstrado a importância de voltar a dar a sua colaboração directa à federação portuguesa da modalidade, no âmbito do trabalho das selecções nacionais, em todos os escalões.

O segundo, que reforça o primeiro, diz respeito a de novo voltar a ser constituído um grupo de trabalho de apoio técnico à federação.

Este grupo é constituído pelos treinadores Teotónio Lima, José Curado, Olímpio Coelho, Hermínio Barreto, Jorge Soares e o director técnico nacional, Carlos

Gonçalves.

Por último, Jorge Araújo referiu o facto de o presidente do órgão máximo da modalidade, brigadeiro Hugo dos Santos, «reconhecer óptimas condições para o emergir futuro do basquetebol português».

«Há no entanto - sublinhou Jorge Araújo - que prestar homenagem à acção anteriormente desenvolvida por Máximo Couto, como presidente da federação, e a Adriano Baganha como seleccionador nacional.»

Para o técnico portista, «ambos contribuíram, durante alguns anos, de forma decisiva, para que o basquetebol português alcançasse a nível internacional, a expressão obtida em 1981, quando a selecção nacional sénior venceu o Grupo C e ascendeu ao B».

«O basquetebol português necessita, a partir de agora, de um esforço colectivo por parte dos

seus dirigentes, treinadores, árbitros e atletas, com o objectivo de nos abalancarmos a um plano de desenvolvimento para os próximos quatro ou cinco anos, tendo em vista o ressurgimento quantitativo e qualitativo, que a actual realidade tanto carece», afirmou o treinador português.

«Esta tónica da necessidade de um trabalho colectivo - referiu Jorge Araújo - começa logo por ter uma expressão clara, quando o seleccionador nacional e coordenador do trabalho das selecções vai fazer parte de um grupo de trabalho para, por sua vez, ajudar um outro, constituído pela direcção da federação, que necessita de se apoiar no colectivo global da modalidade.»

«A época do desempenho de tarefas por indivíduos sozinhos, em acções mais ou menos messiânicas, está perfeitamente ultrapassada e, como tal, só o todo da modalidade pode efectivamente alterá-la» - referiu.

Jorge Araújo referia-se ao facto recente de «termos passado uma época em que esta regra básica foi um pouco esquecida» e em que faltou ao basquetebol português «o esforço de todos aqueles que para ele muito podem contribuir».

Em Portugal - acionou - «se pretendemos desencadear um desenvolvimento desportivo real, palpável, modalidade a modalidade, conseguindo arrancar com projectos que mobilizem e interessem a todos os intervenientes, não creio que as acções isoladas possam vir a constituir solução para o muito de que precisamos».

Referindo-se às carências, aquele técnico lembrou a última realização em Portugal do Campeonato da Europa, Grupo B em que, não vencendo um único jogo, a selecção portuguesa ficou em último lugar e regressou novamente ao C, ocupando,

neste momento, na tabela europeia, a décima oitava posição.

«É evidente que essas carências não serão solucionadas se nos limitarmos apenas a apoiar o trabalho das selecções, se procedermos desta forma, estaremos a esquecer outros importantes parâmetros do desenvolvimento que necessitamos», disse Jorge Araújo.

Referiu os cursos de formação de treinadores (paralisados nos últimos três anos), a reformulação das provas regionais e nacionais dos escalões de formação (iniciados e juvenis), o apoio às associações regionais e o respectivo incentivo para que ganhem cada vez mais uma intervenção directa no desenvolvimento da modalidade, o apoio à elevação do nível técnico da arbitragem e o estabelecimento de protocolos com o desporto escolar.

Simões Lopes (ANOP/«DL»)

ALBERTO MORAVIA EM LISBOA

para apresentar o seu livro

«FÁBULAS PROIBIDAS»

SESSÃO DE AUTÓGRAFOS

DIA 11, ÀS 17 h.

NA LIVRARIA «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO DO CHIADO, 9



EDITORIAL NOTÍCIAS

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

MARIA HENRIQUETA
OLIVEIRA MADEIRA NAZARÉ
AJUDANTE
DESTE CARTÓRIO
CERTIFICO

para efeitos de publicação que por escritura de 30 de Julho de 1982, lavrada de fls. 63v.º a 64v.º do livro de notas 31-J deste Cartório, a sociedade cooperativa anónima de responsabilidade limitada denominada UNIMAVE - CENTRO MACROBIOTICO VEGETARIANO, SOCIEDADE COOPERATIVA ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA, com sede nesta cidade substituiu a denominação pela UNIMAVE - CENTRO MACROBIOTICO VEGETARIANO, COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA.

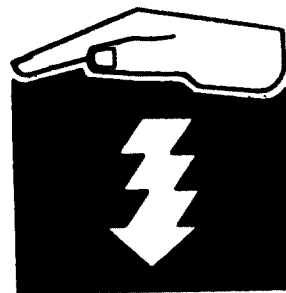
A cooperativa tem a sua sede em Lisboa, na Rua Mouzinho da Silveira, número vinte e cinco. Tem três estabelecimentos

abertos em Lisboa, sitos na Rua Mouzinho da Silveira, número vinte e cinco, na Avenida Barbosa du Bocage, número oitenta e oito, rés do chão esquerdo e Rua da Boavista, número cinquenta e cinco, segundo. A duração da Cooperativa é por tempo indeterminado. A Cooperativa inclui-se no ramo de Consumo do Sector Cooperativo, definido na alínea a) do número um, do artigo quatro, do Código Cooperativo.

Esta conforme o original.
Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial cinco de Agosto de mil novecentos e oitenta e dois.

A Ajudante,

Henriqueta Madeira Nazaré



POUPE
ELECTRICIDADE

DESPORTO

Borg: é mesmo o adeus?



O presidente da Federação Internacional de Ténis, (Philippe Chatrier), considera que a carreira de Björn Borg terminou (de facto) quando perdeu com John McEnroe a final do «Grande Prémio dos Estados Unidos». Comentando o anunciado abandono de Borg das competições, Chatrier disse que o tenista sueco terminou a sua carreira em 1981, naquela final. «quando não conseguiu ultrapassar o facto de ser derrotado por um jogador mais jovem e brilhante».

Esse fracasso frente a McEnroe foi o 2.º em 1981, pois o tenista sueco também tinha sido vencido no «Torneio de Wimbledon» pelo jovem norte-americano, recordou Chatrier durante o tradicional almoço com jornalistas especializados na modalidade realizado em Londres. Depois destas derrotas, Borg decidiu gozar férias.

No ano seguinte, por não ter participado no número regulamentar de torneios, Borg foi obrigado a disputar fases de qualificação para «grandes prémios» recusando-se a alinhar em Wimbledon, Roland-Carros e Flushing Meadows.

Chatrier concluiu, afirmando «não se sentir culpado de um tenista com a categoria de Borg ter abandonado a modalidade, pois não julgo que os regulamentos o tenham impedido de prosseguir a sua carreira».

Federação decidiu-se por inquérito aos incidentes do Académico-Leiria

• Processo disciplinar a Pedroto

Na sua reunião de ontem, o Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol decidiu-se pela instauração de um processo de inquérito ao jogo Académico de Coimbra - União de Leiria, razão pela qual apenas depois da respectiva conclusão será determinada a pena a aplicar.

Esta decisão da Federação não implicará, todavia, que seja disputado fora de Coimbra o jogo da próxima terça-feira, de desempate para a Taça de Portugal, entre o Académico local e o Vitória de Guimarães.

Entretanto, no que toca aos jogadores intervenientes no jogo onde se verificaram os incidentes, a Federação decidiu aplicar um jogo de suspensão a Eldon e Freixo e três jogos a Freitas.

Em relação à última jornada do nacional da divisão maior, foram punidos com um jogo: José António, José Abrantes e Vítor Madeira (Estoril), Luis Pereira (Salgueiros), Humberto Coelho e Alves (Benfica), Cerdeira (Setúbal), Guedes e Dito (Braga), Virgílio e Nogueira (Sporting).

O treinador do FC Porto, José

Maria Pedroto, por afirmações produzidas numa entrevista e que visava a arbitragem do encontro entre a sua equipa e o Sporting, além de pôr em causa os processos desportivos adoptados pelo Benfica e Sporting que na perspectiva de treinador portista são beneficiados por critérios de arbitragem, vai ser alvo de um processo disciplinar.

Em ligação com o mesmo tema, as direcções do Sporting e do Benfica pediram uma audiência os responsáveis da Federação, a qual terá lugar no próximo dia 25.

Académico não formaliza protesto

O Académico de Coimbra não confirmará o protesto (deveria fazê-lo até às 18 horas de hoje) que apresentou em forma de declaração, no termo do jogo do passado domingo e que foi interrompido, recorde-se, aos 88 minutos.

Segundo o dr. Castanheira Neves, advogado e sócio do clube, a atitude agora divulgada deve-se ao facto dos «diversos



Pedroto: uma entrevista que está a dar que falar

acontecimentos que contribuíram para a invasão de campo e posterior impossibilidade de prosseguimento da partida, não estarem contemplados nos três capítulos de fundamentação do protesto».

O advogado Castanheira Neves afirmou ainda aos jornalistas que, com base no artigo 68.º parágrafo terceiro do Regulamento de Disciplina, o desafio terá de ser repetido, uma vez que não terminou por «manifesta injustificação e má fé do árbitro, a quem por diversas vezes foi garantida toda a segurança para regressar ao relvado».

Baseado nas mesmas teorias o presidente indigitado do Académico de Coimbra, eng.º Jorge Anjinho, acusou o juiz da partida de «premeditação em todos os actos que cometeu, ao ponto dos nossos jogadores, ao fim do primeiro quarto de hora de jogo, terem receio de se lhe dirigirem».

Entretanto, a tomada de posse dos novos corpos gerentes do Académico de Coimbra, que integra Almeida Santos como presidente da Assembleia Geral e Mota Pinto na presidência do Conselho Fiscal, terá lugar amanhã, pelas 21.30, nas instalações da Associação Comercial e Industrial de Coimbra.

Ténis: portugueses em Paris

Uma equipa portuguesa vai participar no torneio internacional de ténis, denominado «Ligue de L'Essonne de Tennis», que se disputa de hoje a 13 do corrente, nos arredores de Paris. A representação nacional é composta por quatro jogadores, dos escalões estários de iniciados e infantis. Bernardo Mora e Ricardo Manzarra (iniciados), Rui Sousa e Nuno Marques (infantis) são os quatro jovens tenistas escolhidos pela Federação Portuguesa de Ténis para se deslocarem a Paris.

Esta viagem só se tornou possível graças ao patrocínio da Editora Morumbi, que publica, em Portugal, as revistas «Disney» e também apoia a realização da «Taça Sport Goofy», proporcionando, desta maneira, mais um importante contacto internacional a quatro grandes esperanças do ténis português.

A equipa Morumbi vai defrontar-se com tenistas de mais oito países europeus: Alemanha Federal, Suécia, Bélgica, Suíça, Áustria, Itália, Espanha e França. O «L'Essonne» é um torneio importante do calendário tenista francês e prova exclusi-

vamente dedicada a jogadores com menos de 14 anos.

Portugueses

Bernardo Mota (11 anos) venceu, esta época, quatro torneios a contar para o circuito regional. Na «Taça Sport Goofy» de 1982 foi finalista em pares, juntamente com Ricardo Manzarra, que, por sua vez, chegou às meias-finais de dois torneios do circuito regional. Este jovem tem, também, apenas 11 anos. Rui Sousa (13 anos) é campeão regional de Lisboa, título que já defende há duas épocas. Nuno Marques é a «vedeta» deste quarteto tenista. Vice-campeão da Europa, 4.º classificado no campeonato do mundo de 1982, vice-campeão nacional e, há poucos dias, classificado no 7.º lugar do «Orange Bowl», um dos mais importantes torneios internacionais de ténis, disputado nos Estados Unidos.

Acrescente-se que Nuno Marques é jogador do Boavista Futebol Clube e os restantes três companheiros pertencem ao Clube de Ténis do Jamor. A comitiva é chefiada pelo treinador e capitão de equipa Mário Azevedo Gomes.

Estrangeiros equacionados no futebol italiano

Os futebolistas estrangeiros que jogam em Itália foram absolvidos pela maioria dos seus treinadores, que (em conjunto) não se manifestam desiludidos pelo seu rendimento. Esta conclusão resulta de um inquérito feito pelo jornal «Gazzetta dello Sport» (junho de 15 treinadores) e ainda por uma tabela de pontuação sobre o rendimento dos 29 estrangeiros que militam em equipas italianas.

A referida tabela é encabeçada pelo escocês Jan Peters, do Génova (com 6,95 pontos) seguido do peruano Gerónimo Barbadillo que joga no Avellino (6,73) e do irlandês Lian Brady, do Sampdoria (que recebeu uma pontuação de 6,66). Esta pontuação refere-se ao rendimento médio das jornadas disputadas até agora, embora alguns jogadores tenham participado em muito poucas,

como é o caso do inglês Francis (do Sampdoria) que só participou em dois jogos completos e outros tantos incompletos, mas ocupa o 6.º lugar da tabela.

No conjunto, os jogadores brasileiros estão bastante bem considerados pelo diário italiano: e Paulo Falcão (Roma) ocupa o 4.º lugar, enquanto Dirceu (Verona) e Edinho (Udinese) figuram nas 9.ª e 10.ª posições. O 4.º brasileiro que joga em Itália (Juarez), do Inter de Milão) aparece muito mal classificado, nos últimos postos da tabela.

Os argentinos aparecem com Daniel Bertoni (Fiorentina) à cabeça, na 5.ª posição, seguido de muito longe (no 13.º lugar) por Passarella e, ainda mais atrás, por Patricio Hernandez e Angel Diaz.

Os dois peruanos que jogam em Itália (Barbadillo e Júlio Uribe) ficaram nos 2.º e 8.º lugares, enquanto o uruguaio Victorino (Cagliari) está quase no final da tabela.

O diário italiano assinala que nenhum dos estrangeiros alcançou a classificação sobre o rendimento médio obtido até hoje. Nesse sentido, a «Gazzetta dello Sport» perguntou aos treinadores se estão desiludidos com o comportamento dos seus jogadores estrangeiros. Os futebolistas foram absolvidos por 12 dos 15 treinadores consultados, com base em «dificuldades de adaptação» e ainda pelo facto de, segundo eles, «lhes termos pedido demasiado», julgando como suficiente o rendimento geral desses jogadores.

Morreu José Alves

O futebolista do Farense, José Alves, morreu, ontem, no Hospital de S. José, vítima do acidente de viação em que perdeu logo a vida o massagista do Portimonense e da selecção nacional, Mário Belo.

José António Bexiga do Vale Alves, com apenas 22 anos, dera entrada naquele hospital, terça-feira, em estado de coma - do qual não saíra até falecer.

Entretanto, o funeral do massagista Mário Belo teve lugar esta manhã, da Igreja da Misericórdia de Faro para o cemitério local. José Alves, que se iniciou no Farense na época de 75/76 e depois de ter passado pelo Sporting, Belenenses e Desportivo de Beja voltara este ano às origens. O seu funeral será ainda hoje anunciado.

assim vai o

TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 7 DE 13. FEVEREIRO. 83.

Rádio Totobola: X21 XX1 222 12XX; O Diário: X21 X11 X2X 1X11; Correio de Coimbra: 221 111 X22 12X1; Correio do Vouga: 221 111 XXX 12X1; Defesa de Espinho: 221 111 111 1111; Diário de Coimbra: 221 111 XX1 1111; Diário de Lisboa: 2X1 111 2XX X2X1; Jornal Estrela da Manhã: 221 X11 2XX 1X11; Eu Sei Tudo: 221 X11 122 12X1; Folha do Domingo: 221 X11 XXX 12X1; Gazeta das Caldas: 221 X11 X22 1XX1; O Jornal da Lixa: 221 X11 X21 12X1; Jornal de Santo Tirso: X2X 111 1X1 X2XX; Jornal de Sintra: 221 X11 1X2 12X1; Jornal Linhas de Elvas: 221 111 1X1 12X1; Jornal a Ordem: 1X1 1XX 222 12XX; Notícias de Évora: 221 111 1XX 12X1; Notícias de Felgueiras: 221 X11 X2X 1X11; Notícias de

Gouveia: XX1 X11 12X 1111; Rádio Alentejo: 221 111 X22 1X11; Reconquista: 221 X11 XX2 1211; RDP/Secção Desportiva: 2X1 X11 X2X X2X1; Jornal a Voz das Beiras: 221 X11 X22 XX11; RDP/Centro - Desporto em Análise: 2X1 111 X2X 1XX1; A Voz do Domingo: 221 111 2X1 1X11; RDP/Tempo de Desporto: 221 111 22X 1211; Música e Não Só: 221 111 XX2 1221; Bola Branca: 221 111 1X2 1221; Ponto de Encontro: 22X X12 XX1 XX21; Pátio das Cantigas: 221 111 221 1211; Café com Leite: X21 X11 X2X 1211; Manhã Manhã: 221 111 222 X2XX; O Jornal de Amarante: 221 X11 22X 12X1; Rodapés: 221 X11 221 1211; Reportagens Exteriores: 22X 11X 112 X111; Alvo

Desportivo: XX1 111 1X1 1XX1; O Comércio de Leixões: 221 X11 X21 12X1; Estúdio 64: 22X 11X 1X2 122X; Jornal de Gaia: 2X1 211 XX2 12X1; Jornal da Graça: 22X X11 222 121X; Jornal de Notícias: 221 X11 X22 12X1; Manchete Desportiva: 221 111 1X2 1211; Penalty: XX1 111 X22 1X11; O Primeiro de Janeiro: X21 X11 222 XX1X; Quadrante Norte: 221 111 222 12X1; Rádio Alvo: 221 X1X 12X 121X; Repórter do Dia: 221 111 X2X 12X1; Resenha Desportiva: X21 X11 X2X X221; A Voz dos Ridículos: 221 11X XX2 1211; Jornal o Porto: 221 111 X22 1221; Jornal a Voz do Ave: 221 11X 11X 11X1; Rádio Placard: 111 111 111 1111; Jornal Notícias da Tarde: X21 111 222 X2X1.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	X	2	1	X	2
1. SALGUEIROS - BENFICA	2	10	41	1	2	9
2. ESPINHO - PORTO	1	9	43	1	2	9
3. VARZIM - ESTORIL	48	5	0	11	1	1
4. SETÚBAL - GUIMARÃES	29	23	1	6	5	1
5. BOAVISTA - MARÍTIMO	51	2	0	11	1	1
6. BRAGA - RIO AVE	46	6	1	10	1	1
7. OLIVIRENSE - CHAVES	15	24	14	3	6	4
8. COVILHÃ - ACADÉMICO	4	19	30	1	4	7
9. O. DO BAIRRO - ÁGUEIA	12	17	24	3	3	6
10. PENICHE - TORREENSE	41	17	0	9	3	1
11. S. SEBASTIÃO - PARENSE	6	12	35	1	3	8
12. QUIMICAL - V. DA CAMA	2	23	6	6	5	1
13. LUSITANO - U. MADEIRA	43	10	0	10	2	1

1) - Nos termos do Artº 14º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

221 111 X22 1211

Jornadas Culturais do Mundo de Expressão Portuguesa e Espanhola

O presidente do Instituto de Cooperação Ibero-Americana, Luis Yanes, assistirá às «Primeiras Jornadas Culturais do Mundo de Expressão Espanhola e Portuguesa» a realizar em Lisboa, informaram ontem fontes do Instituto.

As jornadas, subordinadas ao tema «O Papel da Cultura na Sociedade Democrática», decorrem sexta-feira e sábado na Fundação Gulbenkian.

Organizadas pela Universidade espanhola Menéndez Pelayo e pela Fundação Portuguesa de Relações Internacionais, contam com a participação de escritores, professores e dirigentes partidários de Portugal, Espanha e América Latina.

Entre os personalidades portuguesas participantes, contam-se: Manuel Alegre, Manuel Antunes, António Alçada

Baptista, António Barreto, Maria de Lurdes Belchior, Sofia de Melo Breyner, Mário Sottomayor Cardia, Luis Lindley Cintra, Ferrer Correia, Almeida Faria, José Augusto França, Jaime Gama, Bernardino Gomes, Eduardo Lourenço, Agustina Bessa Luís, Rui Mateus, Barbosa de Melo, Vital Moreira, Fernando Namora, Mário Pinto, Raul Rego, António Reis, Almeida Santos, Joel Serrão, Mário Soares, Francisco de Sousa Tavares, Emilio Rui Vilar.

Personalidades espanholas: Jose Luis Aranguren (filósofo), Inocencio Arias (vice-presidente do Instituto de Cooperação Ibero-Americana), Carlos Barris (escritor), Francisco Bobillo (secretário-geral da Universidade Internacional Menéndez Pelayo), Miguel Martinez Cuadrado (secretário-geral da Fundação do Banco Exterior de Es-

panha, catedrático de Direito Político), Pilar Vasquez Cuesta (catedrático de Português), Elias Diaz (presidente do Centro de Estudos Constitucionais), Tomas Ramon Fernandez (catedrático de Direito Administrativo), Pina Lopez Gay (responsável da Universidade Menéndez Pelayo pelas Jornadas Culturais), José Monleon (escritor e crítico teatral), Jose Maria Moro (director da Escola Diplomática), Raul Morodo (reitor da Univ. Menéndez Pelayo, catedrático de Direito Político), Ramon Piñero (escritor, poeta), Santiago Roldan (reitor da UIMP), Manuel Cobo del Rosal (presidente do Tribunal da Competência), Luis Gonzalez Seara (catedrático de Sociologia), Lucas Verdu (catedrático de Direito Político), Angel Viñas (catedrático de Estrutura Económica) e Luis Yanez.

Personalidades latino-americanas: Jorge Adum (escritor), Augusto Roa Bastos (escritor), Juan Jose Bustos (escritor e catedrático), Alfredo Bruyce Echenique (escritor), Adolfo Perez Esquivel (Prémio Nobel da Paz), Miguel Rojas Mix (escritor), Julio Ramon Ribeiro (escritor) e Gabriel Valdes (Professor da Universidade de Santiago, presidente da Democracia Cristã do Chile).

Personalidades brasileiras: Ruth Escobar (encenadora), Darcy Ribeiro (antropólogo, prof. da Universidade do Rio de Janeiro).

Personalidades africanas: Corsino Fortes (poeta, secretário de estado da Presidência de Cabo Verde), Aquino de Bragança (director do Centro de Estudos Africanos da Universidade

Eduardo Mondlane do Maputo). As sessões, que se realizarão na Fundação Gulbenkian, terão o seguinte programa:

Sexta-feira: às 15 horas, inauguração oficial com discursos de abertura por Raul Morodo e Mário Sottomayor Cardia, às 16, começo dos trabalhos, com conferências por José Augusto França e Darcy Ribeiro, seguidas de debate.

Sábado: às 9.30, reinício dos trabalhos, conferências por José Luis Aranguren, personalidade latino-americana e Corsino Fortes; os trabalhos recomeçam às 15 horas, com debate, encerrando às 17.30 com um balanço dos debates por Mário Sottomayor Cardia e um discurso de encerramento por Mário Soares, presidente da Fundação de Relações Internacionais.

Primeiro filme de Artur Semedo apresentado na Cinemateca

O filme «O Dinheiro dos Pobres», a primeira longa metragem realizada por Artur Semedo, vai ser apresentado, quinta-feira, na Cinemateca em mais uma sessão integrada no «Encontro com o Cinema Português».

Realizado em 1954, e estreado dois anos mais tarde, «O Dinheiro dos Pobres» provocou na altura — como assinala uma nota da Cinemateca — uma «larga controvérsia, em particular, pela sua temática: um drama humano de reflexos psicológicos e afectivos, dilemas da vocação religiosa e marginalidade, e perversão das instituições sociais». Os principais papéis são desempenhados por António Silva e Vasco Santana.

Após a sessão, terá lugar um debate em que participará Artur Semedo.

'GLOBO DE OURO' PARA JULIE ANDREWS MELHOR ACTRIZ DE COMÉDIA NA REALIZAÇÃO DE BLAKE EDWARDS



METRO-GOLDWYN-MAYER APRESENTA
JULIE ANDREWS JAMES GARNER ROBERT PRESTON
LESLEY ANN WARREN ALEX KARRAS

Música de HENRY MANCINI e canções de LESLIE BRICUSSE
Dirigido por BLAKE EDWARDS Produzido por BLAKE EDWARDS e TONY ADAMS
METROCOLOR PANAVISION 1982 LADBROKE ENTERTAINMENTS LTD



HOJE ÀS 21.30
ESTREIA
SENSACIONAL SURPRESA
DE CARNAVAL EM
LISBOA E PORTO



COMUNA

TEATRO DE PESQUISA
HOJE ÀS 21.45 H



ANTONIO FERREIRA

ENCENAÇÃO: JOÃO MOTA

terça-feira a sábado
ÀS 21.45
sábado e domingo
ÀS 17H

2ª FEIRA DE CARNAVAL
HA ESPECTACULO
4ª FEIRA, DIA 16 - FOLGA

EX. EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE
PRACA DE ESPANHA
8 SEC TEL 72 08 18

CARNAVAL
no café-teatro
DIAS 11-12-13-14-15

ESPECTACULO MUSICA BRASILEIRA COM
ALEXANDRA SOLNADO

a "Banda"...

2ª FEIRA BAILE TRAPALHAO DO
CLAC

Clube Amigos COMUNA

o fascínio do cinema! ao correr do tempo

um filme de

VIM WENDERS



FILME DE QUALIDADE

ESTREIA AMANHÃ ÀS 21.30

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS



CENTRO CULTURAL DE EVORA

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

NO TEATRO DO NOSSO TEMPO
PRAÇA JOSÉ FONTANA • TEL. 57 38 31

AUTO DA ÍNDIA de GIL VICENTE

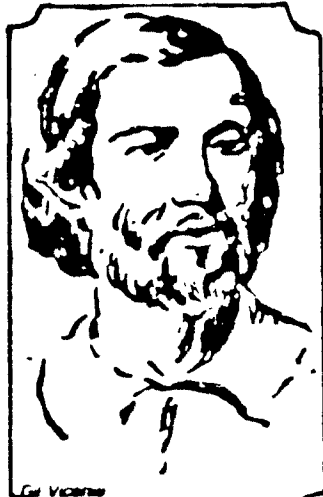
encenação MÁRIO BARRADAS
cenografia JOÃO VIEIRA

HOJE E AMANHÃ, ÀS 21.45 H.

De 3.ª a 6.ª-feira às 21.45 h.
Sábados, 16.00 h. e 21.45 h.
Domingos, só às 16.00 h.

SÓ ATÉ DIA 20

XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CIÊNCIA
E CULTURA



Grande Prémio do IPC

“Francisca” regressa ao circuito comercial

“...Eu faço os meus filmes com paixão... sem quaisquer intenções sejam de prémios, de público ou de remuneração monetária”, afirmou o cineasta Manoel de Oliveira na sessão de entrega do Grande Prémio do ano de 1982 que o Instituto Português de Cinema promoveu ontem, à tarde, no Solar do Vinho do Porto. “Francisca” foi o filme distinguido com o voto unânime da crítica e do público, opiniões que por vezes não coincidem.

O prémio abrange realizador, produtor e distribuidor, decisão que Manoel de Oliveira considera interessante para a divulgação do cinema português. Estimulo que poderá funcionar para uma abertura dos exibidores no que respeita ao cinema nacional normalmente louvado pela crítica mas que, no aspecto comercial, sofre de bloqueamentos. “Francisca”, no entanto, fez o que se pode classificar de boa carreira comercial. Até ao momento foi visto por mais de cem mil espectadores, tendo aguentado cerca de dois meses no cartaz, em Lisboa e no Porto. E agora, regressa de novo, para continuar, a partir de hoje, num cinema da capital, um trajecto que já passou por Paris, onde recebeu da parte dos “Cahiers du Cinéma” os mais rasgados elogios.

Manoel de Oliveira, aos 72 anos de idade, vê-se finalmente consagrado como autor de grande qualidade que se pode pôr perfeitamente ao lado dos maiores nomes do cinema inter-



Os amores funestos de José Augusto e Camilo em “Francisca”...

nacional. É uma obra-prima que o público também reconheceu...”, diz Paulo Branco, o produtor de “Francisca”. Garante, ainda, ter sido esta a fita que mais gostou de fazer, a que mais arriscou e da qual recolheu a energia de que precisava.

Aliás, Paulo Branco tem, quanto a mim, uma qualidade, num país onde o amorismo se tornou quase doença nacional é: arriscar. Pelo menos faz, mexe, anda. Quando vim de Paris não estava consciente do que poderia acontecer... do trabalho a fazer, das inércias que havia a vencer. Cada filme é para mim uma aventura... Penso que

nestes últimos três anos, apesar do ambiente ser de invejas e zangas, conseguiu-se avançar alguma coisa no cinema português.

Acha, todavia, que o momento é grave, as bases do cinema português ainda não são robustas e há forças empenhadas em voltar para trás. A produtora que fundou atravessa, actualmente, uma crise económica, mas Paulo Branco espera que, dentro em breve, seja ultrapassada. Todos os projectos aprovados vêm do tempo de Brás Teixeira..., com Lucas Pires nem um mereceu aprovação. Isto quer dizer qualquer coisa.

Na cerimónia de entrega dos prémios (no valor de 300 contos) a distribuir, em partes iguais, pela empresa produtora, realizador e distribuidor, estava também a escritora Agustina Bessa Luís, autora da obra literária em que Manoel de Oliveira se baseou. Une-os, cineasta e escritora, a paixão de Camilo...

“Francisca” que participou em diversos festivais de cinema, candidatou-se, agora, às nomeações para o melhor filme estrangeiro do Oscar de Hollywood. Ainda não se sabe se será aceite. É provável que vá aos Estados Unidos... porque não?

L.F.

Com o seu “Livro de Histórias”

João Ubaldo Ribeiro vai estar amanhã no Porto

É já amanhã que o escritor e jornalista João Ubaldo Ribeiro participará num convívio na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e numa sessão de autógrafos na livraria do “Diário de Notícias” naquela cidade. Chegado há dias do Brasil para assistir ao lançamento da edição portuguesa do seu “Livro de Histórias” (ontem lançado em Lisboa e livro da quinzena da livraria de “O Jornal” que o edita), João Ubaldo viveu em Portugal cerca de um ano (1980/81), é neto de portugueses e autor de obra já muito extensa e variada, destacando-se como o mais conhecido entre os seus livros “Sargento Getúlio”. Dele diz Jorge Amado no prefácio desta edição: “Conta suas histórias, sua intimidade com os bichos, sua ciência popular de peixes e passarinhos, sua fraternidade com pescadores,



Jornalista, contador de histórias, escritor, homem da Rádio e da Televisão, além de licenciado em Direito e em Ciências Políticas, João Ubaldo Ribeiro estará amanhã no Porto

vagabundos, roceiros, santos, loucos o povo da ilha de Itaparica, descendentes dos heróis da independência».

Jornadas Brecht em Berlim

As jornadas internacionais comemorativas do octogésimo quinto aniversário do nascimento do dramaturgo Bertolt Brecht iniciaram-se ontem em Berlim, no centro que tem o nome do escritor.

Participam nas jornadas, sob o tema “Brecht e o Marxismo”, cerca de 700 intelectuais e artistas da Checoslováquia, Polónia, Bulgária, Hungria, Roménia, Jugoslávia, Iraque, Estados Uni-

dos, Alemanha Federal, Áustria, Itália, Grécia e Alemanha Democrática.

O presidente da Academia Alemã Democrática das Artes, Manfred Wekwerth, declarou na abertura da conferência que “Brecht não deveria ser visto apenas como um dramaturgo mas também como um marxista, um leninista, um filósofo e um revolucionário”.

UM ACONTECIMENTO CINEMATOGRAFICO
EM TODO O MUNDO

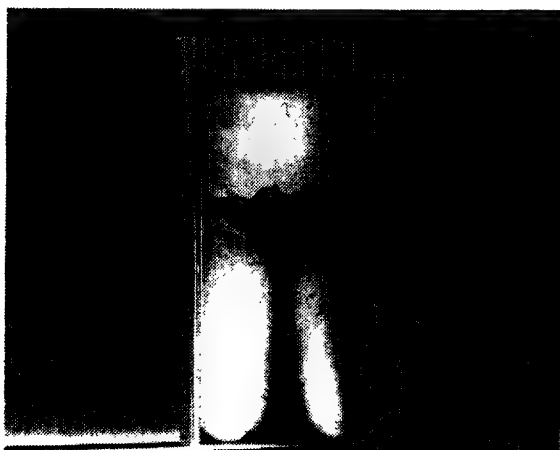
UMA MISTURA EXPLOSIVA
DE SEXO, ALCOOL E POESIA!

A OBRA PRIMA DE

Marco Ferreri

com

BEN GAZZARA · ORNELLA MUTI



CONTOS DA LOUCURA NORMAL

TIRADO DO BEST SELLER DE CHARLES BUKOVSKI
“Tales of ordinary madness”

PRÉMIOS e RECOMPENSAS

Vencedor, em Itália, dos 4 Premios Nacionais

“DAVID DI DONATELLO”

• MELHOR REALIZAÇÃO • MELHOR FOTOGRAFIA

• MELHOR CENOGRAFIA • MELHOR MONTAGEM

CLASSIFICADO OFICIALMENTE
“FILME DE QUALIDADE”

2.^a SEMANA

EM DOIS CINEMAS

CINEMA CASTIL • **quarteto**

INT. MEN. 18 ANOS

EXCEPCIONAL EXCLUSIVO DE MUNDIAL FILMES

MUNDIAL FILMES TEM O PRIVILÉGIO
DE APRESENTAR

ROMY SCHNEIDER



NO SEU ÚLTIMO E CERTAMENTE MELHOR
FILME DE SEMPE

O BAR DA ÚLTIMA ESPERANÇA

Extraído do grande romance de JOSEPH KESSEL
“La passante du Sans-Souci”



Produção de
RAYMOND DANON

Adaptação de JACQUES ROUFFIO et JACQUES KIRSNER
Realização de JACQUES ROUFFIO

com
MICHEL PICCOLI · WENDELIN WERNER
RUDIGER VOGLER · DOMINIQUE LABOURIER
Musica de GEORGES DELERUE

Um grande exclusivo da cinema

40^o
ANIVERSÁRIO

2.^a SEMANA

INT. MEN. 13 ANOS

VOX

TRESPASSA-SE

ESCRITÓRIO. DIR./ESQ. ÁREA 400 M2. ZONA
SALDANHA/AV. REPÚBLICA. RENDA ACTUAL 28 CONTOS.

RESPOSTA A ESTE JORNAL N.º 10201

...Trata-se enfim, do mais lógico e do
mais inesperado filme de Woody Allen.
* JOÃO LOPES - DIÁRIO DE NOTÍCIAS

...E de novo Woody Allen a impor o talento
e o génio de grande autor cinematográfico.
* VASCO BRILHANTE - BOM DIA PORTUGAL RTP

**UMA
COMEDIA SEXUAL
NUMA
NOITE DE VERÃO**



WOODY ALLEN
MIA FARROW
JOSE FERRER
JULIE HAGERTY
TONY ROBERTS
MARY STEENBURGEN

FILME DE QUALIDADE

Uma produção JACK ROLLINS · CHARLES H. JOFFE
Desenhador Produtor Director de Fotografia Produtor Executivo
MEL BOURNE · GORDON WILLIS · CHARLES H. JOFFE
Produção de Escrito e Realizado por
ROBERT GREENHUT · WOODY ALLEN

6.^a SEMANA CINE: 22

cine estudio **terminal** • **quarteto**

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal

Texto: Pierre Christin

6



Copyright Dargaud/Meriberica - DL

continua

Notícias da BD



«Alack Sinner, Flic ou Privé»

«Bar à Joe» assinalou a estreia de Muñoz e Sampayo na revista «(À Suivre)», em Maio de 1981. Mas é o personagem preferido dos autores, o detective privado Alack Sinner, que os «Romances-(À Suivre)» nos propõem, e a Casterman editou.

Excelente edição, com uma magnífica capa, de um homem diferente dos outros, este álbum insere ainda uma aventura totalmente inédita — «Le Cas Fillmore».

Recorde-se que o «DL» publicou as aventuras deste personagem, que fez a sua introdução em França na revista «Charlie Mensuel», de que constitui um dos grandes momentos. Dispensa, pois, qualquer apresentação: são quadrinhos de primeira água, que recomendamos vivamente («Alack Sinner, Flic ou Privé», de José Muñoz — desenho, e Carlos Sampayo — texto, edição Casterman).



«As Células»

«Burlesco entre Suydcoote e Bray-Dunes» continua a ter como quadro histórico a Primeira Guerra Mundial, tal como as restantes aventuras celtas. Na luta que as forças do Bem e do Mal continuam a travar, Corto Maltese situa-se uma vez mais em posição de charneira.

Desta vez, porém, as referências celtas são mais fluidas e discretas. Mas são ainda as sombras de Merlin e da fada Viviana que habitam este notável fresco burlesco.

Tudo, afinal, porque é ainda a mesma inconfundível aura que marca os homens a quem está prometido um destino excepcional, ao mesmo tempo homens e deuses. «Côtes de nuits e rosas da Picardia» também o confirma. E venha a Fábula de Veneza («As Células», de Hugo Pratt, Edições 70).

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º JUÍZO ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção de processos deste Juízo e nos autos de execução de sentença, em que são exequentes Manuel D'Ascensão Antonio e Maria da Graça Silva Godinho, correm editos de trinta dias, citando o executado JOÃO FRANCISCO ALVES MATEUS, ausente em parte incerta, proprietário do 5.º andar

lado esquerdo do prédio sito no Alto de Moínhos, 6 D. Lisboa, para no prazo de cinco dias, findo o dos editos e que se conta da data da segunda e última publicação do anúncio, dizer o que se lhe oferecer sobre o conteúdo da petição inicial, cujo duplicado se encontra patente nesta Secretaria sita ao 5.º piso do Palácio da Justiça, à sua disposição.

Lisboa, 31.1.1983

O Juiz de direito,

ass. João Augusto de Moura Ribeiro Coelho.

O Escrivão adjunto,

ass. Vitor Manuel dos Santos Janeiro Benjamin.

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho mais velho a levar o irmão pelo lado de dentro do passeio.



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

RTP: nem idiota, nem simpática

Os velhos. Os trabalhadores que já não servem, quer dizer, que já não rendem. Aqui, como em tantos outros passos, lembro João de Deus tanto e tanto abafado por um certo modo de esquecimento selectivo:

Trabalhei enquanto pude. Reguei com o meu suor campos que não eram meus. Hoje, velho e sem saúde, peço pelo amor de Deus...

Os velhos. Tantas vezes, mais que velhos, envelhecidos. Atirados para a berma da estrada a fim de poder passar, rutilante e gorda, a mais-valia que durante toda a vida lhes roubaram...

Foi com muita atenção que escutámos ontem a dr.^a Adelina Marques, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. E longe, longe de mim, a ideia de diminuir todas as acções individuais para minorar a sorte dos velhos sem saúde. Devo até dizer que profundamente admiro as pessoas que se devotam a tais missões. Embora saiba que o problema (digo «problema» e não casos individuais) só se resolverá com a transformação mais profunda da sociedade. Porque o pro-

blema da velhice é (como o desemprego, a mortalidade infantil, a saúde, etc., etc.) um problema social.

Reparemos neste pormenor: a Santa Casa, na assistência aos velhos, propõe dois tipos de solução: ou o internamento em lar, à velocidade de 14 contos, ou a assistência domiciliária, por 5 mil escudos...

Não vou tecer considerações, não vale a pena, realmente a linguagem dos números diz tudo. Quando a maior parte dos pensionistas recebe abaixo daquela última importância, só por ironia se pode pensar em recorrer, para casos de maior gravidade, aos serviços da Santa Casa da Misericórdia.

Velhos. Velhos divididos por escalões: velhos sem cinco contos, velhos com cinco, velhos com 14 contos. Qualquer deles, porém, pessoas a quem não se reconhece o direito à esperança. Isso, nenhuma Santa Casa o pode fazer.

A ofensiva da ofensa

A penosa situação de muitos antigos trabalhadores, hoje ve-

lhos, deriva do facto de, nos tempos do fascismo, não haver sindicatos que se batessem pelos seus interesses. Os grandes industriais, os maiores da finança, podiam explorar livremente as pessoas. O resultado estava à vista: o baixo nível de vida, a doença, crianças e velhos desprezados, trabalhadores sem direitos. E mais tarde, as reformas universais.

Hoje, não é assim. Os sindicatos defendem os trabalhadores, lutam pelo seu direito à vida, à felicidade, ao pão e ao vinho sem ração, como queria Jesus Cristo. Assistimos, nestes últimos dias, à greve nos transportes exactamente para não deixar degradar ainda mais o poder de compra dos trabalhadores. E a razão dos trabalhadores era tão evidente, que a população aderiu à sua luta, francamente.

Pois quê!, os ministros podem ser aumentados, para o Sousa Tavares dezenas de contos não lhe chegam para o almoço, para o Gonçalves Pereira cinquenta dele não lhe chegam para os charutos, o Pinto Balsemão pode gastar umas centenas de contos numa estância sofisticada nos Pirenéus — e um trabalhador não pode exigir um pouco de leite ou de carne para os filhos?

Claro que pode. Claro que deve. Baixem os artigos, acabem com a ganância, com a carestia e não haverá mais greves. Resolvam as coisas a bem e não haverá mais greves.

Com o fim de semear o descontentamento e criar mau ambiente às acções correctas dos trabalhadores é que a RTP transmitiu ontem um dos nojs mais repelentes de todo o ca-

dastró, perdão, de toda a História da TV em Portugal: o filme «O Simpático Idiota».

Os trabalhadores eram ridicularizados. Acusavam-se as greves de baixar o nível das pessoas (!) Os operários sindicais agiam em brigada, ao som de um apito, o delegado do sindicato usava bigodinho à Hitler. Os operários não faziam nenhum, enquanto os administradores é que se desunhavam a arranjar encomendas e manter a fábrica em laboração. As mulheres são tratadas como atrasadas mentais, completamente à margem dos problemas dos operários, e até ao lado dos ricos!

Curiosamente, o filme era do tempo da Maria Cachucha, mas as legendas tinham a marca da actualidade. Certas expressões como «Delegado Sindical», «Comissão de Trabalhadores» não corriam antes do 25 de Abril. Pelo que duvido que o filme tivesse andado no circuito comercial. Pelo que vou numa de recuperação. Altamente recente...

A RTP não se coíbe, ao menos, de ofender os seus próprios trabalhadores — e no entanto já diante das câmaras foi dito que a Televisão era um «milagre» deles. Por outro lado, não acredito que tivesse sido Luís de Pina a programar esta porcária — que até foge a uma certa qualidade frequente nas quartas-feiras...

A Televisão entra na provocação. Está perdida.

FRASE DE

«Baila Comigo»

«Pedi a Deus por vocês mas não achei Deus com cara de ir atender, não.»

CARNAVAL EM SESIMBRA

NO GIMNODESPORTIVO

Dias 12, 13, 14 e 15

3 Conjuntos Musicais

SEQUÊNCIA-H-6 — EXEMPLO — BANDALASTRO

Entrada grátis às senhoras rigorosamente mascaradas.
Informações e marcações de mesas pelo Telef. 2231232.

CARNAVAL



ERANOVA

com: VUM-VUM
(Música africana e Brasileira)

ÚLTIMA HORA

Alguns dos melhores músicos portugueses do momento, pela 1.^a vez juntos e ao vivo

CANTARIL

Música popular portuguesa

ARMANDO

TITO

E MALTA

de Cabo Verde

UMA SURPRESA POR NOITE:

«ADIVINHE QUEM VEM CANTAR»

TARDES INFANTIS

PRÉMIOS PARA AS MELHORES MÁSCARAS

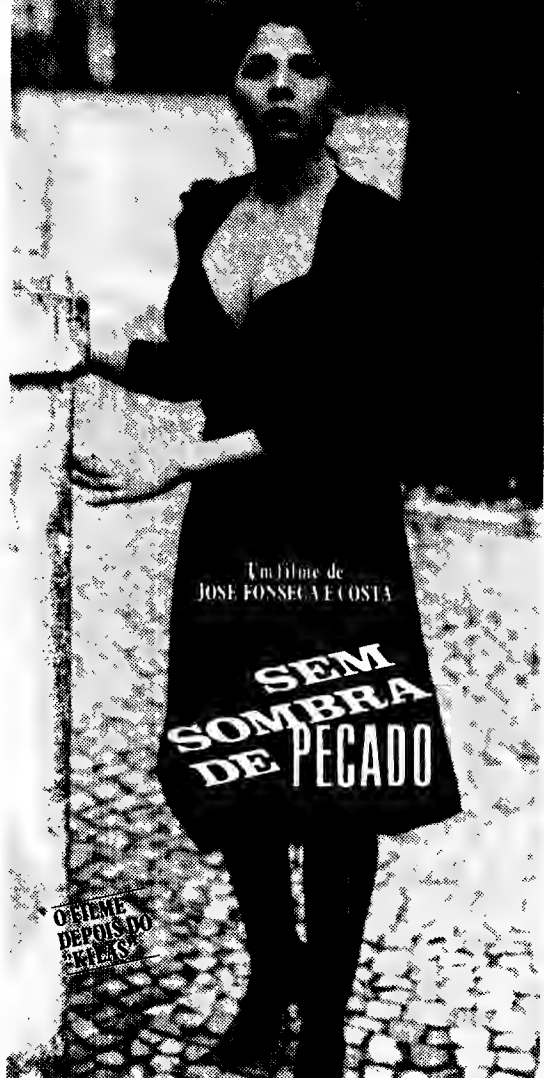
TARDES INFANTIS

PAVILHÃO DA TAPADINHA

dias 12; 13 e 14 DE FEV.

VENDA E MARCAÇÃO DE BILHETES
NA COOP. ERANOVA E NO LOCAL

As duas faces de uma mulher sem pecado.



Um filme de JOSE FONSECA E COSTA

SEM SOMBRA DE PECADO

MÁRIO VIEGAS / VICTORIA ABRIL / ARMANDO CORTÊS

JOSÉ GOMES · LIA GAMA · JOÃO PERRY
HENRIQUE VIANA · ISABEL DE CASTRO
LENA D'ÁGUA · ROGÉRIO PAULO · CARLOS DO CARMO

Adaptado do conto de DAVID MOURÃO-FERREIRA "E aos Costumes Disse Nada"
Música de FREDERICO DE BRITO e JONI GALVÃO Fotografia de EDUARDO SERRA
Produção FILMFORM · Produtor JORGE MARECOS DUARTE
Assistência financeira do INSTITUTO PORTUGUÊS DE CINEMA

FILME DE QUALIDADE

AMANHÃ ESTREIA ÀS 21.30

EDEN

CINEBLOCO

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 11 ANOS

Hoje



Esta noite, na RTP-1, poderemos ver James Last (na foto) ao vivo em Londres

18.22 Tempo dos Mais Novos

18.55 Res-Pública - Baía.

19.20 Autovisão

19.55 O Tempo

20.00 Telejornal - as notícias do País e do estrangeiro.

20.35 James Last ao Vivo em Londres - compositor, orquestrador, e maestro de inegável valor, James Last, desloca-se a Londres, onde nos dá uma amostra do que pode ser um autêntico festival de música ligeira.

21.35 Primeira Página

22.35 Últimas Notícias



Na RTP-2 exibição de mais um episódio de «Uma Vida um Destino»

17.48 «O Que Faz Mudar um Homem» - inter-

pretes: Hayley Mills, Lionel Jeffries e Douglas McClure. Realização: Sidney Hayers

19.30 Pais, Pais

19.55 Desenhos Animados

20.30 Aulas de Canto e Interpretação

21.10 «Uma Vida um Destino» - inter-

pretes: John Duttine e Belinda Lang. Realização: Len Riddinton

22.10 Telenovela - «Cabo-

cla».

22.40 Jornal da Noite

Amanhã



08.00 Bom Dia Portugal; 09.30: Desenhos Animados; 10.00: Gente e Ideias; 10.30: «Amor Num Clima Frio»; 11.30: Artistas; 12.00: «Baila Comigo»; 13.00: Jornal da Tarde, das 13.35 às 17.30: Ciclo Prelatório TV; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 18.55: Alimentação e Saúde; 19.20: Tur/83; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.30: Direito de Antena CDS; 20.45: Superestrelas; 21.35: «Força de Intervenção»; 22.30: Últimas Notícias

09.30 Teletexto; 18.00: «O Regresso de Ringo»; 19.30: Pais, Pais; 19.55: Desenhos Animados; 20.30: Imagem das Letras; 21.00: Concurso 8 ou 80; 22.15: «Cabocla»; 22.45: Jornal da Noite

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



James Last ao vivo em Londres - 20.35



«Uma Vida um Destino» 21.10

...e sugere para hoje...



«CABOCLA»

Na casa de Justino comemora-se a candidatura de Neco. Nastácio entra em casa de Boanerges, contando a Emerenciana que há uma festa na venda por causa de Neco. Mariquinha diz a Tobias que Xexéu anda desconfiado dele. O vigário diz a Boanerges que não pode transformar o púlpito num palanque político. Emerenciana aconselha Belinha a esquecer Neco. Luis oficializa o noivado com Zuca, dando-lhe uma aliança à frente dos pais. Bina, muito contrariada, corre para a cozinha.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

Alunos da Escola Superior de Teatro do Conservatório Nacional promovem amanhã uma jornada carnavalesca. A folia terá início às 16 horas, com encontro no Conservatório (Rua dos Caetanos, ao Bairro Alto), seguindo-se às 17 uma pequena representação no Largo de Camões. Às 20.30, haverá um baile de máscaras na cantina do Conservatório Nacional.

«Um dia na capital do Império», novo espectáculo da Barraca, agora em 3.ª semana de exibição, é o contributo deste grupo para o conhecimento do teatro português na época dos Descobrimentos. O espectáculo tem música de Orlando Costa, dramaturgia e encenação de Helder Costa e é representado por Maria do Céu Guerra, Orlando Costa, José Gomes, Manuel Marcelino, João Maria Pinto, Madalena Leal e José Carretas, entre outros. «Um dia na capital do império», construído a partir de trechos da obra de Chiado, está em cena só até ao fim de Fevereiro por compromissos assumidos pelo grupo.

Conferências

Manuel Villaverde Cabral, professor no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e investigador do Instituto de Ciências Sociais de Lisboa, vai proferir amanhã, pelas 15 horas, uma conferência no Anfiteatro IV da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O tema que irá abordar, «Economia e sociedade camponesa», será seguido de colóquio. O convite para esta deslocação foi feito através do Instituto de Estudos Geográficos e integrado

no âmbito das matérias versadas na cadeira de Geografia Humana do Curso de Geografia, a cargo do Dr. João Vitor da Silva Pereira.

Música

Um recital de «Oud» (espécie de alaúde arménio) realiza-se amanhã, às 18.30, no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian. Tocam George Mgrdichian e Jerry Willard (acompanhamento à guitarra), os quais interpretarão obras de Tateosian, Melikian, Akopian, Mrdichian, Vivaldi, Katchaturian, Williams, Rodrigo, etc.

A Orquestra Sinfónica do Porto efectua hoje, às 21.30, no Teatro Gil Vicente, em Coimbra, um concerto integrado no II Ciclo de Música Instrumental, organização da Tuna Académica. No programa: obras de Williams, Vaughan, Claude Debussy, J. N. Hummel e Edward Elgar. Dirige a orquestra o maestro John Giordano.

Cinema

A Associação Portugal-URSS promove semanalmente, às sextas-feiras, às 21.30, na sua sede nacional (Rua de S. Caetano, 30), sessões de cinema. No programa de amanhã, serão exibidos os seguintes filmes: «Começo da lenda» (longa metragem sobre a infância de Yuri Gagarin) e «A Cidade Heroica de Volgogrado (Estalinegrado)».

Exposições

Dado o êxito do Leilão de Artes Plásticas realizado no passado dia 29 de Janeiro, no

final da Exposição que decorreu na Casa do Alentejo encerrando a «Jornada de Divulgação da Arte em Portugal» organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos, resolveu este Organismo promover novo Leilão — das valiosas obras que não foi possível leiloar por falta de tempo — hoje às 21.30, na-quele mesmo local.

Autores expostos: Alice Jorge, Álvaro Perdigão, Ambrósio Ferreira, Ana Leandro, António Carmo, António Casimiro, António Castilho, António Folgado, António Sena, António Trindade, Armando Alves, Carlos Amado, David Almeida, Domingos Pinho, Estevão Soares, Garizo do Carmo, Gil Teixeira Lopes, Guilherme Castilho, Henrique Silva, Hilário Teixeira Lopes, Humberto Marçal, Isabel Sabino, Jaime Silva, João Brehm, Jorge Pinheiro, José António Flores, José Augusto, José Cândido, José de Guimarães, Ló, Luís Douril, Luís Serpa, Manuel Baptista, Margarida, Maria Gabriel, Maria de Lurdes Freitas, Mário Alberto, Matilde Marçal, Pedro Monteiro, Rocha de Sousa, Rogério Ribeiro, Sérgio Pinhão, Sílvia do Rosário, Vespereira e Vítor Palla.

Uma exposição sobre o Livro Espanhol está a decorrer (até ao próximo dia 22) na Sala de S. Pedro da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, podendo ser visitada entre as 14 e as 20 horas.

Uma exposição intitulada «Projecto de Sucessão» de Alberto José, foi ontem inaugurada na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde ficará patente ao público até ao próximo dia 27.

Os tempos modernos e a música

Continuação da pag 3

de todos os estádios humanos tanto espirituais como materiais.

A destruição de livros, a demolição de monumentos artísticos, o desaparecimento de manuscritos, a abolição completa de todo o património cultural e espiritual da humanidade, conservado ao longo de séculos como base da civilização e evolução do homem, deram ao cosmopolitismo um atributo social novo e diferente no cerne da ideia da II Guerra Mundial.

Acontece, em música, frequentemente, associarmos uma melodia construída no passado com outra similar de construção actual, e esse retornar repentino à nossa memória da melodia mais antiga, é, quanto a nós, um fenómeno natural, fenómeno esse que revela a tal «chama controversa», à margem de todas as considerações técnicas já existentes sobre o que é «melodia» e na qual acreditamos residir a missão dessa mesma melodia perante a nossa consciência. O seu desenvolvimento a partir do organismo vivo de uma consciência solidamente enraizada no seu solo natal, conservado intacto e continuamente evocado, dá ao compositor que a escreveu, que a sentiu, um mais lato significado do que qualquer outro facto exterior a ele próprio, por muito importante que pareça.

De análises similares feitas a diversos artistas de natureza cosmopolita, e que cimentam esta nossa opinião, podemos dar o exemplo do que aconteceu a Heinrich Heine que, pelo seu

próprio povo, dentro da sua própria pátria, foi desconsiderado e renegado, apenas por ter escolhido viver em França em vez de na Alemanha, mas voltaram a considerá-lo alemão quando os seus poemas atingiram fama mundial e foram escolhidos por Schumann para serem, por ele, postos em música.

E não só na poesia. Temos também o exemplo de Picasso com o seu «Guernica», pintura forte de recorte brutal, símbolo da destruição de um povo e o monumento à memória dos bombardeamentos nazis em Rotterdam, do escultor Ossip Zadkine, no qual se vê uma figura de mulher estendendo os braços na vã tentativa de se proteger.

A propósito do paradoxo entre segurança e descontentamento, entre o vulgar e o genial, convém assinalar a conjuntura paradoxal que reside entre as tendências profundamente atiradas para a frente de um chefe de orquestra e a força institucional que uma orquestra tem nela mesma. Veja-se a Orquestra Filarmónica de Viena que constitui uma unidade baseada no mesmo espírito sociocultural, espírito esse com tal força implantado no sistema social do seu país que dá aos seus músicos uma posição social definida.

Hoje tanto uma orquestra como a arte orquestral moderna adquiriram um lugar permanente na sociedade, e são considerados como fazendo parte integrante de toda a cultura dos povos, baseando-se em duas res-

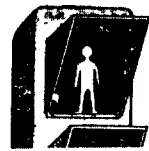
ponsabilidades fundamentais: o valor instrumental dos executantes e o valor artístico do chefe de orquestra.

A palavra chave do homem moderno é o «movimento» e não propriamente apenas o desenho. Existe movimento em todas as artes e na vida. Não aceitar esta verdade é distorcer por completo as novas concepções das artes plásticas a quem assiste o direito de um movimento vigoroso e renovador ou na música a qual tem sido recusado sistematicamente, dentro da total abertura tão necessária ao aparecimento de ideias novas, apenas porque os analistas, no seu inveterado desejo de catalogar e classificar tudo, aplicam a denominação de «neoclassicismo» a um grupo de compositores, deixando assim a porta aberta a obras mediocres que representam um retrocesso e não o passo em frente necessário.

E dão-se largas às especulações dos críticos dos jornais e das revistas; escrevem-se páginas fugazes com o título de «uma vista de olhos ao presente» depois de centenas de páginas escritas sobre «um golpe de vista ao passado». É frustrante tal facto mas verídico, e degrada o princípio sociocultural que está na base de todo o sistema artístico presente na nossa concepção do que há a fazer, e que foi inspirado nas palavras de Goethe.

NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



rádio

Antena Um

17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: «Lisboa em Camisa», original de Gervásio Lobato; 20.15: O espaço é seu; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Viva a noite - Antena 1 no Casino Estoril. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Os olhos férteis; 17.30: «Quam Dilecta», de Rameau; 18.05: Música francesa; 19.00: Para além da leitura; 19.45: Aberturas; 20.10: Música de tecla; 21.00: Mesa-redonda; 22.30: Música sinfónica; 00.30: Interpretes portugueses; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Mensagens bíblicas - diálogo; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Musicando; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de Onda e FM

15.00: Equipa da tarde; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Grande círculo; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 649

Horizontais:

- 1 Afastaram.
- 2 Ruténio (s.q.). Espertalhão. Seguiam.
- 3 Frade franciscano que escreveu a vida de S. Francisco de Assis.
- 4 Divindade. Uma das ilhas Jónias.
- 5 Grego. Empregai. Ondas curtas.
- 6 Dança. Qualidade.
- 7 Artigo definido. Nome de letra. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda.
- 8 Trata por tu. Pão de milho.
- 9 Aprova.
- 10 Fecham as asas para descer mais depressa. Leque de madeira, composto de uma bandeira que se move em volta do cabo.
- 11 Pedras de moinho. Cidade de Itália. Artigo definido.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9509

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade da Alemanha. Bailarina do rei de Daomé.
- 2 Tecido forte de linho ou algodão. Antiga capital da Dalmácia.
- 3 Azedos. Interjeição que designa pancada rápida.
- 4 Planos laterais do avião.
- 5 Irmão da mãe. Cidade do estado de Minas Gerais.
- 6 Preposição. Apelido. Segundo o Génesis, lugar de delícias que Deus destinara para habitação ao homem e à primeira mulher.
- 7 Cadáveres. Espécie de corça corpulenta da América.
- 8 Érbio (s.q.). Artigo definido. Amálgama.
- 9 Espécie de jogo popular. Erbio (s.q.). Rubídio (s.q.).
- 10 Encoleriza. Freguesia do concelho da Covilhã.
- 11 Manuscrito. Rejeitais.

VERTICAIS:

- 1 Forneceram
- 2 Heroína francesa que foi queimada viva. Devassos.
- 3 Peixe de Portugal. Bromo (s.q.)
- 4 Nome de letra (pl.) Aplaudir
- 5 Vila e sede do concelho (vila Real).
- 6 Tempo do verbo ser. Era cristã.
- 7 Ala ou flanco. (ant). República da América meridional. à beira do Pacífico.
- 8 Ultrajaras
- 9 Preposição e artigo (pl.). Passados. Quinto filho de Jacob.
- 10 Preixo de negação. Tornai mestre.
- 11 Artilharia antiaérea. Rio da Baviera.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 648

HORIZONTAIS:

- 1 Cão. Que.
- 2 Os. Tau. Armo.
- 3 Ladrão. Rol.
- 4 Mauri. Cravo.
- 5 Astros. Si.
- 6 São. Restas.
- 7 Mar. Parca.
- 8 Osaca. Rara.
- 9 Mercarias.
- 10 Dão. Alta. Ti.
- 11 Sisas. Não.

VERTICAIS:

- 1 Corma. MORDE.
- 2 As. Assas.
- 3 Lutáramos.
- 4 Tarro. Ce.
- 5 Vadio. Paras.
- 6 Ur. Sra. Clá.
- 7 Ac. Errais.
- 8 Ua. Rascara.
- 9 Erra. Tari.
- 10 Movia. Atá.
- 11 Colosso. Sio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9508

HORIZONTAIS:

- 1 Abadi. Criva.
- 2 Sam. ODC. Mar.
- 3 Atam. Pois.
- 4 Dirás. Falam.
- 5 Adaca. Riade.
- 6 Aval. Oro.
- 7 Aral. Sa.
- 8 Uhl. Ab. Cu.
- 9 Leandro. Mim.
- 10 Veri. O campo.
- 11 Ardor.

VERTICAIS:

- 1 Asada. Fulvo.
- 2 Batida. Heé.
- 3 Amarava. Art.
- 4 Macarani.
- 5 Ao. Sala.
- 6 DC. Laró.
- 7 CC. Fr. Boca.
- 8 Paos. Ar.
- 9 Imolara. MMD. IO.
- 11 Valado. Cipó.
- 11 Arame. Rumor.

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
TELEF. 68 63 00 (subMCCC) (m/13)



UM DIA
NA CAPITAL
DO IMPÉRIO

Textos de A. R. Chiado Direcção Helder Costa

3.ª a Sáb. 21H30. DOM. (sáb) 16 H.

XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE CULTURA E CENICA

Rua Tenente Ramal
Canais, 1-A
1200 Lisboa
Tel. 66 15 15



CURTA
CARREIRA

Todos os dias às 21.30 h
dom-17 h
seg-folga

CRÉDITO
PREDIAL
PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade)
	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	61\$90	67\$90
ALEMANHA FED (marco)	37\$45	38\$55
AUSTRIA (xelim)	5\$20	5\$40
BELGICA (franco)	1\$728	1\$928
BRAZIL (cruzeiro)	\$123	\$243
CANADA (dólar - notas de 1 e 2, notas de 5 a 1000)	73\$90	75\$90
DINAMARCA (coroa)	74\$40	76\$40
ESPAÑA (peseta)	10\$80	11\$00
EUA (dólar - notas de 1 e 2, notas de 5 a 1000)	\$668	\$768
FINLÂNDIA (marka)	90\$65	92\$65
FRANÇA (franco)	91\$15	93\$15
IRLÂNDIA (libra)	16\$85	17\$45
INGLATERRA (libra)	13\$15	13\$85
IRLÂNDIA (libra)	33\$90	34\$90
ITALIA (lira)	140\$45	144\$45
JAPÃO (yene)	124\$85	128\$85
NORUEGA (coroa)	\$059	\$069
SUECIA (coroa)	\$349	\$384
SUIÇA (franco)	12\$80	13\$30
VENEZUELA (bolívar)	12\$85	12\$85
	45\$15	46\$25
	18\$05	19\$05

Observações:
1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30 e 18.30
007 O HOMEM DA PISTOLA DOURADA
 Às 21.15 e 23.15 - Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE

SALA B

Às 14.45, 17 e 19 - N. ac. men. 13 a
CANTINFLAS, O VARREDOR
 Às 21 - N. ac. men. 13 a.
FRANCISCA
 Às 24
007 OPERAÇÃO RELÂMPAGO

ALVALADE 89148

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a
SHAOLIN DESAFIA NINJA

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
 - N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
 8.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
VÊM AI OS CALOIROS
 2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
 8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 Para Todos
PAPUÇA E DENTUÇA
 Falado em português
 10.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15, 17.30 e 21.30
 - Int. men. 15 a.
 A obra-prima de Marco Ferreri
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
 c/ Ben Gazzara e Ornella Muti

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 18.45 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
 Às 24
O EXPRESSO AVALANCHE

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - Int. men. 18 a.
AS GAROTAS DA GARAGEM
 Pornográfico - Hardcore
 Às 24
TÃO AMIGOS QUE NÓS ÉRAMOS...

CINE BLOCO 556814

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Craugas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
O VULCAO
 2.ª Semana
 Às 24 - N. ac. men. 18 a.
UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
MAGIA NEGRA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
A BELA SICILIANA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
NEGÓCIOS DE CARNE

ESTUDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 18.15 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
 Um polícia só... contra a cidade corrupta
O PRINCEPE DA CIDADE
 c/ Treat Williams
 5.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
THE ROLLING STONES
 3.ª Semana

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
MAD MAX 2, O GUERREIRO DA ESTRADA
 2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7 A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
 A agressão do amor que despoja, desejo implacável da paixão adolescente!
O PADRASTO
 c/ Patrick Dewaere

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
MAD MAX 2, O GUERREIRO DA ESTRADA
 3.ª Semana

MONTECARLO 801111

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
SALTEADOR DA COBRA DE OURO
 Às 19.15
ZINGARA, CANÇÃO CIGANA
 Às 24
O SEGREDO DO PLANETA DOS MACACOS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
CAÇADA DE DUROS
 Carnaval Infantil/83
 Bilhetes à venda
 Para Todos

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14.00, 16.15, 18.30 e 21.30
 N. acon. m/13 anos
EFFI BRIEST
 Às 24
OS DIABOS

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
AMANTE MUITO LOUCA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
A BELA SICILIANA

A luta de uma mulher pela sua liberdade no filme de Fassbinder AMOR E PRECONCEITO



Em exibição no Nímas

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
 Às 14, 16, 18, 20 e 22 h
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
 Às 24
WHAT?

S. JORGE 579144 579144

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
 Às 14, 16, 18, 20 e 22 h
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
 Às 24
WHAT?
SALA 2
 Às 14, 16, 18, 20 e 22 h
 - N. ac. men. 18 a.
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
 Às 24
A ROSA
SALA 3
 Às 14, 17.30 e 21.30
 Maiores de 18 anos
ANDREI RUBLIOV
 Às 00.30
BONNIE E CLYDE

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Estreia às 21.30 - Int. men. 13 a
QUARTO DE HOTEL
 Às 15, 17 e 19 - Últimas
THE ROLLING STONES

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
OS SALTEADORES DA COBRA DE OURO

S. JORGE 579144 579144

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Estreia às 21.30 - Int. men. 13 a
VICTOR, VICTÓRIA

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
 - N. ac. men. 13 a.
BAIRRO DA LATA
 c/ Nick Nolte
 5.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 21.45 - Int. men. 13 a
NA CALADA DA NOITE
 5.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
 8.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, a Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68
 Às 14.45, 17 e 19.10
 - Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
 Estreia às 21.30 e 23.30
 - Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14 C

Às 15, 18.15 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
 23.ª Semana

TERMINAL 81511

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
 - N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
 3.ª Semana

TIVOLI 804210

Av. da Liberdade, 159

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
A FELINA
 5.ª Semana

VOX 804210

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
 O seu último e melhor filme de sempre
O BAR DA D.ª MARIA ESPERANÇA
 2.ª Semana

XENON 804210

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.10
 - Int. men. 13 a.
 Um drama fascinante
PRIMAVERA PERDIDA
 2.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «E.T. o Extraterrestre» às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «Os Salteadores da Arca Perdida» às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 - «A Felina» às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL - «E.T. o Extraterrestre» às 21.30 (13 anos)
CITY CINE - «Os Deuses Devem Estar Loucos» às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - «Bonecas Sexuais» às 21.00 e 23.00 (18 anos)
ZODIACO - «Sofrimento de Amor» às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - «Cocktail Sexual» sessões permanentes (18 anos)
CINE-ESTUDIO ACS - «História de Gente Bem» às 21.30 (13 anos)
2000 - «A Orla» às 21.30 (13 anos)
RETELO - «A Desforra do Vietnam» às 21.30 (18 anos)
ROYAL - «Meu Filho» às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «O Monstro» às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Inferno» às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Para Além do Mal» às 21.15 (18 anos)
OEIRAS - «Ostras-Cine» - «Helga a Revelação Sexual» às 21.15 (18 anos)
PARADE - «Royal-Cine» - «Calígula» às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «O Vingador da Noite» às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Casino - «Dos Gordos e que elas Gostam» às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «Entre Dois Amores» às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Impais - «Par ou Ímpar» às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «Dói-me Aqui Sr. Doutor» às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «O Exército Secreto» às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cine-Plaza - «O Dragão Invenível Ataca» às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «O Quarto de Hotel» às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «Dr. Jekyll

Gosta Delas Quentes» às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Cinestúdio Flores - «Os Repetentes em Férias» às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine-Chaby - «Grande Golpe» às 21.30 (18 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «A Águia Vingadora» às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA - Cinestúdio - «Geração Inquieta» às 21.15 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA - Silcine - «A Ratoeira» às 21.45 (18 anos)
ALMADA - Cine-Almada - «A Desforra do Vietnam» às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Incrível - «O Dia da Cobra» às 21.15 (18 anos)
ALMADA - Academia - «A Liceal Seduz o Professor» às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Mamã» às 21.15 (18 anos)
SETUBAL - Júpiter - «A Última Perseguição» às 21.15 (13 anos)

Porto

VALE FORMOSO - «Manaos» às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Mad Max 2» às 21.45 (13 anos)
TERÇO - «A Ninhada» às 21.30 (13 anos)
RAIONE - «Que o Diabo Seja Surdo» às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «Os Piratas» às 21.30 (6 anos)
CHAPLIN - «Oxalá» às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «O As dos Ases» às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Fúria de Vencer» às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L - «O Presente» às 21.45 (13 anos)
OLÍMPIA - «Enfermeira de Noite» às 21.30 (13 anos)
FERNANDES MANUEL - «E.T. o Extraterrestre» às 21.45 (6 anos)
TRINDADE - «Vitória, Vitória» às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Adeus América» às 21.30 (13 anos)
FOCO - «O Sacerdote do Amor» às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM - «Os Deuses Devem Estar Loucos» às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALTO SANTO AMARO - Teles. R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE** - Zil. Av. da Igreja 9-D (T. 891780); **BAIXA** - Azevedo, Filhos, Rossio 31 (T. 327478); **CAMPO DE OURIQUE** - PRAZERES: Ourique R. Freitas Gazul 32-B (T. 671667); **ESTEFÂNIA** - Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LUMIAR** - Central do Lumiar Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **PARQUE EDUARDO VII** - Latina, Av. António Augusto Aguiar, 17-A (T. 542312); **PICHELEIRA** - Mar. Luz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes MAF (T. 880703); **SÃO**

teatros

Lisboa

VARIEDADES - «Há... Mas São Verdades» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
TEATRO DO NOSSO TEMPO - «Auto da Índia» às 21.45 (13 anos)
BAIRRO ALTO - «Oratória» às 21.30 (13 anos)
COMUNA - «A Castro» às 21.45 (13 anos)
MONUMENTAL - «As Taradas» 21.30 (13 anos)
ABC - «É Sempre a Aviar!» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock» às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO - «O Suicídio» às 21.30 (13 anos)
BARRACA - «Um Dia na Capital do Império» às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - «A Casa de Bernarda Alba» às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - Sala Experimental - «Ano IV D.C.» às 21.45 (13 anos)
COLISEU - Circo de Carnaval, às 21.30 (6 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA - «Pai Precisa-se» às 21.30 (13 anos)

farmácias

DOMINGOS DE BENFICA: Vitex E. de Benfica 373-B (T. 780548); **SAPADO-RESCA**: Zema, R. General Justino Padrel 21-A (T. 832580); **ALGÉS**: Cabrita Parque Residencial Miraflores lote 12 (T. 2101486); **ODIVELAS**: Gonçalves R. Dr. Egas Moniz 30-B (T. 915662); **PONTINHA**: Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); **PAMPULHA**: Hospital da CUF C Sacramento (T. 609111)

REFORÇO

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda 222 (T. 638256); **AVENIDA ALMIRANTE GAGO COUTINHO**: Estados Unidos A. Estados Unidos da América, 16-B (T. 865859); **AVENIDAS NOVAS**: Figueiras, Av. Marquês de Namor, 20-22 (T. 544995); **BENFICA**: CEMI-TÉRIO: Simões, C. do Souto 102-A (T. 749649); **CAMÕES**: TAJA, C. da Rina: Do Combro, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CHILE** - ALTO DE SÃO JOÃO: Veral, R. Moraes Soares, 109-111 (T. 821732); **ENCARNACÃO**: Zira, P. Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **PENHA DE FRANÇA**: Dimar, R. Conde Monsaraz 17-B (T. 842533); **RATO**: Manuel V. Jesus, L. do Rato, 3-C-D (T. 382470); **ROCHA**: Pinheiro, R. Presidente Arraiga, 16 (T. 603054); **BRANDÃO**: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA**: Vaz Martins, R. António Ferro 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. Acores 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO**: Matos, T. Prorás (T. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duarte, Lote A-1/c (Telef. 2441616) Até às 22 horas; **ALCIBÍDECHES**: Carvalho B. João P. Corr, 40-B (Telef. 2690363) Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmo, Reg. (Telef. 2421015) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS**: Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039) Permanente; **OEIRAS**: Central, R. Conde Ferreira, 29 (Telef. 2430058) Até às 22 horas; **CARCAVELOS**: Vilar, Av. M.ª

</

PORTE
PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico: DIBCA
Telex 12383 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20854/5



O TEMPO
MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
1.43 3.7 m 7.31 1.5 m
14.07 3.5 m 19.39 1.4 m
Dia 11
2.24 3.8 m 8.06 1.3 m
14.46 3.6 m 20.14 1.3 m
TEMPERATURAS DO AR
AS 9 HORAS

Viana do Castelo 3°
Bragança 1°
Vila Real 1°
Porto 2°
Penhas Douradas 6°
Coimbra 1°
Cabo Carvoeiro 7°
Portalegre 1°
Lisboa 5°
Evora 2°
Beja 1°
Sagres 7°
Faro 3°
Ponta Delgada 11°
Funchal 13°

últimas

SEGUNDO O «DL» apurou esta manhã, junto de fonte altamente colocada junto do CDS, a Comissão de gestão deste partido decidiu na sua reunião de ontem propor ao PSD a apresentação de listas conjuntas no próximo acto eleitoral.

O **MINISTÉRIO ESPANHOL DA SAÚDE** confirmou que a morte do jovem Carlos Arnelas, 13 anos, registada na segunda-feira, foi motivada pela pneumonia atípica. Com esta morte, já são 337 as vítimas mortais em consequência da pneumonia atípica, cujos primeiros casos foram verificados em Maio de 1981. O número de afectados directamente pelo consumo de azeite envenenado com substâncias tóxicas atingiu os 20 mil, os quais começaram já a ser examinados na semana passada por especialistas para verificar as consequências do envenenamento e lhes serem pagas indemnizações ou outras medidas de assistência aprovadas este mês pelo Governo.

A **GRÃ-BRETANHA** viveu o seu primeiro «Dia Nacional dos Não-Fumadores», cujos organizadores esperavam conseguir levar 70 000 dos 17 milhões de fumadores britânicos a deixarem de fumar. Após inúmeros anúncios pela TV, pela Rádio e nos jornais, os britânicos, contudo, deram a impressão de não deixarem o vício do tabagismo por mãos (ou bocas e pulmões) alheios. O ministro da Saúde, Kenneth Clark, mostrou-se mesmo particularmente discreto sobre o assunto e os jornalistas londrinos suspeitam que o ministro aproveitou este dia especial para fazer o mesmo de sempre: entregar-se ao prazer do cigarinho...

O **ALEMÃO PETER JOSEPH KRONZ**, autor de assaltos a bancos no seu país, está preso em Lisboa a pedido da Interpol - soube-se hoje junto de uma fonte prisional. Peter Kronz, solteiro, 26 anos, pintor de profissão, foi preso na semana passada pela Polícia Judiciária em Faro (Algarve). Depois de ouvido no Tribunal de Relação de Évora, foi mandado para o estabelecimento prisional de Lisboa. A extradição de Peter Kronz, que se encontra às ordens do Tribunal de Relação de Évora, é solicitada pelas autoridades da República Federal da Alemanha. Caberá ao Tribunal de Évora a decisão sobre a sua extradição.

TAXISTA ANAVALHADO por um passageiro que, apenas, pretendeu furtar-se ao pagamento do serviço. Foi esta noite quando o motorista-de-praça António Dias Duque transportou um jovem de Chelas até ao Casal Ventoso. Com o taxímetro a marcar duzentos escudos o passageiro desferiu um golpe de arma branca no pescoço do motorista, pondo-se, depois, em fuga. Embora ferido, o motorista não necessitou de internamento hospitalar. A Judiciária iniciou as diligências no sentido de identificar o passageiro.

Presidente de Monchique diz que sim

NATO quer base no Algarve?

A eventual instalação, no perímetro de Fóia, de uma base de telecomunicações da NATO, foi esta manhã confirmada ao «DL» pelo presidente da Câmara de Monchique, Carlos Tuta. Em declarações inseridas ontem no semanário algarvio «Barlavento», aquele autarca fundamentara essa possibilidade, na presença em Março de 82, na vila, de um grupo de altas patentes do Pacto Atlântico, e nas expropriações de terrenos (em preparação da zona) para alojamentos de militares.

Carlos Tuta, que através do grupo parlamentar do PS tentou já obter mais elementos, enviou hoje mesmo ofícios para o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e para o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, a requerer informações concretas sobre a provável instalação de uma base de radares no seu município.

Para o comandante Silva Carvalho, chefe de gabinete do vice-almirante Elias da Costa, comandante-chefe do Iberlant (Comando Ibero-Atlântico) as afirmações de responsáveis camarários não têm fundamento. «Não está

nada previsto» - disse ao «DL» aquele oficial.

Todavia, o autarca algarvio, que se mostrou preocupado com as consequências nocivas de tal empreendimento para o triângulo turístico que abrange Sagres, Praia da Rocha, Silves e Monchique, insiste no seu «alerta» e recordou-nos as afirmações proferidas pelo seu antecessor na Câmara (Nobre Furtado, do PSD) sobre tal projecto. Segundo Carlos Tuta, o anterior presidente de Monchique, instado sobre os rumores que circulavam na vila sobre o assunto, afirmou numa reunião da Assembleia Municipal que «quanto a NATO não há nada a fazer...»

O responsável de Monchique manifestou-nos ainda a sua estranheza pelos iniciativas de expropriação já levadas a cabo sem qualquer consulta aos responsáveis, da Câmara, proprietária, aliás, de um dos terrenos que está na mira dos avaliadores.

«Estive para abordar o as-

sunto - acrescentou Carlos Tuta - no terceiro congresso de Turismo do Algarve mas depois pensei que seria trazer um tema bastante polémico ou mesmo bombástico e guardei-o para os órgãos de soberania».

Recorde-se que o interesse na NATO pela área algarvia não é de agora. Quando se levantou a polémica, há dois anos, do comando unificado na Península Ibérica (com sede em Espanha) diferentes órgãos daquele pacto militar quanto à eventual instalação de uma porta-aviões em Sines ou em Lagos.

Tal interesse residiria, por outro lado, na recusa espanhola de colocar o seu porto da Rota, perto de Cádiz, à disposição dos submarinos atómicos norte-americanos. Daí o interesse de Washington numa base naval na costa sul portuguesa (Reagan terá mesmo pedido há meses facilidades a Balsemão nesse sentido) de que o referido centro de telecomunicações poderia constituir importante ponto de apoio.

Executivo açoriano numa de «charme»...

Pedido inquérito à corrupção

O Executivo açoriano pediu ontem, à Assembleia Regional a constituição de uma comissão de inquérito a alegados casos de corrupção na Administração Regional.

Em nota oficiosa da presidência do Governo Regional, refere-se a existência de acusações de corrupção por parte de dirigentes de partidos de oposição e em artigos publicados na imprensa. Estas acusações - diz a nota -

«surtem geralmente em termos vagos, que tornam impossível uma investigação para apuramento de responsabilidades».

Acrescenta que nas vezes em que foram apresentados casos concretos se realizaram os competentes inquérito «que aliás ilibaram os arguidos».

Afirmando ter já respondido a interpelações no Parlamento açoriano, o Governo diz entender «ter já dado provas bastantes do seu

firme empenho no respeito da lei e das regras da moralidade, mormente no que diz respeito ao uso dos dinheiros da região e ao comportamento dos mais altos responsáveis públicos».

Assim, «para reforço da sua própria tranquilidade e para tranquilidade da opinião pública em geral», o Governo decidiu pedir à Assembleia Regional a formação de uma comissão de inquérito.

Em sessão marcada para o dia 23

Escritores portugueses vão continuar a debater Carta Reivindicativa

Os problemas dos escritores portugueses vão continuar a ser debatidos pelos sócios da Associação Portuguesa de Escritores no próximo dia 23 de Fevereiro, em sessão a realizar nas instalações da Sociedade Portuguesa de Autores.

A ordem de trabalhos prevê o debate das propostas de trabalho e conclusões produzidas pelas duas comissões entretanto constituídas para analisar o articulado da Carta Reivindicativa aprovada no segundo congresso da classe.

Essas duas comissões, aliás reuniram-se na passada segunda-feira, para debaterem aspectos conjuntos do seu trabalho.

Entretanto, a comissão nomeada para estudar os problemas relacionados com a edição dos autores portugueses apresentou um memorando, onde se sugere, como medidas de «apoio eficaz e isento a obras de interesse cultural, nomeadamente de novos autores (Carta Reivindicativa), isenções fiscais e crédito bonificado às editoras que publiquem anualmente obras de autores portugueses, subsídios

às edições de autores portugueses, designadamente inéditos, o compromisso de aquisição pelo Instituto Português do Livro de um determinado número de exemplares de obras de autores portugueses e a garantia de re-

presentação condigna do livro português nas feiras internacionais, entre outras sugestões.

No âmbito da intervenção dos escritores na área da Comunicação Social, foi sugerida a intervenção do IPL junto dos órgãos de imprensa, nomeadamente estatizados, com a finalidade de fornecimento de documentação e informação detalhadas sobre a actualidade literária portuguesa, a inserção nos órgãos de Comunicação Social de espaços de divulgação bibliográfica e a elaboração de legislação com vista a estabelecer uma taxa sobre direitos autorais devidos pela organização de selectas escolas.

Reafirmado esta manhã

Samora Machel virá este ano a Portugal



que está de passagem por Lisboa.

A visita oficial de Samora Machel não será nos meses mais próximos mas concerteza que acontecerá durante o segundo semestre de 1983 - admitiu aquele alto funcionário, que hoje de manhã chegou à capital portuguesa, em trânsito.

Em breve será designado novo embaixador moçambicano para Lisboa - informou também Mamadhussen, que por outro lado, disse conhecer a hipótese de Portugal estar prestes a pedir creditação para um novo representante diplomático em Maputo.

O embaixador José Cutileiro está há mais de dois anos na República Popular de Moçambique em meios diplomáticos tem-se afirmado que poderá vir a ser substituído por Paulouro das Neves, actual chefe de gabinete do ministro português dos Negócios Estrangeiros, Vasco Futscher Pereira.

Morreu há 11 anos o dr. João Ruella Ramos

Passa amanhã o décimo primeiro aniversário do falecimento do dr. João Ruella Ramos, que foi presidente do Conselho de Administração da Renascença Gráfica, empresa proprietária do «Diário de Lisboa», e um dos grandes impulsionadores do nosso jornal.

Evocando a data, a família do extinto manda celebrar missa de sufrágio na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora - Salesianos (aos Prazeres), pelas 19 horas e 15 minutos.

Fraústo da Silva "despede" Castilho

O ministro da Educação propôs ao Primeiro-Ministro a exoneração do subsecretário de Estado dos Assuntos Pedagógicos, Santana Castilho, segundo confirmação deste último.

As divergências na equipa de Fraústo da Silva vieram já há uns meses a público e começaram por ser «localizadas» em torno de Santana Castilho e do secre-

tário de Estado da Administração Escolar, João de Deus Pinheiro.

Ainda recentemente, ao intervir na sessão de encerramento das Jornadas Pedagógicas de Torres Novas, o subsecretário para os Assuntos Pedagógicos confessou o «seu profundo desencanto» pela política educacional do País.

Eanes senta à mesa trabalhadores e patronato

O anunciado almoço, de iniciativa presidencial, que reunirá à mesma mesa representantes das centrais sindicais e das associações patronais, vai realizar-se no próximo sábado, na Cidadela, em Cascais, local da residência oficial do Presidente da República.

Em princípio estarão presentes representantes da CGTP-IN e da UGT, bem como da Confederação da Indústria Portuguesa, Associação Industrial Portuguesa, Associação Industrial Portuguesa e Confederação do Comércio.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO - 14 446 - 60 000 CONTOS
2.º PRÉMIO - 2 138 - 18 000 CONTOS
3.º PRÉMIO - 57 441 - 6 000 CONTOS

A sorte grande foi vendida aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, nos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

Lugar aos Monstros!

tratados (especialmente com os representantes da Liga Hanseática), Gustavo Vasa foi eleito rei da Suécia a 6 de Junho de 1523. A nobreza e a Igreja, que tinham muitas vantagens na presença dos dinamarqueses, viram com maus olhos esse soberano que não ocultava o desejo de lhes retirar privilégios. Daí nasceram todas as intrigas e as revoltas (como a célebre revolta dos sinos, de 1531) que vitimaram o rei.

A psicopolítica dos contos de fadas

Quanto ao fundo, John Gardner respeitou perfeitamente a cronologia e os factos. Simplesmente, o que ele nos oferece não é uma história, são várias. Poderíamos dizer que há um romance dentro do romance. Esta técnica já tinha sido utilizada pelo escritor em *Luz de Outubro*; e havia de voltar a utilizá-la outra vez no seu último livro, publicado em Junho passado nos Estados Unidos: *Mickelsson's Ghost*. O método nada tem de muito revolucionário: John dos Passos e outros tinham já passado por ele. Mas o que há de interessante em John Gardner é a maneira como ele encaixa umas nas outras as suas narrativas, como de uma nos faz passar a outra, criando com isso uma espécie de diálogo entre os textos.

A acção do *Livro de Freddy* começa num *campus* universitário onde um professor vai pronunciar uma conferência sobre «A psicopolítica dos contos de fadas na literatura galesa tardia: Feudo, Febre, Fogo — Revolução!». Durante a exposição o professor Winesap é conduzido a falar da fascinação que os monstros exercem no povo. Brilhante, exaltado, com um relance de desdém pelo auditório entusiasmado, o professor faz com que um colega acabe por lhe tirar o tapete de debaixo dos pés ao declarar friamente em plena sala de conferências: «Eu tenho um filho que é um monstro». Depois da conferência, Winesap é levado a conhecer Freddy, um adolescente completamente dis-

forme que vive fechado num quarto. Aí vai escrevendo o seu livro, a história de Gustavo Vasa.

Freddy enxertou, evidentemente, algumas personagens de sua invenção na trama dos acontecimentos. A mais imponente de todas é Lars-Goren, um monstro simpático que tem mais de 2 metros e 40 de altura e é uma espécie de anjo da guarda do soberano, a quem protege e dá conselhos. Lars-Goren mostra-se como um homem justo e recto. É verdade que aceitou negociar com o Diabo para levar Gustavo ao trono; mas corrige esse mau passo ajustando as contas com a força suprema do mal. A outra figura pitoresca da narrativa é o bispo Brask: este faz todas as patifarias e todas as manigâncias. Não pára! Mas, no final da história, mostra-se-nos como aquilo que é realmente, isto é, como uma consciência do nosso mundo, um reflexo que simboliza todas as contradições do nosso pensamento.

Visto sob este ângulo, *O Livro de Freddy* é um romance histórico bem construído, no qual se sucedem as intrigas e os efeitos de ricochete. Mas dois aspectos vêm dar outro relevo à obra. Temos, em primeiro lugar, a posição do «escritor da sombra», de Freddy. John Gardner já numa das suas narrativas escreveu: «Nós somos todos iguais perante a escrita». Quer dizer com isso que toda a literatura se coloca além da personalidade física do seu criador. Uma verificação banal? Ao decifrar o retrato de Gardner se poderá compreender o sentido a dar-lhe. No *Livro de Freddy*, esta verdade assume uma singular ressonância, pois introduz uma espécie de jogo, de troca, entre o leitor e o escritor visto dos bastidores. Quaisquer que sejam os sucessos da acção, não podemos impedir-nos de conservar presente no espírito a imagem de Freddy, o monstro criador.

Que homenzinho!

O outro aspecto notável deste romance respeita à problemática de Gardner. Desde *The Ressur-*

Um apaixonado da escrita

John Gardner tinha uma figura bem curiosa. Um jornalista do New York Times Magazine descreveu-o do seguinte modo: «É um homenzinho barrigudo. Com aqueles cabelos compridos e loiros que lhe caem nos ombros, parece uma mulher grávida que pretende fazer-se passar por um Hell's Angel». Aí está, decerto, a explicação da corpulência das suas personagens.

Nascido a 21 de Junho de 1933 em Batavia, no Estado de New York, e falecido na Pensilvânia a 14 de Setembro passado num acidente de moto, John Gardner era um puro produto da Universidade norte-americana. Era doutorado pela Universidade de Iowa e tinha a paixão da literatura medieval, que ensinou durante muitos anos. Deve-se-lhe, de resto, diversas edições críticas de Chaucer.

A outra paixão de Gardner era a escrita: dirigida desde 1978 um «ciclo de escrita criativa» na Universidade de Binghamton. Resumiu as suas principais opiniões neste domínio num ensaio intitulado *On Moral Fiction*, no qual trata, especialmente, da «imoralidade» da literatura contemporânea.

Publicou o seu primeiro romance (*The Ressurrection*) em 1966. O acolhimento da crítica e do público foi morno, de modo que o escritor teve alguma dificuldade em colocar o seu segundo manuscrito, o *Naufrágio de Agathon*, que saiu em 1970. Seguiram-se-lhe seis outros títulos que a pouco e pouco o elevaram ao nível dos maiores. A sua carreira culminou em 1976, quando o National Book Critics Circle Award lhe foi atribuído por *Luz de Outubro*. A essa produção romanesca há que juntar ainda uma colecção de novelas (*A Índia do Rei*) e um longo poema épico (*Jason and Medea*, ainda não traduzido em França).

John Gardner casou em 1958 com uma pianista e compositora, Joan Louise Patterson, que colaborava de tal maneira na composição dos seus romances que o levou a dizer, um dia: «Talvez todas as minhas obras devessem ser assinadas com os nossos dois nomes».

O romancista, que era também amador de música, tinha escrito ainda os libretos de duas óperas de Joseph Barber. Quando uma vez lhe perguntaram que recordação gostaria de deixar de si, este homem de 49 anos, brincalhão e bem disposto, respondeu: «Gostaria que me recordassem como o maior libretista do século XX». — B.G.

rection (o seu primeiro romance, publicado em 1966 e ainda não traduzido para francês) até *Mickelsson's Ghost*, o escritor fez-se sempre desmancha-prazeres de um universo destituído de sentido («Suponhamos — diz o bispo Brask — que o mundo não tem sentido nenhum absolutamente nenhum»). Gardner gosta de fazer abalar as certezas. Alimenta-se das contradições inerentes à nossa civilização. Daí vem o lado provocatório que apresenta constantemente, por exemplo quando nos recorda os efeitos benéficos daquilo a que chama o mal. John Garner não se assume, todavia, como juiz. Em suma, se semeia o joio é para ceifar a dúvida.

Encontramos no *Livro de Freddy* o Gardner dos grandes dias, o de *Grendel* ou do *Homem Sol* — É transbordante

de humor (especialmente na primeira parte) e de sensibilidade. Todos os tons se adaptam a este filho pródigo do estilo. Que homenzinho! É com ainda maior impaciência que agora esperamos pela tradução francesa de *Mickelsson's Ghost*, o seu último romance antes do silêncio, antes dessa planície de eternidade que o devorou num belo dia de Setembro passado. Nesse dia, John Gardner voltava para casa na moto. Já perto de casa, em Susquehanna (Pensilvânia), despiستou-se numa curva.

BERNARD GÉNIES

1 Todos os romances de Gardner (excepto *The Ressurrection*) foram publicados pelas Éditions Denoël.

* LE LIVRE DE FREDDY, de John Gardner. Traduzido do americano por Michel Waldberg. Ed. Denoël, 248 p., 88f.

Um romance do norte-americano John Gardner, que morreu numa moto aos 49 anos.

Com *O Livro de Freddy*, o seu sétimo romance, John Gardner volta a drembar pelas plagas de uma civilização nórdica que já tinha abordado em *Grendel*, narrativa inspirada em *Beowulf*. Desta vez, o romancista norte-americano deixa o mito poético e a Idade Média para levar o leitor ao reino de Gustavo Vasa, isto é, à Suécia do século XVI.

O destino desse soberano já inspirara a Strindberg uma peça (muito simplesmente intitulada *Gustavo Vasa*) cujo interesse ele justificava do seguinte modo nas suas *cartas abertas ao teatro íntimo*: «A vida de Gustavo Vasa começa como uma lenda ou como a história de um milagre, evolui como um poema épico e acaba por ser quase impossível de abarcar com a vista.

Evidentemente, não é possível introduzir essa imensa saga numa obra dramática». Por conseguinte, o dramaturgo sueco preferiu tratar apenas de um dos períodos mais agitados do reinado do soberano, o período da revolta de Dacke. É muito provável que Gardner conhecesse esta peça. Seja como for, optou por um episódio diferente, o da ascensão ao trono e dos primeiros anos do reinado de Gustavo Vasa.

As circunstâncias dessa marcha para o trono são obscuras. Depois da morte do regente Sten Sture o Jovem — que lutava contra Cristiano II, rei da Dinamarca, para fazer sair a Suécia da União de Kalmar —, Gustavo Vasa passou para a Dalecária, onde conseguiu organizar um exército composto essencialmente por camponeses. Depois de vários episódios bélicos e de diversos

«OS POEMAS DE ABRIL» DE SIDÓNIO MURALHA

A generalidade das súmulas biobibliográficas que saíram na imprensa quando da morte de Sidónio Muralha ignoraram pelo menos um título da bibliografia do autor. (1) Trata-se de «Poemas de Abril» (2), e tem passado quase sempre despercebido, talvez por ser não um livro novo mas um livro composto de poemas praticamente todos retirados de livros que o autor tinha publicado até então. É uma colectânea de meia centena de peças, e é pelo menos de alguma curiosidade reflectir sobre as razões que terão presidido à elaboração do livro. Não as diz o autor, mas Alexandre Cabral deixa-nos entre-las num prefácio que para aqui escreveu proposadamente. Podemos resumi-las talvez em duas ou três palavras, correndo embora o risco de uma interpretação abusiva ou precária. Prendem-se com a situação em que o autor se encontrava quando do 25 de Abril e nas suas decorrências mais próximas, em 74 e 75, no Brasil, no exílio, e demasiado radicado para voltar à pátria sem correr o risco de insegurança pessoal no tocante à profissão (administrador de empresa, ao

que julgamos saber). É certo que Sidónio Muralha veio a Portugal diversas vezes depois do 25 de Abril, tal como, cremos, já antes e por diversas vezes tinha vindo. Mas — e aqui um pouco à semelhança do que se passara com outros escritores portugueses (Jorge de Sena, Rodrigues Miguéis, por exemplo) — era já então demasiado tarde para voltar de vez. Pode-se imaginar o drama íntimo que isto implicava — e do qual, aliás, alguns testemunhos dão conta. Sidónio Muralha, por exemplo, não pôde vir a Lisboa logo a seguir ao 25 de Abril, e, quando do primeiro 1.º de Maio (em 74), ele estava no Brasil. Alexandre Cabral, no seu prefácio, cita uma carta que dele recebeu, «Dói-me muito a minha ausência de Portugal neste momento — diz aí Sidónio Muralha. — Mas os trabalhos que tenho que entregar nos próximos meses estão regulamentados por rígidas datas e contratos aos quais não posso esquivar-me». É uma notação pessoal sem interesse de maior, mais interessante será aquele passo onde o autor diz que «E

Continua na pag. 3



Sidónio Muralha



CHEIKH ANTA DIOP

O estatuto cultural africano



O que será a África amanhã? Como se deve comportar a África frente aos inimigos dos seus povos? Que estatuto intelectual possui a África? A estas interrogações responde o historiador africano Cheikh Anta Diop, nome respeitado em todo o continente negro. De uma entrevista concedida por Anta Diop ao jornal argelino «Algerie Actualité», e posteriormente transcrita no suplemento «Vida & Cultura», do «Jornal de Angola», passamos a transcrever os mais significativos passos.

Uma das suas mais consideráveis contribuições reside sem dúvida na reabilitação histórica da contribuição africana à cultura universal. O que é que mais o marcou nas suas pesquisas a esse propósito?

Anta Diop — Quando eu comecei as minhas pesquisas, eu estava somente preenchido pela preocupação de ir o mais longe possível dentro do passado cultural africano. O que faz a força de um povo é a sua coesão, inseparável do sentimento vivido, da consciência histórica. Era necessário pois reencontrar o caminho sombrio e modesto que haviam seguido os nossos antepassados, as suas derrotas, os seus sucessos, uma vez que nós somos a resultante de todo esse esforço do passado. Ao longo das minhas pesquisas cheguei a estudar nomeadamente o Egipto antigo. Evidentemente, eu estava um pouco obstruído e isso me incomodou no fundo porque eu não podia de maneira alguma falsificar os factos históricos para estar nas verdades da época. Eu sabia que não escaparia aos processos de intenção. Disse-se logo de seguida que eu pretendia incitar os povos africanos na luta pela independência inventando para eles uma história mítica. Isso não foi nada. Não me interessava

em nada descobrir em África um passado mais ou menos grandioso, mas acontece que as minhas pesquisas me conduziram a esse resultado objectivo como o prova o recuo no tempo.

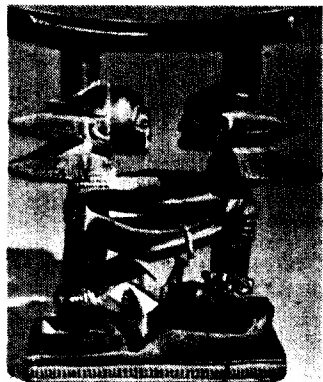
O que é que motivou a partida o seu interesse pela civilização egípcia?

Anta Diop — Eu estudei a história do Egipto ao mesmo tempo que a da Grécia e, ao passar da Grécia ao Egipto, eu ia de um universo que me era estranho a um universo totémico, praticamente africano. Mesmo as figuras deformadas, os préfixos do conhecimento sobre os quais fotografávamos os monumentos não me impediam de encontrar sempre o carimbo africano. Quando iniciei o estudo das línguas africanas com o fim de as renovar e assegurar a sua promoção, eu estava em contacto com o Egipto antigo e descobri o mesmo universo linguístico do resto da África. Há muito poucas evoluções entre o egípcio faraónico e a língua que eu falo, o wolof. Eu não tive nenhum mérito por constatar esta parentela. Bastava conhecer as duas línguas, tanto que eminentes pesquisadores já a haviam constatado. A partir desse momento fiquei convencido que independentemente das distâncias ou das aparências, havia aí uma continuidade cultural, desde o vale do Nilo ao

Oceano Atlântico. Quando se faz a experiência no sentido Norte-Sul, chega-se igualmente ao mesmo resultado. Eis como, ao fazer a gramática comparativa e a linguística diacrónica, esta hipótese foi reforçada.

Noutro sentido, o que é que as outras civilizações deram de notável à África?

Anta Diop — Muito, sobretudo a partir do período medieval e nos tempos modernos. A África não viveu em redoma fechada. O nosso continente muito deu e enormemente recebeu. É certo. Na medida em que a África é o berço da humanidade,



a civilização começou aí a crescer antes de se expandir e de se desenvolver noutros continentes. Os nossos humildes antepassados da pré-história realizaram invenções tecnológicas extraordinárias que são equiparadas pelo mérito às descobertas contemporâneas. A revolução neolítica, quer dizer o estágio que corresponde a aparição da agricultura e das instituições sociais, à estruturação da família humana e à invenção de uma indústria extremamente evoluída da pedra polida, é considerada por alguns como uma revolução mais importante tecnologicamente que a invenção

da bomba atómica. É uma maneira de falar mas é certo que houve um verdadeiro «bum» da humanidade. Até lá, os homens estavam dispersos por migrações diversas. Depois, eles fixaram-se criando as estruturas estáveis e as instituições que se perpetuaram até nós modificando-se. Durante todo este período a África teve um avanço sobre os outros continentes tanto mais que a última glaciação que durou cem mil anos bloqueou a evolução da Europa. A África tinha um avanço sobre os outros continentes pelo duplo facto de que as condições climáticas eram aqui favoráveis e que a humanidade tinha aqui nascido antes de povoar o resto do mundo. Diga-se o que se disser a história começou em África. Toda a ideologia posta de parte, a história da Mesopotâmia não iniciou senão 2600 anos antes da Nossa Era e foi o Egipto que avançou e influenciou as outras civilizações antes de se eclipsar a partir de menos 525 anos antes de se encontrar dominada praticamente até aos tempos modernos. Na Idade Média, a África começou a isolar-se do resto do mundo e as grandes vias de comunicação não foram ressuscitadas senão no momento em que o mundo muçulmano restabeleceu o contacto com a comunidade internacional para trocas que são mais ricas e mais extraordinárias do que normalmente julgamos.

Sabemos que neste período da contribuição muçulmana — que foi universal — existia uma Universidade em Tombouctou onde letrados e especialistas comentavam Aristóteles e a lógica formal. Nós sabemos que as sete

artes eram aí dadas... Depois disso é o grande eclipse. A África isola-se, os eixos de comunicação mudam de direcção, o tráfico negreiro aparece com as suas funções humanas... Disso resulta uma etapa de regressão, de estagnação, de anarquia endémica e insegurança geral. Não é senão no período colonial que a África renasce com o resto do mundo em condições muito específicas e dolorosas, esmagada, dominada, desfigurada, sua história ocultada, falsificada ao ponto de se tornar impensável que este continente pudesse ter sido o ponto de partida de uma qualquer civilização.

Se vos pedirem para caracterizar a situação cultural da África contemporânea, como o faria?

Anta Diop — A África começa a acordar, de sair de um torpor milenar. É certo que a noite colonial deixou sequelas que não estão completamente eliminadas. Ela está em convalescença, cultural e começa a ganhar confiança nela mesma a abordar os seus problemas culturais doutra maneira. Eu não irei até ao ponto de dizer que a África reencontrou o

seu caminho. Ela começou a engajar-se no sentido do seu destino histórico.

Mas, sobre o plano cultural, não sente a presença de um perigo real, para as novas gerações sobretudo?

Anta Diop — O perigo cultural está em todo o lado. Nos séculos anteriores quando o imperialismo não se encontrava no nosso solo, nós éramos donos do nosso destino. Nós estávamos apenas limitados pelo nosso génio e pelas condições de isolamento que não nos permitia recolher as experiências de outros, escolha. Se a opção cultural de um país não convém ao imperialismo, este último tem bastantes possibilidades para exercer pressões intoleráveis sobre os assuntos desse país. Pelo facto de que neste momento a aceleração histórica não ser em favor de uma tomada de consciência, se não fizermos rapidamente atenção, esse clima de aculturação pode tornar-se uma realidade amanhã. Isso produziu-se na colonização romana da Gália. No francês actual não há mais de cinquenta palavras do gaulês. Isso poderia produzir uma espécie de creoli-

A Biblioteca de Máximo Gorki



Gorki

EM Moscovo, na Rua Katchalov n.º 6-2.º encontra-se a biblioteca particular de Gorki, a qual compreende quase 12 000 volumes.

Considerando o seu estado de conservação e quantidade de livros, numerosos especialistas sublinharam que ela só é suplantada, em grandeza, pela Biblioteca de Tolstoi em Iasna Poliana e, sendo a última do escritor (ele tinha tido, até então, várias outras), é a única que nos dá uma imagem completa do que foram os seus interesses e paixões literárias, pois contém mesmo os primeiros livros que Gorki leu.

Entre eles encontram-se, por exemplo, pequenos livros com lombada de pele castanha. «Aforismos e Metralhadoras» de A. Chopenhauer que tem a seguinte nota: «A. Pechkov. Samara 1895»; «Geografia» de Strabon também com a sua assinatura, as «Conversas de Goethe reunidas por Ekkerman» e publicadas em 1891 e o livro de E. Tarte «Napoleão», que Gorki leu poucos dias antes da sua morte.

Quando o jovem funcionário do jornal de Samara começou a comprar livros, na sua biblioteca (que cabia então numa pequena estante) encontravam-se principalmente publicações de conteúdo filosófico e histórico.

No começo do século, Gorki tinha já uma colecção bastante grande, parte da qual ofereceu à biblioteca pública de Nijni Novgorod.

Pouco tempo depois, a sua colecção aumenta com livros que lhe são oferecidos e, entre eles, encontram-se 9 tomos dos «Contos» de Tchekov, com a seguinte dedicatória: «Ao meu querido amigo A.M. Pechkov (Maximo Gorki), como lembrança

dos dias passados em Ialta em 1901-1902 de Anton Tchekov 1902».

Quando Gorki regressou de Capri, juntou todas as suas bibliotecas particulares, já alguns milhares de volumes, que foram ocupados pelo movimento de Petrogrado.

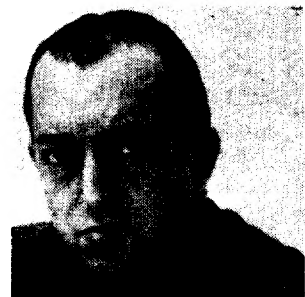
Durante toda a vida o escritor foi completando a sua biblioteca intacta.

Agora é possível conhecer detalhadamente o conteúdo de cada descrição, em dois volumes «Biblioteca de Gorki» editada pela editora «Ciência».

Esta publicação desvenda-nos o mundo maravilhoso do leitor. Nos dois volumes dão-se, não só informações gerais, também são mencionadas todas as dedicatórias e poemas pessoais encontrados em algumas contracapas dos livros.

D. Smirnova, que tomou parte activa na preparação da obra, considera-se uma descoberta desta ou daquela obra na biblioteca de Gorki, testemunha do interesse do escritor por aquela obra.

No entanto, de maior interesse são os livros que reflectem os vertígios de uma leitura cuidada, resultado de um trabalho de reflectir nas suas obras e opiniões.



«POEMAS DE ABRIL» DE SIDÓNIO MURALHA

Continuação da pág. 1

preciso manter uma frieza de espírito penetrante, mas afastar envoltórias — o que não é fácil — e saber separar o essencial do acessório. Pode tratar-se do projecto político de que o autor era defensor desde sempre. Mas é também duma poética e duma estética que aqui veladamente ou indirectamente se fala.

Dos cinquenta poemas que constituem este livro, somente alguns dos últimos foram escritos depois do 25 de Abril. As dúvidas que há prendem-se com os poemas «Ponte sobre o Tejo», «A Trajectória» e «Os Amigos Coerentes», que tanto poderão ter sido escritos antes como depois. «Poema de Abril», «O Esquivo Momento» e «A Grande Notícia», parece seguro que foram escritos depois. Quanto aos restantes, já os conhecíamos dos livros anteriores. Só dentro duma referência explícita ou implícita haverá sensíveis diferenças entre uns e outros. Mas os valores que nesta diferenciação estão em causa são demasiado fortes para que tais diferenças possam considerar-se de interesse secundário. Ao longo das quase cinco dezenas de poemas dos livros até então publicados e retirados para esta colectânea podemos ver a pertinência abrilista, digamos assim, de pormenores e aspectos mais caracterizadores da poesia do autor, desde a denotação mais imediata e a conotação mais fácil da própria selecção vocabular e da tensão intervocabular (principalmente entre o substantivo e o adjetivo), até às tonalidades e às inflexões discursivas mais incorridas e procuradas, passando pela generalidade dos aspectos processuais e das incidências temáticas pretextuais ou objectivas relacionadas com os ideais e a mitologia do combate e da resistência política, social e cultural de que um ideário poético e estético se reclamava e que em Abril de 74 ganharam, mais do que uma decisiva justificação, uma força de realidade e de real como até então parecia mais ou menos utópico imaginar.

A um rápido relance por este breve poemário, e confrontando-o com o poemário mais vasto que é a obra toda do autor (3), algumas evidências parecem ressaltar. Por exemplo, a ordem por que os poemas escolhidos aqui figuram não respeitam a ordem por que eles tinham sido publicados pela primeira vez, nem de livro para livro nem dentro de cada livro. Também não teria de respeitar, em tratando-se da antologia que é. Ressaltam mais alguns aspectos, os que se prendem com as concepções do autor relativamente ao seu próprio trabalho, por exemplo, ou principalmente. E ressaltam mais, estes, sobretudo se com eles repararmos também na deslocação que as peças mais significativas ou representativas tiveram, dos livros onde saíram inicialmente, para esta antologia. É assim que parece interessante assinalar, por exemplo, como «Soneto Imperfeito da Caminhada Imperfeita», que em 42 vinha a meio da sequência que constituía o livro «Passagem de Nível», aparece agora a abrir. Aí se diz, entre outras coisas, que «cada poema é uma bandeira desfraldada» e que «Versos brandos... Ninguém nos peça agora. / Eu já não me pertence: sou da hora». E no segundo poema da antologia (uma peça típica do neo-realismo, «Amanhã», que era o último do primeiro livro, «Beco»), a «hora» é «a hora que vem ao longe, / cresce e vem, cresce e vem», e «os meus poemas de tragédia são degraus / da hora que vem». Esta «hora» aparece identificada com um corpo de mulher, uma mulher, a qual «Nos meus poemas cresceu e sofreu, e aprendeu / nos poemas revoltos, / por isso vem de longe, nua, nua / e traz os cabelos soltos». A uma «hora» assim, o poeta pode dirigir-se e dizer: «Hora que vens de longe / de longe vens, de rua em rua, / hás-de passar e hás-de parar por toda a parte, / nua, formosamente nua» — para que já não possam desnudar-te.

Uma extrema ligação de dependência em relação ao seu tempo é constante nesta poesia ostensivamente interessada no presente e no futuro. O sentido do futuro pulsa aqui numa incessante tensão com o real — e a exigência de transformação e mudança com que ele se propõe. Talvez por isso o pretérito ocorre raramente como tempo verbal. Por isso também a primeira pessoa do singular ou do plural reclama praticamente toda a responsabilidade da acção. Outras pessoas aparecem também, mas são mais referências pretextuais e mobilizadoras da afirmação (ou da negação) primopronominal.

A noção de poesia ou de trabalho poético como actividade futurante é das mais prementes e declara-se numa infinidade de poemas. A tal noção prendem-se motivos, motivações ou pretextos os mais diversos. Em «Passagem de Nível», por exemplo, «meus

versos serão lípidos, correntes, / porque se beijam na rua os namorados / e não são indecentes nem decentes / — são simplesmente apaixonados». A noção de poesia como «companheira dos homens» convoca prioritariamente a sugestão insinuante da mulher como mediadora — que o é da generalidade da lírica neo-realista. Em «Ordem do Dia», a poesia é algo mais do que isso: é «um facho que vai de mão em mão / pelos caminhos da vida». Em «Encorajamento», «a poesia lá vai — tão amada e detestada — / livre como se marchasse nua contra o vento / vai levar aos que se cansam da longa caminhada / a água pura e fresca do encorajamento», e «lá vai e luta, quer queiram quer não / contra a lassidão e a doença do sono, / e a quem tiver sede oferece a canção / do futuro sem grades e dos homens sem dono». Em «Telegrama ao Poeta» diz-se, ao destinatário, e imperativamente: «mantém o estado de vigília, / está atento, não adormeças». Em «Companheira dos Homens» verbera-se «a poesia dos senhores que propagam o nevoeiro», porque «é tão pessoal como uma escova de dentes».

A sugestão de Abril (um mês que disputa com Maio os privilégios da linguagem da poesia combativa e resistente no simbolismo dos meses do ano) é um pouco mais grave do que tudo isto. Por isso é que poemas menos mediados na referência e mais dominados por preocupações expressivas respeitantes à relação do poeta, no exílio, com a pátria (a situação da pátria, do país) ganham uma gravidade maior, por mais que os prejudique o recurso à plétórica que na poética neo-realista expressivamente mais ousada atingiu proporções normativas, e por mais que esta gravidade resulte duma acumulação, duma concentração da energia significante. («Ronda dos Répteis», «Os Passos na Noite», «A Manhã Evidente», «Dois Sonetos do Difícil Retorno», «Os Apaziguadores», «Os Olhos das Crianças», «Roteiro», entre outros «poemas de Abril», cabem em qualquer antologia que se faça da poesia portuguesa de resistência e combate dos anos 30 aos anos 70).

E é por isso que os últimos poemas deste livro — os reconhecidamente escritos depois do 25 de Abril, e fortemente pretextados por tudo quanto aconteceu nesse dia ou partir desse dia se desencadeou — são aqueles que hoje se nos apresentam ressoando numa tonalidade inflectida de gravidade e exigência as mais vivas.

São quatro e vale a pena retê-los aqui, em alguns passos, pelo menos.

«A farda dos homens / voltou a ser pele / (porque a vocação / de tudo o que é vivo / é voltar às fontes). / Foi este o prodígio / do povo ultrajado / do povo banido / que trouxe das trevas / pedaços de sol. / Foi este o prodígio / de um dia de Abril, / que fez das mordaças / bandeiras ao alto, / arrancou as grades, / libertou os pulsos, / e mostrou aos presos / que graças a eles / a farda dos homens / voltou a ser pele. / Ficou a herança / de erros e buracos / nas altas ladeiras / a serem subidas / com os pés descalços (...).» («Poema de Abril»);

«Aquele alegria / de saber-te livre / inundou meus olhos, / veio de tão longe / (de um poço do tempo, / do fundo das noites), / meu povo rebelde / os versos que eu escrevo / correram no rosto / antes do papel» («O Esquivo Momento»);

«Minha geração / tem os gestos rudes / do semente / e as mãos calejadas / de quem dá aos sonhos / contornos precisos / dos dois pés na terra, / da quilha que singra, / do arado que rasga, / do rasgo que cria. / Fomos perseguidos / porque a nossa falta / era a lucidez / e a coragem / de apontar os crimes / sem lhes dar perdão, / porque perdoar / é ser conivente / e essa conivência / é igual ao crime» («Os Amigos Coerentes»);

«A grande notícia / chegou até mim / como um rastro azul / vestido de estrelas / um clarim de luz / no silêncio inerte, / repentinamente, / num céu cheio de nuvens, / um jacto que surge / e roça a montanha. / O meu pensamento / abriu-se num abraço / para além dos mares, / e a grande notícia / bailava nas ruas / enquanto nos esgotos / os torturadores / pareciam ratos / e o nojo de vê-los / doia na gente. / Um clarim de luz / num céu de nuvens, / foi como irromper / a grande notícia / vestida de estrelas.» («A Grande Notícia»);

Certamente que não lemos hoje a poesia de Sidónio Muralha sem tropeçar em algumas ingenuidades expressivas com que ela se nos propõe. Mas é preciso lembrar que estamos perante uma escrita datada desde princípios de 40, e, mais, uma escrita que se praticou com um propósito e ostensivo empenho político e social privilegiando sistematicamente a denotação imediata e a conotação fácil, em prejuízo de noções de rigor e elaboração mal advertidamente e pejorativamente consideradas como imperitências estilísticas a secundarizar ou mesmo banir do programa que se impunha. Apesar disto — ou talvez por isto mesmo — nem tudo é datado nesta poesia e há nela algo mais do que o representativo ou mesmo significativo do seu tempo, talvez aquela «frescura» ou «simplicidade» directa que «chegou a criar poemas muito belos, sem traços de pretensiosismo mais culto», esse que, «sob influência de Aragão, Eluard e Neruda, viria a justificar tanta banalidade veemente e despontada, que ainda hoje alimenta muita publicação poética», no dizer de Jorge de Sena. (4)

(1) Um título, ou dois. Além de «Poemas de Abril» poderíamos referir-nos também «A Caminhada», «livro de vivências», conforme designação subtilizada. Publicado em 1975 sob chancela da Prelo, o livro reúne dezenas de breves excertos (alguns de poemas, mas quase todos de prosa) extraídos dos livros que até então Sidónio Muralha publicara. Como a própria designação subtilizada parece sugerir, o livro oferece-se como auxílio de recurso para a compreensão de «Poemas de Abril», e, certamente, para uma funda e vasta compreensão do conjunto da obra do autor. Trata-se de dois livros alguma coisa paralelos, mas principalmente complementares.

(2) Prelo Editora, Lisboa, 1974.

(3) Grande parte, talvez a maior parte desta obra não estará hoje acessível nas livrarias e nos livros em que foi sendo publicada. Mas há um volume de «Poemas» editado pela Editorial Inova, do Porto, em 1971, que os reedita, de «Beco» (de 41) a «Quando São Paulo só tinha quatro milhões de habitantes» (de 66), passando por «Passagem de Nível» (de 42), «Companheira dos Homens» (de 50), e «Os Olhos das Crianças» (de 63), e incluindo ainda um conjunto inédito a que, num certo sentido, se pode chamar livro: «Que saudades do Mar».

(4) Em «Líricas Portuguesas», terceira série, 1.º vol. p. 321, Portugal Editora, Lisboa, 1972.

LUÍS DE MIRANDA ROCHA

ção comparável a do Bairro Latino em Paris será dentro de cinquenta anos uma caixa vazia. Todas as riquezas não renováveis serão estraidas. Quando houver uma rarefacção das matérias-primas e for necessário ir a dois mil metros abastecer-se, o que se passará? É a este próximo futuro que é preciso pensar. O dado que nos falta, é inteligência e quadros políticos à altura das circunstâncias para tirar partido das potencialidades e construir uma África nova. As dificuldades invocadas para dizer que esta solução não é realista tem as suas raízes no nosso egoísmo e não na situação objectiva da África, tal como a vivem as massas. Pensa-se que as individualidades nacionais se perderiam numa semiautonomia e que não é possível sacrificar uma parcela da soberania nacional para construir um Estado federal. Logo que pronunciamos este veredicto, não nos situamos ao nível das massas mas no do interesse de equipas. Se não fizermos atenção, com a pressão económica mundial a ajudar, chegará um momento onde tendo recusado de fazer a unidade de alto a baixo ela se fará de baixo para cima em detrimento dessas equipas.

Quem é idealista? Quem é realista? Nós veremos mais tarde. Eu penso que os intelectuais africanos se deveriam reunir como em 1971 em Alger, para reflectirem sobre a unidade africana. O mínimo é que nós institucionalizemos esta reunião, ora nem mesmo este mínimo decente foi atingido. Esta situação não poderá perdurar. Nós já vimos o pior. Tomem o caso da América Latina. Depois que Bolívar fracassou no seu projecto de federação, esse continente mergulhou na anarquia e na miséria endémica durante cento e cinquenta anos. A Bolívia: cinquenta golpes de estado em cento e trinta anos de existência. O que estragará a África se nos falharmos a federação, não será a balcanização pois que o regime das Balkans são estáveis mas é a sul-americanização com o seu cortejo de miséria. Optar pelo realismo é optar contra o espectro da sul-americanização.

zação da África. Eu não o desejo e luto com todas as minhas forças contra isso.

Numa das suas primeiras obras falava de «anti-intelectualismo» em África. Pensa que a situação dos intelectuais africanos melhorou?

Anta Diop — Não creio. Penso que os intelectuais são sempre suspeitos mas é preciso dizer também que é por culpa dos intelectuais eles mesmo. É necessário que eles tomem os problemas culturais e tecnológicos africanos em suas mãos e que eles dêem soluções válidas fazendo a sua prova. O intelectual deve também impor-se pela sua eficácia, pelo interesse que ele manifesta ao seu povo e pelas soluções concretas que ele tenta dar.

Cheik Anta Diop, já lá vão vinte anos desde que estabeleceu as grandes linhas da criação de um Estado federal africano que deveria tornar-se industrialmente e politicamente tão poderoso como a URSS ou os Estados Unidos» o entusiasmo que marcou esse propósito continua forte?

Anta Diop — Tudo depende do que valem os Africanos. As possibilidades objectivas estão aí. É verdade que nós somos muito mais ricos que os países que nos assistem, essa riqueza está aí, no nosso solo. Diz você bem que nenhum problema africano é solúvel à escala local o que não é o caso à escala continental ou subcontinental. Nós precisamos de um estado que esteja a escala da era cósmica. Um dia virá o tempo de nos debruçarmos sobre a questão de saber se os pequenos Estados legados pela Europa são viáveis ou não. Eram-no talvez no século XIX. Não o são mais. Se nós deixarmos essas estruturas de divisão como poderão eles subsistir em África. Serão os países que têm a dimensão de subcontinentes: a Argélia, a Nigéria, o Sudão, o Zaire, quando os numerosos problemas forem resolvidos, etc... Mas todos os pequenos países como o Rwanda, o Burundi, que serão eles amanhã? Mesmo um país como o Gabão, que tem uma popula-

ki

ekov. falta, 19 de Abril de

livros da sua biblioteca
par um quarto no aparta-

biblioteca que se conserva

do desta biblioteca através
«ascovo» publicada pela

menso de Gorki como
rais sobre os livros, como
consagrados a Gorki e que

o catálogo considera:
eca de Gorki é já um facto
terminado autor ou proble-

têm anotações de Gorki,
no que depois se vem a

ZECA AFONSO



**Zé,
incontroverso
fazedor
do verso-granada
que abriu
a nova madrugada**

**Zé voz
Zé palavra
Zé acção
Zé coração
em seu lugar,
Zé vertical
Zé afonso
Zé abril
Zé imenso
Zé portugal**

ANTÓNIO SIMÕES
(do livro a publicar «Coração Vi-sível»)

AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS EM



«GOYA E BORDÉUS»

«Goya e Bordéus» é um livro de arte e história que nos dá a vida do pintor no decurso do seu exílio naquela cidade. Apareceu agora em Madrid, tem-se vendido e suscitado comentários.

«É o retrato humano do pintor» — eis, em resumo, o tom desses comentários.

Ao longo das páginas, depara-se ao leitor a figura de um homem envelhecido, fora da pátria, percorrendo Bordéus envolto numa capa espanhola e acompanhado por um jovem pintor local.

Entre um acesso de tosse e uma praga do seu duro vocabulário, Goya, no entanto, vai concebendo a sua obra ao longo de Bordéus.

Página a página, o pintor surge ao leitor pelas casas que ali habitou e pelas ruas e recantos em que demorou a sua atenção. Não se trata de um mero itinerário artístico: o livro desdobra-se nos muitos ângulos da vida do artista — e é assim que o vemos no plano sentimental, sofrendo o comportamento da Polícia francesa para com os espanhóis exilados, entre os seus amigos íntimos e de ocasião...

«Goya e Bordéus» proporciona ainda uma documentação exaustiva da época, do ambiente da cidade, dos meios culturais e populares. O circo, por exemplo, motivo de muitos dos seus trabalhos — e que, na vida de Goya, é um ponto de referência triste.

Explica-se: devido à sua surdez, Goya via-se impedido de frequentar o teatro, pelo que buscou nos espetáculos de circo quer entretenimento, quer inspiração para a sua obra.

O livro desce ainda a uma intimidade mais profunda: os filhos, por exemplo, das suas relações amorosas. Eis, pois, Rosarito Weis, suposta filha. E também o filho (esse legítimo), a quem coube, entre os notários de Bordéus, velar pelo cumprimento do testamento do grande pintor.

Muitos são os documentos inéditos que o livro compreende, assim como esboços, desenhos, reproduções. De entre os esboços, há um, da autoria de Latorre, gravador e pintor, que é o ponto final de toda uma vida: Goya, enfim, no seu leito de morte...

«FUGA IMÓVEL» Bússula e labirinto

Pascal Fleury

Belo título para um livro, mas também um programa. O desse exílio no interior, no segredo de um corpo, de um coração, de uma boca, na «linha viva» que procura o seu semelhante, esse outro espelho que se dá ou se recupera.

«Fuga Imóvel» mas mobilidade no espaço interior. Mudança de tempo, de tempos, graças aos espelhos complacentes ou cruéis, à nossa própria custa, não será assim?

A literatura portuguesa sabe criar no seu interior esses momentos diferentes cujo conjunto, no entanto, forma um corpo e cujo centro é um coração. Como sempre, o ritmo que se torna em mar, se torna estação: dissemina-se generosamente nos caminhos, torna-se em eco. Vivas sensações de uma descoberta do «delírio» do outro. Da sua capacidade de nascer debaixo da mão, sob a carícia do gesto ou das palavras.

O terceiro tremor de terra de Lisboa é o da sensibilidade. O segundo é evidente para alguns, mas o terceiro é permanente e secreto. É um tremor do ser que faz de Portugal uma zona altamente sísmica. Tremor dos nomes, fragilidade tornada necessária para atestar o seu conhecimento.

Urbano Tavares Rodrigues conhece a bússula que não exclui o labirinto, esse museu afectivo da visita encantatória às mãos que se abandonam à escrita. Há uma tristeza deliciosa como a de um «menino sensível», o sentimento de nos sentirmos criança nos braços de alguém.

A escrita enraíza-se no que o autor chama «ficção», a indefinição necessária do movimento amoroso, momentos que atingem a alma com a própria imagem do que nos faltaria!

A página fica branca como um pedido, como uma vaga.

DA TV AO LIVRO — «Reviver o Passado em Brideshead» tem sido, ao que parece, um sucesso de televisão — em Portugal também, tal como na Inglaterra, de onde provém a série (com a aura de prestigiosa qualidade que distingue a generalidade das produções britânicas). No genérico consta que se trata de trabalho baseado na obra de Evelyn Vaughan, «Brideshead Revisited». Evelyn Vaughan, diga-se, é um dos grandes nomes da literatura inglesa do pós-guerra.

Ora, sugestionada pela passagem da série na Televisão, a Moraes acaba de lançar a tradução portuguesa (assinada por Ana Maria Rabaça) desta obra cuja primeira edição data de 1945.

A OUTRA GUERRA — Tal como se passava com outro livro quase simultaneamente publicado na mesma colecção (a Ficções, da Regra do Jogo) — e referimo-nos a «Restos», de Júlio Freches —, este livro de Fernando Pereira Marques reflecte muito a experiência vivida do autor em Portugal, de fins de 60 a princípios de 70, em Portugal, e sobretudo no exílio. (Em França, no caso, como na generalidade dos casos de duas ou três gerações). É ainda a estreia dum autor que até agora tinha publicado, que sabemos, um livro de escritos sobre temática política e um estudo de história centrado nas relações entre o Exército e a Sociedade em Portugal.

MÁRIO CLÁUDIO — A editorial «O Olho do Dia» publicou-lhe, num só volume, os dois títulos de prosa de ficção que constavam da sua bibliografia activa: «Um Verão Assim» (de 1973, edição da Paisagem, com extenso prefácio de Arnaldo Saraiva), e «As Máscaras de Sábado» (de 1976, edição da Assírio e Alvim). Num caso e noutro, os livros tinham desaparecido das livrarias — significativamente, por certo, e a atestar a crescente projecção, que o nome do autor (autor também de alguns títulos de poesia, o principal dos quais será «Estâncias», publicado pela Brasília em 1980) vem ganhando junto do público leitor, em consequência também, certamente, da atenção que a crítica tem dedicado a esta obra. Na primeira orelha desta edição da «O Olho do Dia» vêm extractos de opinião avalizadores de, entre outros, Jorge de Sena, Vergílio Ferreira, Eugénio de Andrade, David Mourão Ferreira, Arnaldo Saraiva, Duarte Faria e Carlo Vittorio Cattaneo. Alguns destes nomes não serão propriamente «da crítica», mas, admitamo-lo, o peso da opinião dum escritor de reconhecimento prestígio é talvez maior do que o da palavra dum crítico. É pena que esta edição não tenha podido incluir o extenso estudo de Arnaldo Saraiva que acompanhava a primeira edição de «Um Verão Assim». Excelente compensação, porém há-de considerar-se que é o prefácio de Eduardo Lourenço escrito propositadamente para a reedição destes dois livros. Importa ainda assinalar a gravura da capa, que reproduz um óleo de António Cruz.

PERSONA — Saiu mais um número (o 7, Agosto de 1982) desta revista do Centro de Estudos Pessoaanos, do Porto, dirigida por Arnaldo Saraiva e Maria da Glória Padrão, e tendo Maria de Fátima Marinho como secretária de Redacção. No corpo textual avulta a parte ensaística, com textos de Arnaldo Saraiva, José Luís Garcia Martin, Dominique Rose Touati, Fernando J. B. Martinho, Maria de Fátima Marinho e Georges Guntert (autor de «Fernando Pessoa, o Eu Estranho», recentemente editado em português por Publicações Dom Quixote).

OBRA DEDICADA A LER-MONTOV — Uma obra sobre a vida e a obra do poeta e prosador Mikhail Lermontov (1814-1841) acaba de ser publicada na União Soviética. O volume, resultado de 20 anos de trabalho do investigador L. Sémionov, é o primeiro do género dedicado a uma personalidade.

Além de uma extensa biografia, acompanhada de praticamente todos os retratos feitos em vida daquela figura da cultura russa — considerado, no século XIX, o segundo poeta depois de Pushkin — o livro reúne diversos estudos sobre a criação literária de Lermontov, a simbologia e outros aspectos da sua poética e a ligação do autor de «Um Herói do nosso Tempo» à literatura russa e estrangeira, às artes plásticas, ao teatro e à música.



«Uma estrela na mão», de Fernando Miguel Bernardes, numa edição da Ró, foi distinguido pelo Júri dos Prémios Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças (Revelação), em 1982. Ilustrações de Jerónimo de Sousa.

AMADEU LOPES SABINO — O autor de «Após Aljubarrota» (estreia literária em 1978) reapareceu nas livrarias com «O Cavaleiro Cego» (colecção Ficções, A Regra do Jogo). Aparece, é na linha do primeiro que este segundo livro de narrativas se situa. Mas haverá certamente um passo em frente dado no sentido dum apuramento melhor das capacidades de inventiva, da imaginação, da reflexão (sobre a história, os mitos e os valores da cultura e da memória colectiva dum povo).

AS NOITES BRANCAS DO PAPA NEGRO — Trata-se do segundo livro de Manuel da Silva Ramos e Alfaca, depois dessa inclassificável experiência que foi «Os Lusíadas» aqui há alguns anos, na Assírio e Alvim (e de que praticamente não se falou a não ser na «Colóquio-Letras» e no «Jornal do Fundão», que de

momento ocorra). «Os Lusíadas» era o que se pode dizer um livro ilegítimo, absolutamente, em termos convencionais. Agora «As Noites Brancas do Papa Negro» não o será tanto como o precedente, mas nem por isso se oferece sem grande dificuldade à curiosidade (no mínimo) do leitor. Saiu também na colecção Ficções de A Regra do Jogo, em fins do ano passado.

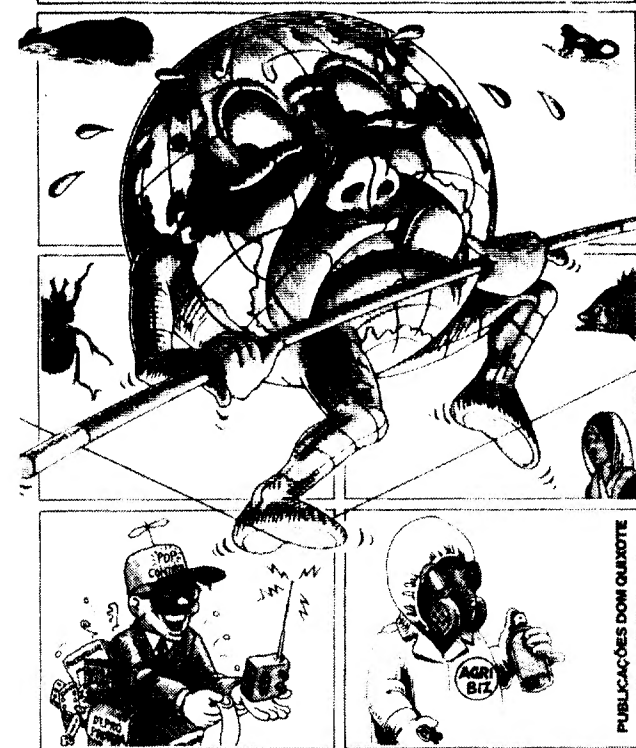
JÚLIO FRECHES — «Restos» é o título do livro de estreia deste autor recentemente publicado pela Regra do Jogo na sua colecção Ficções. Trata-se duma colectânea de seis peças narrativas, versando a experiência do autor, em muito paradigmática (tal experiência) da de toda uma geração de portugueses nos anos 60 e 70



«Histórias ao pé-coxinho», de Eusébio Cardoso Martins, é um conjunto de cinco histórias infantis, ilustradas por Jerónimo de Sousa, com a chance da Ró. Um livro pleno de imaginação, que as crianças saberão receber bem.

«ECOLOGIA PARA PRINCIPIANTES», de Stephen Croall e William Rankin, é uma das mais recentes edições de «Publicações Dom Quixote». O texto é do primeiro, os desenhos (em cerca de duzentas páginas) são do segundo. Coube a tradução a Cardigos dos Reis e o desenho das legendas a Mário Correia. O livro insere-se numa colecção que, entre nós, se transformou num best-seller, e que conta já com seguintes títulos (todos, observe-se, para principiantes): «Einstein», «Freud», «Marx», «Darwin», «Energia Nuclear» e «Capitalismo». Outros dois volumes estão já anunciados: «Lenine» e «Economistas».

Stephen Croall · William Rankin ECOLOGIA para principiantes



em Portugal, com extensões ao exílio. Este carácter facilitado (talvez demasiado) a identificação, pela leitura, por parte do leitor. Até este livro de estreia, Júlio Freches tinha publicado apenas crónicas na imprensa, designadamente no «Jornal do Fundão».

ALQUEVA, A GRANDE BARRAGEM — Antunes da Silva, «Livros Horizonte» — O autor viu mais uma vez as realidades dos agros do Sul, embora em rápidas e expressivas anotações de uma discreta e hábil literatura-documental, peculiar do seu particularíssimo estilo: o tenaz capricho, o fascínio dooloso com que a direita trata o Alentejo, como se fosse um território amaldiçoado pelos cúmplices do antigo regime fascista, que não ousam prosseguir as obras da Grande Barragem do Alqueva, simplesmente para agradar a interesses contrários às necessidades nacionais e «penalizar um povo que não sancionou a presença dos seus elementos nos lugares do Estado». Como no tempo de Salazar.

As crónicas que vêm neste texto foram inseridas no jornal «Diário de Lisboa» durante o Verão de 1982, e mais não são de que um depoimento vigoroso, objetivo e patriótico, contra os intentos retrógrados da Direita, escritos por um autor que defende a sua terra e o seu povo, contra quem as quer destruir.

Como disse Ferreira de Castro, já então observando a trajectória deste versátil e animista prosador, de pessoalíssima voz: «O Alentejo deve orgulhar-se de si!»